

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS-UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**CLARICE MARIA REIS GODINHO**

**HISTÓRIAS DE LETRAMENTO E CONCEPÇÕES DE LEITURA DE ALUNAS DO  
CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO NORDESTE  
BRASILEIRO**

**São Leopoldo**

**2015**

CLARICE MARIA REIS GODINHO

HISTÓRIAS DE LETRAMENTO E CONCEPÇÕES DE LEITURA DE ALUNAS DO  
CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO NORDESTE  
BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e práticas escolares.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dorotea Frank Kersch

São Leopoldo

2015

G585h Godinho, Clarice Maria Reis  
Histórias de letramento e concepções de leitura de alunas do curso de pedagogia de uma universidade pública do nordeste brasileiro / Clarice Maria Reis Godinho. -- 2015.  
117 f. ; 30cm.

Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2015.  
Orientadora: Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch.

1. Letramento. 2. Histórias de letramento. 3. Concepção - Leitura - Aluna - Curso de Pedagogia. 4. Linguagem. I. Título. II. Kersch, Dorotea Frank.

CDU 372.41/.45

CLARICE MARIA REIS GODINHO

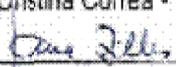
**"HISTÓRIAS DE LETRAMENTO E CONCEPÇÕES DE LEITURA DE ALUNAS DO  
CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO NORDESTE  
BRASILEIRO"**

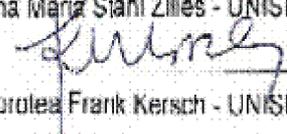
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 30 de setembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Márcia Cristina Corrêa - UFSM

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Ana Maria Stahl Zilles - UNISINOS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Dorotea Frank Kersch - UNISINOS

A Deus, fonte de conhecimento e sabedoria

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, por fornecer forças para continuar nesta caminhada.

À UEMA, pela oportunidade de qualificação.

À professora Dra. Dorotea Frank Kersch, pela imensa paciência e disposição na orientação deste trabalho.

Aos professores do curso de pós-graduação, pela contribuição nesta jornada.

Aos meus pais, pela minha introdução no mundo da leitura com seus incentivos.

Aos meus familiares, marido, filhos, irmãos, tios, primos e sobrinhos, pelo incentivo e apoio.

Aos meus colegas, Benigna, Cleia, Elizabeth, Fernando, Ilza, Leia, Leila, Maria das Graças, Maria de Fátima, Maricélia, Mônica e Sílvio, pelos momentos que passamos juntos.

À Cleia Azevedo, pelo incentivo.

À Tereza Cristina, pelo incentivo.

Às alunas que participaram na pesquisa, pela grande contribuição.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este estudo tematiza as histórias de letramento das acadêmicas do curso de Pedagogia de uma universidade do Nordeste brasileiro, permitindo a reflexão sobre a formação leitora e sobre a atuação profissional a partir da sua capacidade de ser usuária da língua, tendo como ponto inicial a história de leitura e as influências dos contextos de letramento que fizeram parte, tanto na escola, como em outros espaços sociais. Pesquisa vinculada à linha de pesquisa Linguagem e Práticas Escolares do Mestrado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Tem como objetivo identificar as histórias de letramento e concepções de leitura de alunas do 5º período do Curso de Pedagogia de uma Universidade pública e seus desdobramentos na formação leitora e na vida social. Participam desta pesquisa cinco alunas do 5º período do curso de Pedagogia. A natureza da pesquisa é qualitativa, trazendo uma análise situada dentro da história de leitura de cada entrevistada. O instrumento utilizado para obter dados foi a entrevista semiestruturada, composta de questões sobre o início da alfabetização, concepção de leitura, eventos de letramento e escolha do curso Pedagogia, dentre outros. Para fundamentar o trabalho, buscou-se apoio nos estudos teóricos de Bakhtin (2006), Geraldi (2006), Brito (2003), Kleiman (1995, 2005, 2012) Silva (1998,1999), Soares (2005, 2012), Zilles (2009), Kersch (2012), além de outros autores. Os resultados mostram que o percurso de formação acadêmica traz contribuição das vivências em diversos contextos de letramento e da forma de atuação como professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A investigação contribui para os estudos linguísticos, à medida que permite a discussão do acadêmico no processo de formação do professor como usuário da língua materna e atuante como alfabetizador.

**Palavras-chave:** Histórias de letramento. Concepções de leitura. Linguagem. Letramento.

## ABSTRACT

This study discusses the stories of literacy of academic course in Pedagogy of a University in Northeastern Brazil. These designs allow us to reflect on the training and on the reader professional performance from their users language capacity, having as starting point the history of Reading and literacy contexts influences that were part of their training, both at school, as in other social spaces. The research thinks linked to the research Language and School Practice of Post-Graduation Program in Applied Linguistics at the Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). It aims to identify the stories of literacy and conceptions of students Reading the 5th period of the course in Pedagogy of a public University and its offshoots in the reader formation in social life. It have participated in this survey five students of the fifth period of the course in Pedagogy of that University. The nature of the work is interpretative, bringing a qualitative analysis located within the history of Reading each interview. The instrument used to obtain data was the semi-structure interview, conducted in the schools of the participants, composed of questions about the beginning of literacy, reading, design literacy events and choose the course Pedagogy, among others. To support the work, sought to theoretical studies in Bakhtin (2006), Geraldi (2006), Brito (2003), Kleiman (1995, 2005, 2012) Silva(1998,1999), Soares (2005, 2012), Zilles ( 2005), Kersch e Silva (2012), in addition to others authors. The results show that the academic training path brings the contribution of experiences in various contexts of literacy and the way of acting as teachers of the early of Elementary School. The research contributes to linguistics studies, as long as allows discussion of the academic in the formation of teacher as the mother tongue user and action as teacher.

**Keywords:** Literacy stories. Conceptions of reading. Language. Literacy.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> Características das Entrevistadas.....	48
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Alfabetização e letramento: revisando conceitos .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 A Linguagem como Centro de Atenção da Vida Escolar.....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 Concepções de leitura .....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 Mitos e Mediação na prática da leitura .....</b>	<b>35</b>
<b>2.5 Leitura voltada para a formação docente .....</b>	<b>44</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 Caracterização das entrevistadas.....</b>	<b>50</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1 Concepção de leitura das acadêmicas .....</b>	<b>55</b>
<b>4.2. O processo de alfabetização e a compreensão das histórias de letramento das participantes da pesquisa.....</b>	<b>62</b>
<b>4.3 Práticas de leituras no contexto familiar e sua influência na formação docente.....</b>	<b>69</b>
<b>4.4 Importância das experiências de leitura para o cotidiano e para a vida profissional</b>	<b>75</b>
<b>4.5 História de letramento e as vivências de leitura que influenciaram a escolha do curso de Pedagogia.....</b>	<b>80</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>100</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano utiliza várias maneiras para se comunicar. Isso caracteriza a linguagem, uma capacidade humana que permite a criação e a recriação da forma do homem atuar no mundo. Uma das manifestações da linguagem é a língua, que proporciona ao homem se identificar como pertencente de uma determinada comunidade, fazendo sentido nas relações exercidas numa dada coletividade. Nesse contexto, vê-se que o uso da leitura e da escrita é elemento fundamental no processo de letramento em uma sociedade que procura formar seus membros no âmbito de uma cultura letrada. A leitura e a escrita têm seu grau de importância para a vida cotidiana, porém, com o desenvolvimento da sociedade, a forma de conceber leitura e escrita vem sendo alterada em meio ao crescimento de todo aparato tecnológico. A concepção de letramento que vem sendo construída nas últimas décadas procura superar a aquisição da leitura e escrita, dando ênfase às práticas sociais.

As sociedades foram evoluindo, passando por transformações sociais e econômicas, o que gerou um grau de exigência pautada no conhecimento sistematizado. A evolução da tecnologia marca as relações do homem na contemporaneidade, o que caracteriza e justifica a importância da escola, como instituição com condições de socializar os saberes elaborados, dentre eles o acesso ao conhecimento e domínio da língua materna.

Assim, a escola tem uma função social definida e fundamental, que na concepção de Guedes-Pinto, no prefácio do livro: “Prática de leitura na infância, imagens e representações”, de Silva (2008), destaca que a escola precisa “[...] possibilitar o acesso e a apropriação do conhecimento historicamente acumulado àqueles que a frequentam”. A escola possibilita, pois, que seus membros possam acompanhar o nível de complexidade da informação e seu respectivo tratamento.

No entanto, na realidade atual, a escola não está conseguindo responder a esta função. No contexto da Universidade, defrontamo-nos com as dificuldades de leitura que os concluintes da educação básica trazem ao ingressar no ensino superior, o que colabora para as dificuldades na formação docente, quer seja inicial ou continuada. A Universidade precisa ser espaço para a formação do homem como sujeito social que precisa ser formado para atuar nas práticas sociais, cumprindo o papel de articulador de conhecimento a partir da pesquisa, extensão e ensino. Para tanto, a instituição precisa repensar as formas de trabalhar leitura e escrita tendo em vista a superação das dificuldades trazidas pelos acadêmicos ao adentrar na instituição de ensino superior.

As ideias apresentadas nas entrevistas das alunas pesquisadas denotam como vem sendo construída a história de vida e a formação profissional das mesmas. Para desenvolver este trabalho, partimos das seguintes questões norteadoras: quais as concepções de leitura das cinco alunas do 5º período do curso de Pedagogia da universidade pesquisada? Qual a história de letramento vivenciada por essas acadêmicas? Como as concepções de leitura que possuem podem contribuir para sua formação? Como a história de leitura e experiência de letramento vivenciadas antes do acesso à universidade contribuem na sua formação como professora?

Discutir a formação do pedagogo leitor perpassa a construção da capacidade de ser usuário da língua, com competência e possibilidade de interferir no contexto em que vai atuar e na sua função principal de alfabetizador. Por este fato, o tema escolhido – Histórias de letramento e concepções de leitura de alunas do curso de Pedagogia de uma universidade pública do Nordeste brasileiro é fundamental por permitir a reflexão sobre a formação leitora e sobre a atuação profissional e social das acadêmicas nessa região do país.

No processo de formação do pedagogo é preciso priorizar e intensificar a prática da leitura na perspectiva de que esse licenciado seja um leitor autônomo, reflexivo, crítico, criativo, questão que se confronta com as condições de formação básica dos alunos nos anos escolares anteriores à universidade. A realidade provoca a dificuldade do acadêmico de ser leitor, condição primordial para o trabalho docente desse profissional. Dentro dessa perspectiva, é importante afirmar que as práticas de leitura precisam ser vivenciadas no contexto da universidade e devem envolver os alunos de forma efetiva, utilizando os diversos gêneros textuais/discursivos. Para tanto, a universidade precisa incentivar os acadêmicos a produzir conhecimentos e familiarizá-los com a pesquisa científica) e, para que isso aconteça, é importante dar sentido às suas práticas de leitura e às vivências nas suas histórias de vida.

O contexto no qual o presente trabalho se desenvolve é formado pela pesquisa da concepção leitora de acadêmicas de pedagogia que são professoras da educação básica. Uma das principais funções na profissão docente dessas acadêmicas é formar leitores, que são os seus alunos. No desempenho da docência essas pesquisadas encontrarão vários desafios e um desses desafios será “[...] formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita. É formar leitores [...]. É formar seres humanos críticos, capazes de ler as entrelinhas [...]” (LERNER, 2002, p.27).

É preciso que a concepção de leitura das acadêmicas não seja somente teórica, mas que faça parte da sua prática leitora, para que essa prática influencie de forma significativa a ação educadora das mesmas, pois o público a quem elas atenderão é formado

por crianças dos anos iniciais do ensino fundamental que estão em processo de alfabetização e (essas crianças) têm a necessidade de encontrar no professor alfabetizador as orientações e incentivos que necessitam para embasar sua educação e sistematização do conhecimento escolar. Por isso, elas, professoras, precisam se inteirar das características e das particularidades desse público, como também atender aos seus anseios e às suas curiosidades para que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita possa ser apreendido tendo como base os conhecimentos linguísticos construídos socialmente antes de o aluno frequentar a escola.

Valendo-nos desses aspectos, o trabalho tem uma relevância acadêmica na medida em que se pretende ampliar o universo de conhecimentos das alunas de pedagogia, concernente ao uso da linguagem, aqui entendida como interação social. Priorizamos e enfatizamos a prática da leitura, por entender que essa habilidade é indispensável para a compreensão e para o uso da língua materna. A universidade deve ser espaço para aprimorar os saberes linguísticos indispensáveis para o exercício da profissão docente e interação ao meio social. É importante destacar que, por mais que existam inúmeras pesquisas sobre essa temática, não serão esgotadas as visões, porque o contexto sociocultural dos envolvidos será sempre levado em conta e esse será original, o que torna esta pesquisa única.

A pesquisa tem como objetivo geral identificar as histórias de letramento e concepções de leitura de alunas do 5º período do Curso de Pedagogia de uma Universidade pública do Nordeste e seus desdobramentos na formação leitora e vida social.

E, como objetivos específicos, compreender como as práticas de leitura e histórias de letramento vividas fora da instituição influenciaram na formação docente e escolha da profissão; discorrer sobre as histórias de letramento vivenciadas pelas entrevistadas, tendo como parâmetro a influência na formação e identificar a relação das histórias de leitura e experiências de letramento no processo de prática docente.

É certo que investigar as concepções de leitura na vida de um dado grupo possui uma relevância social, pois se perceberá a tradição cultural de leitura que as participantes da pesquisa apresentam. Terá uma grande contribuição para a formação dos alfabetizadores, pois se entende que as práticas de leitura estão fundamentadas na diversidade social, e são inúmeros os contextos inspiradores dessas práticas, além de elas ocorrerem de diferentes modos, sendo-lhes atribuídos diferentes valores. O trabalho se insere na linha de pesquisa “Linguagem e Práticas Escolares”, do programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS.

Considerando que a pesquisadora tem formação inicial em Pedagogia e desenvolve suas atividades docentes no ensino superior desde 2004 com a formação de Pedagogos, isso permite aproximação com acadêmicas desde o início do curso. A escolha de trabalhar com alunas do 5º período se deve ao fato de, no decorrer do trabalho pedagógico, ser percebida a dificuldade dos alunos com relação à leitura vivenciada na interpretação dos textos. Esse fato é um dos nortes desta pesquisa. A opção de escolher alunas do quinto período do curso se justifica por entender que, mesmo elas já estando na metade do curso, ainda há dificuldades que não foram superadas no que se refere à prática de leitura e escrita, e por isso, é necessária uma atenção especial para esse grupo, pois serão formadoras de leitores, seus alunos.

Para compreender as histórias de leitura das alunas de Pedagogia que investigo aqui, percorri um longo caminho. Reporto-me às reflexões que embasam a construção da minha identidade leitora, enfocando, na condição de pesquisadora, a posição comunicativa frente às memórias de leitura, parâmetros que vão estabelecendo relações de aproximação com as histórias relatadas pelas entrevistadas.

Ora, mas pensar nesse passado é, para mim, buscar representações mentais de fatos que me transformaram no que sou atualmente, dos saudosos momentos e toda essa mistura de sentimentos que deixa saudades. E, quando essas lembranças têm como pano de fundo o que envolve o universo leitor, então é que se tem mais saudade, pois o que nos aproxima das pessoas é a interação que temos com elas.

Venho de uma família geograficamente localizada no interior do Maranhão, com uma cultura de criador de gado e cultivador de terra. O início dessa história tem a presença do meu avô materno que, ainda jovem, por seu esforço e vontade de estudar, aprendeu a ler sozinho (autodidata) nas primeiras décadas do século XX, no interior do nordeste brasileiro em uma época e região que não possuíam a cultura do conhecimento escolarizado. Isto é, as pessoas tinham pouco acesso (ou às vezes nenhum) ao conhecimento dos livros e, por isso, a leitura de textos era algo muito raro.

O meu avô materno, segundo relato da minha mãe, era um homem exemplar, com muitas qualidades, muito educado, estabelecia relações de liderança com a comunidade. Ela (minha mãe) se lembra das práticas de leitura em voz alta de material do cotidiano, como por exemplo, folhetos informativos. Por esta prática de leitura na comunidade, meu avô ensinava as pessoas da região a ler. **Por causa da escassez de material didático, produzia seu próprio material, utilizando-se de tinta e pena para escrever. Com isso, na falta de professor com**

formação, logo se tornou professor da comunidade em que vivia (ensinava as crianças a ler e escrever e aos adultos a escrever o próprio nome).

Um fato interessante é que a minha mãe e o meu pai pertencem à mesma comunidade e da mesma família, eles são primos. O avô de quem falo é pai da minha mãe e tio do meu pai. Vale ressaltar que, culturalmente, as mulheres daquela região eram educadas para serem donas de casa, e a leitura e escrita eram consideradas algo supérfluo. No entanto, o meu avô tinha o entendimento da importância da aprendizagem da leitura e, por isso, ele mesmo alfabetizou sua filha, hoje minha mãe, e também seus sobrinhos, inclusive o meu pai.

As práticas de letramento do meu avô trazem para o meu pai vivência com leitura de tal forma que meu pai praticava leitura com frequência no lar, tornando-se, assim, o meu modelo de leitor mais próximo. E, por ser nordestino, a prioridade era (e continua sendo até os dias atuais) a leitura dos textos de cordel, que, de tanto lê-los, até aprendeu a musicalizá-los. Vale destacar que meu pai também é leitor assíduo de noticiário de jornais, algumas revistas e ainda dos textos bíblicos. Esse é o contexto no qual nasci e cresci, vivenciando os eventos de letramento no seio do grupo familiar. Minha experiência de leitura, protagonizada por meus pais, vem confirmar o que diz Silva (2011, p.47): “A leitura, enquanto uma forma de participação, somente é possível de ser realizada entre os homens”.

No final dos anos 60 do século XX, no interior do Estado do Maranhão, eu, primogênita de uma família de 7 filhos, iniciei minha vida escolar sendo matriculada no “grupo escolar” (denominação da escola para as séries iniciais do ensino fundamental naquela época) aos seis anos de idade. Entretanto, após um mês de aula, tive que deixar de frequentar a escola naquele ano, por não ter 7 anos de idade (tempo convencionado como correto para ingressar na 1ª série). Por causa desse fato, fiquei muito triste, uma vez que um dos meus sonhos era frequentar a escola. Para compensar, minha mãe cuidou de ensinar minhas primeiras letras e sílabas em casa, utilizando como material didático a carta de ABC<sup>1</sup>. Em seguida, através da cartilha, ensinou-me também a ler as primeiras palavras (no primeiro momento a leitura era das figuras e não das palavras).

A atitude da minha mãe de me ensinar a ler era apoiada pelo meu pai, que comprava de presente livros de literatura infantil e também de histórias bíblicas, numa versão para crianças, que eram lidos pela minha mãe para os filhos. Essa prática familiar de eventos de letramento contribuiu para que, ao completar sete anos, eu chegasse ao ensino

---

<sup>1</sup> A leitura era realizada por meio das cartas do ABC que apresentavam as letras do alfabeto nas suas variadas formas (maiúsculas, minúsculas, manuscrita e imprensa). O método alfabético que tem a letra como unidade de estudo, em anexo a imagem do material da minha infância.

fundamental, agora com a certeza que iria permanecer, já com o conhecimento das letras e de algumas palavras.

Como tudo que acontece tem seu lado positivo, o trabalho de alfabetização iniciado por minha mãe contribuiu para que eu, após dois meses de aula, fosse promovida da 1ª série “fraca” para a “forte”. Era essa a denominação utilizada no colégio naquela época para selecionar alunos que chegavam à 1ª série, e que, após a realização de testes de leitura, eram divididos entre os que sabiam e aqueles que não sabiam ou não conheciam ainda as letras do alfabeto. A partir daí, o meu percurso de aprendizagem de leitura seguiu sem contratempos.

Recordo que todo início de ano letivo meu pai comprava com antecedência meu material escolar, e eu tinha a curiosidade de ler, antes mesmo do início das aulas, os textos do livro de língua portuguesa (isso era uma prática de todos os anos). De tanto ler esses textos, memorizei vários deles, sendo que até hoje continuam em minha memória.

Vale lembrar que, naquele período, final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX, os professores das séries iniciais do fundamental não tinham a preocupação de trabalhar a importância da leitura como fator que proporciona a interação. Somente era cobrada a capacidade do aluno para a pronúncia, entonação e pontuação na leitura dos textos, ou seja, apenas a decodificação. Utilizavam-se umas das concepções redutoras que segundo Silva (1999, p.12) “ler é ler em voz alta, obedecendo às regras de entonação das frases [...], a atenção docente se volta para a eloquência ou expressividade verbal [...]”. Mesmo assim, não impediu meu interesse pela leitura, não somente dos textos do livro didático, mas também de outros tipos, principalmente os literários.

O sonho de criança, de brincar de ser professora, exigindo de meus alunos (naquele momento eram meus irmãos e colegas da vizinhança) que fizessem a leitura corretamente, se concretizou no ensino médio, quando optei pela formação em magistério. Por gostar de ser professora, na graduação, optei pelo curso de pedagogia por entender que seria um espaço oportuno para melhorar minha prática leitora, pois a formação acadêmica possibilita o acesso a uma diversidade maior de textos, mais elaborados e complexos. Isso contribuiu para ampliar os conhecimentos sistematizados indispensáveis ao exercício da docência.

Embora eu lembre que a leitura foi mais intensificada no espaço escolar, não reconheço nos professores um modelo mediador para a minha formação leitora como reconheço em meus pais. Essa observação nos remete à afirmação de Zilles (2009), baseada nos estudos de Bohn (2004, p. 122) de que “no estudo dos processos de formação do leitor, há

que se considerar o fato de que o mediador preferencialmente lembrado por relatos de leitores é muito frequentemente um membro da família e poucas vezes um professor”. (ZILLES 2009, p.135). Significa dizer que é preciso que o professor esteja mais atento à necessidade de atuar como mediador no ato da leitura junto a seus alunos, orientando-os e despertando-os sobre a importância de se tornarem leitores e não apenas decodificadores de signos linguísticos.

Na oportunidade de produção desta dissertação, entendi que a minha história de leitura me constituiu como profissional e leitora. A minha identidade de leitora foi sendo construída a partir das representações dos eventos de letramento da minha família, espaço em que aprendi a interagir com a leitura de diversos tipos de textos, e essa prática me proporciona a continuar a ir além da formação de leitora, como bem afirma Martins (2012, p. 15): “[...] aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele”. Significa dizer que a prática de leitura desenvolvida pela família proporciona a formação do leitor, para interagir e atuar nos espaços sociais que frequenta.

A partir dessa compreensão, entendo a importância de pesquisar a concepção de leitura das acadêmicas de pedagogia como forma de ter um olhar da formação desse profissional enquanto leitor, que formará novos leitores. Os eventos de letramento familiar são uma das condições que contribuem de forma significativa, positiva ou negativa no letramento escolar.

O trabalho organiza-se em cinco capítulos. Esta introdução, que situa um pouco da minha história de leitura, dando ênfase às marcas do processo de escolarização. Tomando como referência a minha história de leitura, procuro compreender as concepções de leitura das acadêmicas e a relação com o processo de formação docente. Apresento também um panorama da pesquisa justificando a escolha do tema e delimitando o problema e os objetivos, tendo em vista uma das preocupações presentes no trabalho de formação acadêmica, ou seja, a forma como o aluno interage com a leitura, que no caso desta pesquisa, busca argumento na história de letramento.

No capítulo dedicado à fundamentação teórica, apresentamos os conceitos básicos utilizados no trabalho, que estão apoiados em autores interacionistas entre eles Bakhtin (2003, 2006), Brito (2003, 2012), Geraldi (2006), Kersch e Silva (2012), Kleiman (1995, 2005, 2012), Soares (2003, 2012), Silva (1998, 1999), Zilles (2009), entre outros. Esse capítulo está dividido em seções: alfabetização e letramento: revisitando conceitos; a linguagem como centro da atenção da vida escolar e a concepção de leitura ao longo da formação docente. As seções tratam dos conceitos e da importância que possui a alfabetização, letramento,

linguagem e a concepção de leitura para a formação do pedagogo. A abordagem parte da concepção de linguagem como interação.

No terceiro capítulo, a metodologia, descrevemos os procedimentos metodológicos e os instrumentos utilizados na pesquisa. Detalhamos também o caminho para a escolha do grupo, pesquisado e a sua identificação no momento da análise e as categorias que deram suporte ao diálogo entre as histórias de letramento e os conhecimentos teóricos dessa investigação.

No quarto capítulo, que se refere à análise dos dados, abordam-se os achados da pesquisa, tendo como foco as categorias analisadas: concepção de leitura das acadêmicas; aquisição do processo de alfabetização e a compreensão das histórias de letramento; participação da família no processo de alfabetização e formação leitora; importância das experiências de leitura no cotidiano e na vida profissional; influência na escolha do curso de Pedagogia.

No quinto capítulo, dedicado às considerações finais, destacamos as reflexões constatadas na investigação acerca das práticas de letramento a partir da história de leitura de cada acadêmica e dos objetivos previstos para esta pesquisa, respondendo a intenção de formar pedagogo que tenha uma relação crítica com a leitura.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão apresentados os aspectos teóricos que darão sustentação a esta pesquisa. O entendimento dos conceitos aqui exibidos, tais como leitura, concepção de leitura, letramento e linguagem serão indispensáveis para a construção desse trabalho.

A experiência da autora desta pesquisa, como professora da disciplina Fundamentos da Alfabetização em Pedagogia, faz com que se perceba a necessidade de uma prática de leitura mais significativa na educação básica. Isso porque os alunos egressos da educação básica chegam ao ensino superior com grandes lacunas no que diz respeito ao domínio da leitura e da escrita. Logo, essas lacunas atrapalharão o aprendizado dos alunos no ensino superior, pois eles não apresentam domínio da língua, um dos requisitos para formação docente. Percebe-se também a necessidade de preparação e qualificação, uma vez que eles serão formadores de leitores.

Para tanto, é indispensável que a formação inicial na universidade lhes dê embasamento teórico/prático para que exerçam de maneira crítica a função de educadoras alfabetizadoras e possam provocar mudanças significativas na vida dos indivíduos. Esse embasamento é importante para a construção de um leitor autônomo e crítico. Dentro dessa dimensão, conceber a linguagem como interação é requisito para o trabalho do professor alfabetizador a que esse acadêmico se propõe, visto que “[...] a educação linguística [...] é alvo do processo de formação, numa concepção sociointeracionista da aprendizagem, também fazem parte integral desse processo os saberes pré-constituídos do aluno-professor em formação a respeito de linguagem” (MATÊNCIO, 2005, p.204 - 205).

Um dos argumentos desta pesquisa é considerar a linguagem e sua importância como fator socializador da língua. Para tanto, utilizaremos os estudos desenvolvidos por Bakhtin (2006), Geraldi (2006), Travaglia (2009). Entendemos, então, que a linguagem ocupa papel fundamental no trabalho do professor, pois é através dela entre os indivíduos que a sociedade se desenvolve. A linguagem constitui o ser humano como ser social, que interage com seu semelhante.

Bakhtin defende que “[...] a língua, para a consciência dos indivíduos que a falam, de maneira alguma se apresenta como um sistema de formas normativas” (BAKHTIN, 2006 p.97), mas sim como prática social que é adaptada e modificada de acordo com a comunidade que a utiliza. Nesse entendimento de linguagem, é importante destacar que “não há linguagem sem possibilidade de resposta. Falar é falar a outros que falam e que, portanto, respondem” (AMORIM, 2004, p. 95).

A comunicação se dá, principalmente, através da língua e é influenciada pelas experiências do indivíduo em cada contexto, tornando a língua dinâmica e não estática, portanto não limitada apenas a regras e normas. A língua é uma prática viva, encontra-se relacionada à consciência linguística do locutor e do interlocutor, o que permite que a palavra seja empregada nas mais diferentes enunciações dos locutores, nas mais diversas enunciações de sua prática linguística. Bakhtin (2006) deixa claro que a palavra sempre se dá em contextos de enunciações definidos e próprios de um contexto ideológico.

É importante destacar que o indivíduo utiliza a língua em situações concretas, em um contexto concreto, assim sendo, regras são abstratas e podem ser alteradas, o que caracteriza a língua como algo indispensável à interação entre os homens “[...] por sua prática viva de comunicação social” (BAKHTIN, 2006 p.97). Utilizando-se da língua, os sujeitos interagem por meio da linguagem dando à língua significados diversos, de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Segundo Amorim (2004), a linguagem pode ser entendida como algo essencial nesse processo verbal que é a fala, pois os seres humanos interagem através dela, e essa ação acontece numa oscilação entre aquele que fala e o que responde, proporcionando o entendimento da linguagem como interação.

O uso da língua envolve interação verbal por meio de textos falados ou escritos e, para que se compreendam as diferentes possibilidades de emprego da língua, é importante compreender as funções e as manifestações da escrita. Dentro dessa dimensão, essa sessão apresenta os aspectos teóricos. Para tanto, é válido destacar a necessidade do entendimento no campo educacional dos fundamentos teóricos sobre alfabetização e letramento, como descreveremos na seção seguinte.

## **2.1 Alfabetização e letramento: revisando conceitos**

O termo alfabetização é, muitas vezes, utilizado como sinônimo de letramento, porém é necessário compreender o real significado de ambos os termos e, para tanto, buscamos os estudos de Soares (2003), que afirma ser a alfabetização a capacidade de saber ler e escrever. Esse conceito foi utilizado por muito tempo por educadores e estudiosos da língua materna.

Soares (2012) afirma que o termo letramento chegou ao Brasil na segunda metade dos anos 80 do século XX. Mary Kato, segundo a autora, foi uma das primeiras a discorrer sobre o assunto. O termo é tão discutido no Brasil que outros autores abordaram a temática,

entre eles Kleiman (1995, p.18), quando destaca que “o letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social [...]”, desde que envolvam, de forma direta ou indireta, a escrita.

Nesse prisma, letramento, para Soares (2012), resulta da ação que leva a ensinar e aprender a ler e a escrever e está relacionado à condição de um grupo ou indivíduo ter-se apropriado da escrita. Por esse fato, destaca que alfabetizado é apenas aquele que lê e escreve, mas não é usuário da língua escrita, isto é, não incorpora o uso da leitura e escrita nas suas práticas sociais. Tais concepções representam uma mudança histórica nas questões sociais, principalmente na escola.

Um ponto significativo destacado por Soares diz respeito à possibilidade de que um indivíduo seja analfabeto, mas nas práticas sociais apresente níveis de letramento com condições de interagir com os sujeitos no seu convívio social. Soares (2012, p.17) afirma que no conceito de letramento está implícita “a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, cognitivas e linguísticas,” para aqueles que aprenderam a usá-la, nos mais diversificados espaços da vida social.

Para a autora, a alfabetização não se resume a uma habilidade, mas a um processo de aquisição da língua oral e da escrita, que tem natureza complexa e multifacetada. “Essas facetas referem-se, fundamentalmente, às perspectivas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e propriamente linguística do processo”. (SOARES, 2012. p.18). Por isso, é importante o diálogo entre as diversas áreas mencionadas pela autora e, ainda, deve ser levada em conta a influência do contexto social no processo de alfabetização, tendo como parâmetro o desenvolvimento da língua, um processo ininterrupto.

Nos estudos de Kleiman (1995), o conceito de letramento passou a ser usado como possibilidade de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização. Nesse ponto, a autora recorre a Paulo Freire, dando ênfase à formação da consciência crítica tendo em vista a democratização da cultura. Os avanços desses estudos permitiram ver letramento como um conjunto de práticas sociais que, a partir da leitura e escrita, utiliza para finalidades específicas em um contexto em que essas práticas são valorizadas.

Nessa abordagem, o fenômeno do letramento atinge diretamente todas as instituições. Kleiman (1995) reafirma que a concepção de letramento abrange um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade

e de poder. Em trabalho posterior, complementa que o letramento extrapola o mundo da escrita:

A análise da obra de Freire (2006) nos mostra que as práticas sociais desenvolvidas no seio familiar e ao seu redor (comunidade) favorecem a construção própria (daquele meio) de significado para a leitura e escrita que aqui vamos denominar de “letramento familiar”. Essas práticas servirão de embasamento para os demais conhecimentos de leitura e escrita nos quais o indivíduo participará na sua vida social, inclusive, o espaço escolar.

Kersch e Silva (2012), ao discorrerem sobre os estudos de Street (2006), destacam que, numa prática de letramento, está presente a identidade associada a essa prática, o que permite afirmar a falsa neutralidade dos eventos de letramento. Para as autoras, as práticas de leitura e de escrita variam de uma sociedade para outra, são determinadas pelo contexto social que envolve os indivíduos, são situadas no tempo e no espaço.



familiar é um vínculo importante para que se compreenda o desenvolvimento das crianças, além de ajudar a compreender os eventos de letramento de que elas participaram.

Na comunicação escola e família são evidenciadas organizações interacionais por meio de textos escritos. Schnack (2014) analisa as configurações familiares em torno do bilhete escolar, um evento de letramento de extrema importância na relação escola e família.

Goulart (2012) lembra que é necessário que a escola tenha um olhar mais sensível sobre a “prática de letramento familiar”, pois os acontecimentos, as interações e todas as formas de manifestações que acontecem no seio familiar em que se tenha a presença de escritos de forma efetiva são denominados de eventos de letramento. Esses eventos familiares são de fundamental importância para a inserção do indivíduo nos espaços sociais, pois, segundo o autor, quando se desenvolvem discussões sobre a escrita e sua utilidade nos diversos espaços sociais, é sinal que estamos interessados em compreender as implicações do letramento familiar que o autor conceitua como sendo:

O conjunto de práticas sociais que tem lugar nos entornos familiares, bem como as relações que aí se estabelecem com a leitura e a escrita, são de grande relevância [...]. Olhar de modo minucioso para as particularidades dessa relação nos convida a refletir sobre especificidades do letramento familiar, campo no qual temos nos arvorado a fim de implementar sua dimensão teórica, levando em conta a dificuldade de referenciar estudos dessa natureza na amplitude de bibliografias sobre o fenômeno do letramento.

formas de como é concebida a linguagem e as práticas decorrentes dessas concepções que nortearam e norteiam o ensino escolar.

O professor, principalmente o que ensina a língua materna, tem uma concepção de linguagem que direciona sua prática, como também uma concepção de educação que deve estar relacionada. A este respeito, Travaglia (2009, p.21) destaca que

O modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação.

Discutir as concepções de linguagem e os conceitos subjacentes a tais concepções é fundamental para a definição do caminho que direciona a investigação aqui desenhada. Para Geraldi (2006), há três concepções de linguagem: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como meio objetivo para a comunicação e linguagem como processo de interação. Essas concepções também aparecem em Travaglia (2009).

A linguagem como expressão do pensamento, primeira concepção, busca explicar a linguagem a partir do ato individual em que a enunciação acontece no psiquismo do indivíduo, exteriorizando-se, objetivamente, para o outro com a ajuda de algum código de signos exteriores. Dessa forma, se constrói no interior do indivíduo e é vista como um produto acabado com um sistema estável.

Travaglia (2009, p.22) afirma que “[...] para essa concepção, o modo como o texto que se usa em cada situação de interação comunicativa está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala”. Assim sendo, o homem já nasce com capacidade de exteriorizar o que pensa. Nesse caso, se tem dificuldade de se comunicar, é por falta de organização do pensamento. Corresponde à concepção tradicional de ensino que acredita que as pessoas que não conseguem se expressar não pensam corretamente. Significa dizer que, para que sejamos aceitos como seres pensantes, é necessário que esses pensamentos sejam externados, e isso seria possível através da utilização da linguagem.

Na segunda concepção, linguagem como meio objetivo para a comunicação, o centro encontra-se no sistema linguístico, que envolve as formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua, que é considerada como um aspecto imóvel, externo e, por essa razão, não recebe influência da consciência individual, é independente. Desta maneira, de acordo com essa concepção, a língua é um sistema estável, imutável, organizado por leis linguísticas que se caracteriza como um sistema fechado.

## Travaglia complementa ainda que

Nessa concepção, a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. (TRAVAGLIA, 2009, p.22).

Para essa concepção, a linguagem é concebida como instrumento de comunicação, entendendo a língua como códigos com condições de realizar a comunicação. Por esse fato, existem regras que devem ser observadas pelos envolvidos na comunicação. Na comunicação entre o que transmite a mensagem e o seu receptor, é indispensável o domínio do código, uma vez que a língua é entendida nessa concepção como um conjunto de signos que obedece a determinadas regras de acordo com meio em que é utilizada.

Para a terceira concepção, a linguagem como processo de interação, a linguagem não é constituída por um sistema abstrato, nem pela enunciação dirigida por uma língua como código, e sim pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação relacionada com o contexto real do homem, concreta. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. Nessa abordagem, a língua constitui um processo em evolução que se realiza através da interação verbal social dos interlocutores.

De acordo com essa forma de conceber a linguagem, a natureza do fenômeno é histórico-social, e a fala constitui um acontecimento social, está sempre ligado às estruturas sociais, o que dá ao enunciado uma estrutura social. O diálogo acontece não só no uso da língua falada, mas toda forma de interação. Bakhtin (2006) discorre sobre diálogo afirmando que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p.125).

A linguagem é, pois, concebida como um lugar de interação humana. Por essa forma de conceber a linguagem, o ensino implica uma postura que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, em que os sujeitos constituintes dessas relações são os próprios falantes; como também podemos perceber na afirmação de Dalla Zen (2011, p. 49), “a linguagem é vista como um meio de interação humana em que os falantes se tornam sujeitos construtores de relações sociais”.

Podemos entender que a linguagem não é somente uma troca de informação entre as pessoas, mas sim uma possibilidade de interação humana, de construção de sentidos, que só acontece no contato entre quem fala e quem ouve, criando, assim, vínculos decorrentes dessa aproximação, pois, quando falamos, nos dirigimos a alguém que, naquele momento, torna-se o ouvinte, e é também um ser concreto, que não apenas nos ouve, mas concorda, discorda, opina, acrescenta, discute, complementa. “A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico” (TRAVAGLIA, 2009, p.23).

Para a compreensão do termo linguagem, como já explicitamos, há várias concepções que expõem sua amplitude. Nesta pesquisa, adotamos as visões de Bakhtin (2004), Geraldi (2006), Travaglia (2013), que compreendem a linguagem como forma de interação.

Nessa abordagem, a interação é o ponto de partida e de chegada das ações do sujeito, e a linguagem “o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos.” (GERALDI, 2006, p.41). De acordo com essa concepção, a língua não é abstrata, mas concreta e está relacionada a um contexto, pois,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. BAKHTIN (2006, p.125).

Essa forma de conceber a linguagem caracteriza a importância das relações dos homens uns com os outros, no momento em que produzem as formas particulares de interação com os pares. Geraldi (2006, p.42) destaca que [...] “nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam [...]”, confirmando a importância da linguagem enquanto interação social.

É dentro dessa concepção de interação que esta pesquisa concebe a linguagem. A partir dessa premissa, é valorizada a leitura, que recebe contribuições das diversas formas de letramento vivenciadas dentro e fora do contexto escolar pelo indivíduo. Dentre esses espaços de formação, é interessante destacar a colaboração da família e comunidade, que servirão para embasar e ampliar o conhecimento do letramento escolar.

Diante da importância da leitura para a formação do cidadão leitor, no item seguinte discorreremos sobre as concepções defendidas por teóricos sobre a prática da leitura.

### 2.3 Concepções de leitura

As concepções de leitura de um grupo ou sociedade são decorrentes das concepções de linguagem que possuem. Dentro desse aspecto, a leitura proporciona a interação do ser humano com o mundo e está relacionada ao uso social da linguagem.

Nesta pesquisa, partimos da concepção de leitura e histórias de letramento de um grupo de acadêmicas do curso de Pedagogia que são, ao mesmo tempo, professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto recorreremos à identificação das concepções de leitura que influenciaram ou influenciam na opção pelo curso que frequentam e, conseqüentemente, na sua formação docente. Para iniciarmos essa discussão, é importante destacar a visão defendida por Barthes (1988, p.51), afirmando que se admite

Comumente que ler é decodificar: letras, palavras, sentidos, estruturas, e isso é incontestável, mas acumulando as decodificações, que a leitura é de direito infinita, tirando a trava do sentido, pondo a leitura em roda livre (o que é sua vocação estrutural), o leitor é tomado por uma intervenção dialética: finalmente ele não decodifica, ele sobre codifica; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia.

A prática social da leitura cria possibilidades para novas descobertas, contribuindo para a construção constante de conhecimentos. Como lembra Dalla Zen (2011, p.33), “[...] a leitura pode ser um canal importante para a aquisição de novos conhecimentos e troca de ideias sobre os mesmos”. Vista por esse prisma, essa prática constitui uma interação social, pelo fato de proporcionar uma relação entre aquele que lê (leitor), o texto e ainda o autor do texto, para que haja o entendimento do que foi lido. A autora continua destacando que “a leitura é um processo de interação entre leitor e texto e nesse encontro a história de ambos se modifica” (Ibid).

Para destacarmos aqui as concepções de leitura, torna-se fundamental revisitar os estudos de Silva (1999), Brito (2003), Terzi (2001), Zilles (2009), com a finalidade de delinear a compreensão que vai dialogar com a pesquisa aqui descrita.

Para Silva (1999), as concepções de leitura se dividem em duas perspectivas: a redutora e a interacionista. A perspectiva redutora é entendida como simplista, pois não possui os elementos fundamentais para se desenvolver a leitura. O referido autor afirma ainda que esse simplismo teórico em educação se deve à pobreza existente no contexto escolar referente à organização de um espaço adequado para a prática da leitura. E ainda à falta de

envolvimento ou pobreza de pensamento e de ação daqueles que são os responsáveis, isto é, recebem a incumbência de planejar e acompanhar as práticas sociais.

Segundo Silva (1999), a perspectiva redutora desenvolve concepções como:

*Ler é traduzir a escrita em fala* - para aqueles que adotam essa concepção, a leitura está ligada à oralidade (como a entonação das frases), a atenção docente se volta para a expressividade verbal, deixando de se observar os aspectos de compreensão das ideias. O leitor, por sua vez, é o leitor “papagaio”, isto é, só repete na oralidade o que está escrito, sem nenhuma compreensão.

*Ler é decodificar mensagens* - nessa concepção, o leitor é entendido como um ser passivo na compreensão daquilo que leu. E os professores que adotam essa concepção não valorizam o repertório prévio e interesse que os alunos têm sobre o assunto trabalhado. Nessa concepção, cabe ao leitor (na escola, o aluno) decodificar as mensagens dos textos lidos ou estudados.

*Ler é dar respostas a sinais gráficos* - essa concepção apresenta uma relação com comportamento estudado pelo behaviorismo na psicologia com o esquema estímulo-resposta em que são comparados: o texto é estímulo, e a leitura, a resposta. Na prática de leitura de acordo com essa concepção, são desprezadas as possibilidades de diferentes interpretações ou sentidos que pode um texto possa permitir.

*Ler é extrair a ideia central* - essa concepção passa a ideia de que existem, no texto, partes mais importantes que outras, e elas devem ser destacadas pelo leitor. Porém, em algumas organizações textuais, nem sempre a ideia principal aparece de forma nítida.

*Ler é seguir os passos da lição do livro didático* - Silva (2009) considera essa concepção como uma fotografia padronizada de exercícios do livro didático. A prática de padronizar é utilizada no contexto escolar. Essa prática leva o leitor em formação a pensar que ler é somente saber oralizar o texto, responder perguntas e aprender a gramática contida no texto lido.

*Ler é apreciar os clássicos* - Essa concepção pretende reduzir a competência do leitor somente a apreciar os clássicos. Entretanto, não há leitor que aprecie apenas um único texto ou único tipo de texto. O leitor pode escolher ou optar pelos diferentes tipos de textos.

Silva (1999) adverte que essas concepções redutoras, por serem parciais do processo de leitura, podem produzir no leitor efeitos negativos, visto que ele (leitor) terá visões incompletas da leitura, ficando impossibilitado de praticá-la de maneira ampla.

A partir da apresentação crítica acerca das concepções redutoras, Silva (1999) enfatiza a necessidade de refletir sobre as complexidades das concepções de leitura e ao

mesmo tempo sugere que sejam construídas bases fundamentadas para a organização das atividades de ensino. O autor se refere à necessidade de se entender que além das concepções redutoras de leitura existe também a concepção que defende uma relação mais próxima entre leitor e o texto, gerando, assim, uma interação que apresenta maior possibilidade de compreensão do leitor para com a mensagem apresentada no texto, desta forma “[...] ler é sempre uma prática social de interação com signos permitindo a produção de sentido através da compreensão – interpretação desses signos” (SILVA, 1999, p.16).

Silva (1999) destaca essa concepção em três pontos: *ler é interagir, ler é produzir sentido (s) e ler é compreender e interpretar.*

No primeiro ponto, o leitor traz um prévio conhecimento para dialogar com a realidade. Nesse processo de interação, destaca a dinâmica de retroalimentação entre leitor e texto. No segundo, enfatiza a produção do sentido que o texto proporciona para os leitores, isso significa que contexto linguístico diferente produz sentido diferente. No último ponto, Silva (1999) destaca que o ato de ler é realizado dentro de um propósito, por essa razão, o autor afirma que: “[...] o processo de interpretação demarca abordagem do texto pelo leitor de modo que a compreensão vá se construindo ao longo da leitura em si [...]” (1999, p.17).

A concepção interacionista enfatiza a existência da interação entre leitor, texto e autor. Silva (1999) acrescenta que o objetivo da escola deve ser “produzir leitores que a nossa sociedade necessita [...]”, “leitores que produzam novos sentidos para a vida social [...]”. Na visão desse autor, essa concepção ora apresentada é interacionista, e, portanto, proporciona a formação de leitores para a prática social da leitura.

Silva (1999) destaca que esta concepção perpassa pela relação leitor e texto, e, por ficarem tão envolvidos leitor e texto, o envolvimento entre ambos é denominado por Silva (1999) de “coisa maravilhosa”, pois nessa interação são construídos os diversos sentidos do texto, os quais serão liberados à medida que esse leitor se utiliza da leitura para exteriorizar esse entendimento ou interpretação do texto e assim

A linguagem verbal escrita aprisiona as palavras, enjaula os pensamentos, e cabe à leitura soltá-los da armadilha... Esta metáfora do processo de comunicação escrita, além de belíssima, sinaliza a relação que se estabelece entre o leitor e o texto, gerando uma “coisa maravilhosa” que deve ser aprendida de modo a produzir ‘espanto’ (SILVA 1999, p.16).

Sendo a língua a identidade de um povo, ela só existe se é utilizada na conversa, na interação entre os indivíduos, tornando a linguagem sua representação social. Assim, a leitura, em uma sociedade que tem a escrita como base, é condição primordial para o

exercício da cidadania, é imprescindível. Em toda a formação escolar, os sujeitos aprendizes devem ser conscientes das representações sociais em torno da leitura para a compreensão do seu real valor, pois isso pode ser o ponto de partida para a sua constituição de leitores. Para tanto, torna-se necessária a prática da leitura e da escrita no âmbito escolar.

Nesse sentido, é fundamental entender a leitura como processo de interação. Para tanto, é preciso reconhecer a presença da concepção redutora na escola. Somente quando a admitimos, podemos alterá-la. Essa perspectiva está presente nas práticas de leitura, quando admitimos que ler envolve decodificar (letras, palavras, sentido); no entanto, ficamos fechados nessa concepção quando negamos a capacidade de travessia do leitor, que passa por seu conhecimento de mundo e pela forma particular de intervir no mundo.

Kleiman (2012) apresenta, em seus estudos sobre concepções de leitura, uma atenção especial voltada para as práticas escolares dando destaque à leitura como decodificação. Na visão da autora, essa concepção é “empobrecedora” e, portanto, ela denomina como leitura dispensável porque “em nada modifica a visão de mundo do aluno” (KLEIMAN, 2012, p.30). Quando se trabalha a leitura na escola de forma automática ou mecânica a orientação ao leitor é que responda perguntas retiradas do texto lido. Essa forma de desenvolver leitura não contribui com a formação do leitor crítico.

Kleiman (2012) considera, ainda, uma forma trabalhada na escola, mas que no seu entendimento é inadequada, qual seja: a prática da leitura como avaliação, que ao invés de incentivar o leitor não promove e inibe sua formação. O leitor, nesse caso o aluno, precisa ler em voz alta e se preocupar com a pronúncia e o sentido apresentado no texto. Todavia, o aluno pode apresentar seu próprio modo de falar (dialeto) que nem sempre é aceito pela escola, que defende a forma culta da língua, excluindo ou não valorizando as formas linguísticas próprias das classes mais populares, o que poderá impedir o desenvolvimento da leitura por causa do método utilizado. Kleiman (2012, p.34) destaca: “O aluno lê sem objetivo, lê apenas porque o professor mandou e será cobrado, desvirtuando efetivamente o caráter da leitura”.

A autora alerta para as possíveis consequências dessa prática de leitura, dizendo que “[...] podemos imaginar os efeitos dessa exigência não apenas na autoconfiança e outros aspectos afetivos, mas também no desenvolvimento da compreensão [...]” do que foi lido. Nesse sentido, a autora evidencia a necessidade de que a leitura seja desenvolvida numa perspectiva de prazer e não de dever.

A concepção autoritária de leitura, segundo Kleiman (2012), é sustentada pela imposição do texto e as práticas estão estreitamente relacionadas a uma atividade de leitura

em sala de aula em que o professor segue um modelo sem questionar. Para tanto, é preciso condições de questionar esta concepção de leitura. Assim, Kleiman (2012, p.44), afirma: “Tentamos demonstrar a necessidade de conhecimento do professor na área específica de leitura (além, é claro de sua formação linguística), a fim de evitar a propagação de concepções obsoletas, que apesar de serem comprovadamente ineficientes, são legitimadas pela falta de propostas alternativas”.

Essa forma de ver a leitura na escola vem da ideia da primeira concepção de linguagem destacada em Geraldi (2006), que caracteriza a linguagem como “expressão do pensamento”, e dá ênfase ao ato de ler como característica individual do leitor. O ideal é que a escola conceba a linguagem como um processo de interação. Na abordagem de linguagem como interação, a leitura nem sempre está relacionada à palavra escrita, ela “vai, portanto, além do texto” pelo fato de haver diferentes formas de leitura como: “ler a mão”, “ler o olhar de alguém” “ler o tempo” (MARTINS, 2012). No entendimento de Martins (2012), o leitor precisa ser atuante para que não seja apenas mero receptor ou decodificador mas que compreenda o que foi lido. Essa compreensão envolve o contexto em que ele atua, pois “[...] o contexto passa a ter influência em seu desempenho na leitura [...]” (MARTINS, 2012). A abordagem aqui está relacionada às práticas escolares, porém, é evidente a influência de outras práticas sociais de leitura existentes fora do âmbito escolar. Nesse sentido, a noção de texto “[...] abre-se para englobar diferentes linguagens” (MARTINS, 2012 p.33). Aqui destacamos o uso do contexto digital, que modificou a forma de se conceber leitura, pois funciona como ferramenta que contribui para diversificar o letramento hoje. Por exemplo, os meios de comunicação e o uso das novas tecnologias que influenciam diretamente nas práticas de letramento na sociedade atual. Sobre esse entendimento afirma Boch (2006, p. 39) a “[...] complexidade ligada à diversificação dos meios de comunicação e ao uso das novas tecnologias contribuem para modificar nossos usos da leitura e escrita”.

Vale lembrar que a escola, no contexto atual, é (ou deveria ser) a principal formadora de leitores, tendo como atores desse processo o professor e o aluno, que são, ao mesmo tempo, usuários da língua. Essa questão tem sido foco de discussões, e muitas pesquisas têm tratado desse tema, porém, apesar do interesse ser notório, Brito (2012, p.35) assinala que “ainda há imprecisão sobre o que é leitura e suas formas de realizar-se como cultura e formação”.

Nesse sentido, é importante desmitificar as concepções que se tem de leitura, ser leitor e ensinar leitura, pois muitas práticas cotidianas estão impregnadas de visões autoritárias que pouco têm contribuído para a construção de uma comunidade leitora. Zilles

(2005) vem afirmar que, dessa forma, a interlocução do aluno com seus pares e seu professor, muitas vezes, não está sendo valorizada, ficando evidenciado que não predomina a concepção sociointeracional de leitura em que essa relação é visualizada.

Com isso, a autora lembra que dois aspectos importantes para a interlocução professor-aluno, a afetividade e a valoração não são trabalhadas no dia a dia escolar, e que o desenvolvimento desses aspectos citados pela autora inspiraria confiança e sentido a essa relação. Nesse prisma o aspecto afetividade é indispensável na relação professor aluno principalmente no que se refere à formação de leitor, pois “[...] os “convites para significar” feitos aos alunos os valorizam tanto no plano cognitivo quanto no plano socioafetivo e abrem múltiplas perspectivas para o seu desenvolvimento”.(ZILLES, 2005, p.136) e a valoração que a autora faz referência nos remete a entender “que aquilo que está sendo ensinado deve ter um valor, deve ter um sentido tanto para quem ensina como para quem aprende[...]”. (ZILLES, 2005, p.136).

#### **2.4 Mitos e Mediação na prática da leitura**

Brito (2003) assinala que é preciso avançar no debate em torno do ato de ler, pois a discussão, muitas vezes, ocorre de modo vago, ignorando os modos de inserção dos sujeitos nas formas de cultura, atribuindo à leitura conceitos de “bom” ou “mau”. Brito (2003) destaca que essas noções fragmentadas de leitura transformam-se em frases de efeito, que ele denomina de mitos sobre leitura.

É necessária aqui uma reflexão acerca da leitura e significado desse ato, por isso, destacamos o que Brito (2003, p. 100) diz a respeito do tema: “A leitura, contudo, não existe fora da história”. E por ser um ato ou ação que requer competência intelectual o leitor é levado a utilizar-se da experiência de mundo que compreende os conhecimentos e valores que já possui. Por isso é válido afirmar que a leitura é, pois, “[...] uma ação cultural [...]” e por isso o produto resultante do ato de ler configura-se como a “[...] representação da representação da realidade presente no texto [...]”.

Nessa perspectiva, a leitura deve fazer com que o sujeito leitor saiba tomar posição diante da realidade vivida, assim, Brito (2003) acrescenta ainda que embora o sujeito não tenha compreensão do caráter político das suas leituras ele (o caráter político) continuará existindo, significa dizer que mesmo ignorando esse caráter político ele não se anulará. No entanto, essa atitude da não compreensão do caráter político que possui a leitura levará o sujeito a mitificar o ato de ler. Essa mitificação acontece quando o leitor encara de forma

vulgar a importância do ato de ler. Assim Brito (2003) descreve os mitos que se fez referência anteriormente acerca da leitura e que ele (o autor) os considera adágios.

O autor destaca os seguintes mitos relacionados à leitura, que precisariam ser desconstruídos: cada leitor tem sua interpretação; o sujeito que lê é criativo, descobrindo novos caminhos e novas oportunidades; uma sociedade leitora é uma sociedade solidária; a leitura é fonte inesgotável de prazer e, por último, quem lê viaja por mundos maravilhosos. (Brito, 2003). Vejamos os comentários sobre cada um desses mitos a seguir:

*Cada leitor tem sua interpretação*: segundo Brito (2003), essa afirmação não se confirma como falsa, porém a descontextualização dessa prática se configura como mito, pois o que acontece nesse entendimento é a individuação dos interesses, não considerando que esses interesses se organizam ou acontecem a partir das influências ou referências socioculturais do leitor;

- O sujeito que lê é criativo, descobrindo novos caminhos e novas oportunidades; A leitura pode ter a função de informar e pode proporcionar o desenvolvimento do indivíduo, tanto social como intelectual. O que não se pode aceitar é a ideia de que ao invés de ser algo possível de se realizar a leitura seja entendida como algo necessário, sem ser levada em conta a inserção social do leitor e o tipo de leitura que foi realizada. Pois a quantidade de informação armazenada pelo indivíduo não significa quantidade de conhecimento. Como “[...] não se constrói conhecimento do nada [...]” (BRITO, 2006, p.100) este conhecimento é resultado da manipulação das informações recebidas e que estão situadas “num determinado contexto histórico” (BRITO, 2003) e que são manipuladas pelo leitor.
- Uma sociedade leitora é uma sociedade solidária – esse entendimento sobre o ato de ler nos remete a um mito visto que se atribui à leitura um ato sempre “saudável e desejável” sem colocar em prática a leitura crítica indispensável ao entendimento do texto.
- A leitura é fonte inesgotável de prazer. No entendimento desse mito, o ato de ler pode e deve ser uma prática prazerosa. O que não corresponde à realidade é querer “[...] vincular a satisfação intelectual do ato de ler a um tipo de prazer”.
- Quem lê viaja por mundos maravilhosos, outro mito apontado por Brito (2003) e que pode ser observado entre as pessoas. Nele está subentendido a referência ao texto de ficção. Segundo o autor, este tipo de leitura (da fantasia)

traz consigo conceitos e valores do senso comum. A leitura como forma de entretenimento é muito utilizada no contexto escolar em que se dá ênfase somente a decodificar os símbolos linguísticos de forma mecânica sem atentar para o interesse do leitor.

Os mitos apresentados por Brito (2003) são muito frequentes na prática escolar, por isso torna-se necessário que a formação inicial de professores na universidade contribua para combatê-los e que seja construída a concepção de leitura como interação,

Zilles (2005), ao falar da importância das interlocuções que se estabelecem entre os leitores para o desenvolvimento da capacidade de ler criticamente, ressalta como os mitos sobre a leitura mencionados por Brito (2003) repercutem sobre os estudantes e leitores. Zilles ainda enfatiza que os educadores devem adotar o papel de mediadores da leitura, não direcionando para uma única interpretação legitimada dos textos. Neste ponto, a autora baseia-se na concepção vygotskyana, que diz que o mediador valoriza o aprendiz.

Cabe destacar que, quando predomina a concepção redutora de leitura na prática escolar, está se reproduzindo interesses de grupos dominantes, promovendo a leitura em si e não como meio de transformação social. A luta deve se dar pelo direito de ler e não só em contribuir para o aumento do consumo em produtos do mercado. Como afirma Brito (2003, p.114), “a questão do letramento na sociedade contemporânea é uma questão político-social e não de gosto ou prazer”. E complementa,

A consequência imediata da concepção de leitura predominante na prática escolar e nas ações e campanhas de promoção de leitura é a submissão das práticas leitoras à vontade das empresas de produção de texto e informação. Produzem-se e vendem-se objetos de leitura, assim como se produzem e se vendem outros objetos da cultura de massa. A diversidade dos gêneros de textos e de seus veículos relaciona-se diretamente aos interesses econômicos e políticos da indústria do texto, que, por sua vez, está, cada vez mais, articulada às indústrias da informação e do entretenimento (BRITTO, 2003, p.109).

Na visão de Brito (2003), essa concepção de leitura pode não proporcionar o amadurecimento progressivo do leitor, tornando-o avesso a textos mais densos. Ora, isso não quer dizer que as práticas leitoras vinculadas à indústria da informação e entretenimento não produzam conhecimento, porém fica no plano da aceitação, da forma tal como é no mundo. É necessário entender que a leitura, como interação social, proporciona ao leitor a possibilidade de elaborar novos sentidos para o texto ampliando, assim, sua capacidade de ler e interpretar,

ou seja, de interagir com o que foi lido e contextualizá-lo. É válido destacar que, se não houver a interação,

[...] Não há engajamento do sujeito com o processo de reelaboração do saber instituído e, muito menos, questionamento dos valores veiculados. E, considerando que um dos conhecimentos que podem resultar da leitura é a reelaboração e ampliação dos mecanismos linguísticos e argumentativos, a concepção ingênua de leitura sequer contribui para que as pessoas ampliem sua capacidade de ler, isto é, sua capacidade de interagir autonomamente com discursos elaborados dentro do registro da escrita e referenciados em universos específicos de conhecimento (BRITTO, 2003, p.110).

Outro ponto a ser abordado é a condição de leitor do professor. Esse profissional precisa organizar suas próprias estratégias de leitura de acordo com suas intenções sobre o texto para, assim, conseguir a compreensão do mesmo, como afirma Solé (1998, p. 24),

Para ler é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. Também se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão [...] (SOLÉ, 1998 p.24).

Significa dizer que não basta apenas decodificar, ou seja, somente reconhecer sílabas, palavras, para que o leitor atribua sentido ao texto lido. É necessário que esse leitor utilize os conhecimentos que possui a partir da realidade que o cerca para construir sentido para o texto. O ato de ler “é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto [...]” (BRASIL, 1998 p.69), isto é, de construção de significado e não apenas de decodificação. Por essa razão, Silva (1997, p. 47) destaca “[...] que o problema da leitura não se desvincula de outros problemas enraizados na estrutura social: é praticamente impossível discutir as vivências ou carências da leitura de um indivíduo sem situá-lo dentro das contradições presentes na sociedade em que ele vive”.

É importante destacar que, para o professor que é um orientador de novos leitores, além de ensinar a compreender o texto e interagir com ele é necessário também saber identificar os preconceitos e formas de dominação existentes no texto e que muitas vezes não se apresentam de forma explícita.

A identificação das formas de dominação implícitas no texto só se dará pela leitura crítica realizada pelo leitor. Assim, é preciso que o professor tenha uma visão crítica das leituras realizadas, e essa prática tem início na seleção de seu material didático de trabalho. Para tanto, a compreensão de leitura, “[...] caracteriza-se como um dos processos

que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação futura” (SILVA, 1998, p.24).

Outro ponto importante destacado por Silva (1998) é que, na realidade brasileira, é preciso políticas que considerem as reais condições de produção de leitura. Para tanto, afirma que

[...] a leitura deve ser tomada como uma prática social a ser devidamente encarnada na vida cotidiana das pessoas das pessoas, e cujo aprendizado se inicia na escola, mas que, de forma nenhuma, deve terminar nos limites da experiência acadêmica. Daí, talvez, a diferença entre o “ler por uma obrigação escolar” e o “ler para compreender a realidade e situar-se na vida social (SILVA, p.21 – 22).

Como se pode ver a partir do que se expôs, o princípio fundamental para uma concepção nova de pedagogia da leitura, segundo Silva (1998), é que o professor tem que ser leitor crítico, no entanto vale destacar que essa condição é algo importante e complexo, pois essa prática exige desse profissional uma mudança de comportamento. O indivíduo que lê frequentemente de forma crítica terá maior possibilidade de compreender, interpretar e, assim, fazer uso desses conhecimentos no cotidiano e vida profissional, por isso torna-se necessário que o professor formador de leitores seja também um leitor.

Dentro desse prisma, Silva (2008b, p.30) destaca que: “O percurso crítico do leitor é sustentado pela *suspeita* (aqui tomada como uma virtude) diante dos múltiplos temas dos textos em circulação e por uma aguda *sensibilidade* para os aspectos da organização da linguagem escrita”. Destaca, ainda, que esse sujeito tem que ter sensibilidade, que se encontra relacionada a sua visão de mundo. Tal pressuposto constitui o elemento para possibilitar o olhar crítico do texto, o que permite, na visão do autor, entender, que a

[...] leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do SER do leitor. Assim, esse tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação de significado; a leitura crítica deve ser caracterizada como um PROJETO, pois caracteriza-se numa proposta pensada pelo ser-no-mundo [...] (SILVA, 1991, p.81).

Dentro desse contexto de discussão, Silva (1998) estabelece a condição de bom leitor (leitor crítico) para ser um bom professor. A grande questão é que a matéria do trabalho pedagógico, no caso específico a leitura, não tendo significado para o professor, passa a não ter para os alunos. Por este fato Silva (1998b, p.58) sustenta: [...] o que estou querendo revelar aqui é que a pessoa do professor constitui o principal fator para a promoção da leitura e, conseqüentemente, para a formação de leitores dentro da organização escolar [...].

Na escola, por meio dos professores, é preciso que se desenvolva práticas de leitura que incentivem a formação de leitores. Kleiman (2005, p.51) enfatiza que, “para formar leitores, o professor, além de ser plenamente letrado, precisa ter os conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social”.

de maneira a se retomarem ora a perspectiva do leitor, ora a do texto, conforme a necessidade para cada situação de leitura”, acontecendo, então, a reelaboração do texto.

A prática leitora conjuga tanto as informações presentes no texto, como as informações que o leitor traz consigo. A construção dos sentidos ocorre através da interação entre leitor e texto como um processo de compreensão, do qual participam tanto o texto, sua forma e conteúdo, quanto o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios.

Nesse ponto, torna-se indispensável o resgate da importância da escola no que se refere à educação sistemática ou formal e, conseqüentemente, à formação de leitores. Tendo em vista a escola como instituição responsável pela socialização do conhecimento elaborado no decorrer da história da humanidade. Saviani (2005, p.14) destaca que: “a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”.

Por isso, a escola precisa proporcionar meios que possibilitem aos indivíduos o acesso ao saber sistematizado e construído socialmente. A escola constitui-se, portanto, num locus privilegiado para a aquisição da educação sistemática, objetivando a formação de cidadãos, conscientes e competentes, e essa formação deve contemplar o conhecimento e domínio da leitura e escrita, fundamental para o uso da língua materna e exercício da cidadania.

No espaço escolar, fica patente o embate ideológico entre as classes existentes na sociedade, e o educador tem, assim, a oportunidade de aprender e ensinar a cultura, internalizando os meios cognitivos de compreender o mundo e transformá-lo. Libâneo (2002, p.51) assinala: “A escola é o mundo do saber: saber ciência, saber cultura, saber experiência, saber modos de agir, saber estratégias cognitivas, saber sentir; é o mundo do conhecimento”.

Esse mundo do saber, que Libâneo (2011) afirma ser a escola, é, por excelência, espaço de construção de conhecimento, e isso só será possível com a interação entre os agentes (professor, aluno, comunidade) que desenvolvem seus saberes e para isso contam com as experiências de outros espaços sociais que frequentam. Sobre esse assunto, Tardif (2010) lembra que:

[...] O saber se desenvolve no espaço do outro e para o outro [...]. Pode-se chamar de saber a atividade discursiva, que consiste em tentar validar por meio de argumentos e operações discursivas [...] e linguísticas, uma proposição ou uma ação. Saber alguma coisa é não somente emitir um juízo verdadeiro a respeito de algo (um fato ou uma ação), mas também ser capaz de determinar porque razões esse juízo é verdadeiro (TARDIF, 2010, p.196).

A sala de aula, além de se constituir num espaço de aprofundamento de saberes, de descobertas, é também um espaço em que o discurso institucional ganha forma. Assim como em outros espaços, como empresas, tribunais, auditórios, consultórios, cerimônias religiosas, há um tipo de exigência, na sala de aula, os objetivos pedagógicos estão forçosamente vinculados às formas linguísticas e aos padrões interacionais produzidos pelos aprendizes, configurando a sala de aula como o ambiente de vários contextos dentro dos quais se realiza o mandato institucional (FONTANA, 2006).

Na dinamicidade da sala de aula, há um exercício do poder feito pelos professores e pelos alunos, que, muitas vezes, não se engajam nas atividades propostas, até pelo próprio distanciamento da escola do cotidiano dos mesmos. Esse distanciamento acontece quando a instituição escola não valoriza as formas de se comunicar e se expressar utilizadas pelos alunos que têm base nas realidades contextuais que vivenciam, logo, a escola impõe suas normas e padrões para o ensino da língua.

Ao priorizar normas, a escola nega, assim, a importância que possui o conhecimento construído pelos alunos na interação juntamente com seus pares, tanto na família como na comunidade, no que diz respeito ao uso da língua. Dessa forma, a escola não está considerando a variação linguística, como também a oralidade desses alunos, pois esses aspectos destacados são importantes para se organizar um pensamento elaborado acerca da aprendizagem da língua padrão ensinada na escola. Essa situação impede que se realize o mandato institucional destacado por Fontana (2006), para quem o mandato institucional “é atividade [...] em torno da qual se organizam as interações institucionais [...]”, nesse caso entre escola e família.



precisa valorizar a forma culta de se expressar como também a forma linguística própria de cada grupo ou comunidade, uma vez que se faz necessário o uso da linguagem em todos e campos e ações humanas; pois “a linguagem caminha nos campos simultaneamente físico, fisiológico e psíquico” (BAKHTIN, 2006).

Sabendo que todo ato ou ação humana se realiza com a contribuição da linguagem, e que o desenvolvimento da linguagem tem início no seio familiar, o professor alfabetizador precisa utilizá-la para desenvolver os diversos saberes provenientes de experiências da família, tais como psicológicos, sociológicos, políticos, didáticos dentre outros. Esses saberes possibilitam que o aluno seja produtor e usuário da língua, tanto a ensinada pela escola como também aquela utilizada no grupo familiar que contém conhecimentos linguísticos próprios do seu contexto social, e que ela (língua) seja útil à interação nos mais diversos grupos da sociedade.

Dentro desse contexto, é importante estar atento para o entendimento que a família tem a respeito da leitura e da escrita, pois o modo como as práticas leitoras se desenvolvem e se consolidam na esfera familiar é levado para outros grupos sociais. Com esse pressuposto, construiremos a seguir um tópico que destaca a concepção de leitura no percurso de formação docente.

## **2.5 Leitura voltada para a formação docente**

A formação inicial é indispensável para a prática pedagógica em todas as áreas educacionais e não poderia ser diferente para o professor dos anos iniciais do ensino fundamental, visto que o mesmo deve estar preparado para as mais diversas situações que envolvem o processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, ao analisar a concepção da formação inicial dos professores, que até há pouco tempo participavam de capacitação e treinamento, a fim de que aprendessem a atuar com eficiência na sala de aula, nota-se que essa vem sendo substituída pela abordagem de compreender a prática e a formação inicial que tal profissional vem desenvolvendo, enfatizando a busca de uma base de conhecimento mais consolidado.

Na universidade, local da formação profissional do professor, este inicia sua trajetória acadêmica, adquirindo saberes para uma atuação profissional competente e com qualidade. Entretanto, a formação dos professores requer mais do que a dedicação pessoal, conforme argumenta Nóvoa (1997, p. 28):

[...] da mesma maneira que a formação não se pode dissociar da produção de saber, também não se pode alhear de uma intervenção no terreno profissional. As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem de estar articulado com as escolas e os seus projetos.

A universidade enquanto espaço de aprendizagem, desempenha a função de instituição social e também formativa e, para isso, é necessário que esteja estruturada nos três pontos, ou tripé, indispensáveis ao funcionamento de uma instituição de ensino superior que são: o ensino, a pesquisa e a extensão.

A Universidade está erigida dentro de um contexto da sociedade. Fundamentada nessa ideia, a sociedade atual, chamada de sociedade do conhecimento, transita pela compreensão de ser marcada profundamente pela lógica do mercado capitalista, característica que, segundo o documento “Desafios da Universidade na sociedade do conhecimento” (2008), deve ser superada a lógica do mercado para a ideia de um homem com formação mais ampla. Para tanto, deve-se olhar para o conhecimento numa perspectiva de formação integral, necessária para vida social e cultural.

Nesse contexto, segundo Moita e Andrade (2009) a relação entre ensino, pesquisa e extensão está ligada aos embates relacionados à definição da identidade como também à função da universidade na sociedade em que está inserida. O que se percebe na visão dos autores é que, mesmo aos poucos, há um avanço no que diz respeito à legislação educacional destinada à função da universidade, que passa de espaço de apenas transmissão de conhecimento para um modelo de transmissão e produção do saber científico.

A universidade precisa ser um espaço não somente de transmissão de conhecimento, mas também de produção científica dos saberes. Para tanto, ela precisa estar apoiada no tripé ensino, pesquisa, extensão indispensável para uma universidade.

Na formação de professores, esse tripé tem que estar presente e bem estruturado. O curso de Pedagogia, no Brasil, desde seu surgimento em 1939, procura apoiar-se no tripé supracitado. Atualmente, o curso de Pedagogia tem diretrizes curriculares estabelecidas pelos pareceres CNE/CP n.05/2005, 01/2006 e resolução CNE/CP n.01/2006, e a formação desse profissional “abrangerá a docência, a participação na gestão e avaliação de sistemas e instituições de ensino em geral [...]” Aguiar (2006, p.829). Nesta pesquisa, interessa entender a dimensão docente do pedagogo que atuará na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental como alfabetizador e mediador na aprendizagem da língua.

Segundo Scheibe (2009, p.60), “O desafio consiste em estabelecer uma formação teórica sólida com base no conhecimento científico e na pesquisa consolidada, e não ceder à incorporação da racionalidade técnica ou do praticismo pedagógico”. Dentro desse entendimento de mundo é que se pretende discutir a condição de leitoras das acadêmicas do referido curso a partir das suas histórias de leitura.

A formação inicial tem um papel fundamental no desenvolvimento profissional do docente e na construção de sua identidade. Essa formação deve representar um espaço de crítica e de reflexão coletiva, desde que o professor em formação seja levado a analisar sua própria prática, tendo como meta a construção de novas proposições para a ação educativa.

Sendo assim, o professor em formação deverá participar de situações de aprendizagem, o que inclui o conhecimento da língua, que necessariamente partam das práticas da leitura e escrita. Essas situações ampliam os horizontes de informação e conhecimento e subsidiarão a prática do educador no desenvolvimento da ação interventiva na escola com relação ao ensino da língua materna e formação leitora. As demandas e impasses que surgirem poderão ser discutidos no espaço de formação continuada, estabelecido como meta após a formação inicial. Significa dizer que o professor formador de leitores necessita estar continuamente se atualizando, pois tanto a língua como o conhecimento não são estáticos, mas dinâmicos.

A retomada desse percurso de formação é importante, pois a leitura e a escrita, aspectos que norteiam este trabalho, além de serem uma questão linguística, são também uma questão pedagógica (e política), pois a profissão docente se caracteriza por possibilitar e valorizar os diversos usos da linguagem oral e escrita. Assim, o professor, **principalmente o alfabetizador, precisa saber que o sentido das leituras que faz(emos) está relacionado à compreensão de cada leitor e ao contexto em que está inserido; sobre essa questão Guedes-Pinto (2009, p.78, ) nos leva a refletir quando afirma que:**

**A compreensão do que lemos, os sentidos que construímos das leituras que fazemos são marcadas pela circunstância, pelo contexto vivido, pela história que nos referencia. Os sentidos nem sempre são os mesmos nas diversas leituras, pois são atravessados pela singularidade de cada leitura e de cada leitor.**

**A afirmação da autora supracitada é pertinente, pois o público aqui enfatizado é o formador de leitor, ou seja, o professor, em especial o dos anos iniciais da educação básica. Por essa razão, é necessário que ele tenha a habilidade para lidar com a diversidade de interpretação dos conhecimentos por ele transmitidos através do ensino da língua. Nesse**

contexto educativo, a aprendizagem da leitura e escrita assume um peso de grande significado e, por vezes, determinante no fracasso ou sucesso do seu trabalho junto ao educando.

Formar leitores-escritores constitui uma das grandes preocupações no campo da educação escolar e mais especificamente no campo da linguística aplicada, pois, nos dias atuais, a leitura e a escrita são fundamentais para a inserção do cidadão na sociedade (GIMENO-SACRISTAN, 2007). Então se ressalta a importância da formação inicial do pedagogo, para desempenhar a função de alfabetizador.

Os professores que atuam hoje no Ensino Superior vivem um dilema, pois muitos foram alfabetizados de forma tradicional, e agora precisam preparar os futuros formadores de leitores na perspectiva de novas posturas. A quebra de paradigmas na transformação do ensino da leitura e escrita é algo atual e vivido pelos alunos dos cursos de graduação, em especial das licenciaturas.

O cerne da situação a ser pesquisada é a história pessoal de leitura das acadêmicas que são educadoras. Essas histórias têm grande valia e exercem influência na sua atuação profissional. Os constructos de leitura interferem na concepção construída sobre ela ao longo da vida. E como relacionar as implicações dessa história de leitura do educador na formação dos alunos que deverão ser orientados cotidianamente por esse profissional?

A escola, no que se refere à aprendizagem da leitura e escrita e demais conhecimentos sistematizados, nem sempre vislumbra a linguagem que é utilizada pelo aluno, fruto de letramento e de interações de que participou antes de chegar à escola, para apresentar o seu potencial comunicativo. Muitas vezes, ele é incentivado a desenvolver as linguagens “ditas corretas” para se inserir na rotina trabalhada no âmbito escolar. Tal atitude por parte da escola não é uma situação que configura uma real interação ou uma mediação, uma vez que as experiências de letramento adquiridas através do convívio social precisam ser valorizadas como base para a formação de leitor. Como afirma Matêncio (2007, p.15), “[...] a vida está dentro e fora da escola. E frequentemente o aprendizado do aluno fora dos limites da instituição escolar lhe é muito mais motivador, pois a linguagem da escola nem sempre é a do aluno”.

Nesse sentido de se valorizar o conhecimento prévio do aluno, adquirido nos eventos de letramento que participa antes de chegar à escola, é que o educador precisa entender que o trabalho da educação escolar não se limita ao ensino de códigos alfabéticos de forma isolada e descontextualizada. É necessário um trabalho que envolva as orientações do professor e o conhecimento de mundo trazido pelo aluno numa interação em que os conhecimentos socialmente construídos sirvam de base para uma aprendizagem significativa

e, conseqüentemente, interessante, pois a escola tem suas características próprias como Kleiman (2007, p.4) afirma, “[...] é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas[...]”

A escola não pode se eximir da sua função essencial, de ensinar a ler. Além da compreensão das concepções de leitura que se legitimam na sociedade, também é imprescindível entender, no contexto de formação do professor leitor, o que se ler na escola, ou que se poderia ler na escola.

É importante destacar que, no desenvolvimento da prática da leitura na escola, é necessário que se tenham professores comprometidos com essa ação, além de outros elementos (subsídios), imprescindíveis para a implementação dessa prática, como material didático para se desenvolver o trabalho e também investimentos através de políticas educacionais indispensáveis para a formação e qualificação dos docentes.

Para contribuir com a formação do educador, que desenvolve atividades nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destaca-se a importante decisão do Governo Federal, ao aderir ao compromisso de melhoria da qualidade da educação escolar do país. Evidencia-se a estratégia da criação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), parâmetros que se constituem num compromisso assumido entre as várias instâncias governamentais, a saber, federal, estaduais e municipais que vai nortear o trabalho do educador alfabetizador.

Esse documento orienta o planejamento e ensino da Língua Portuguesa, incluindo a alfabetização, e deve contemplar alguns pontos direcionadores para o trabalho do professor, que são leitura, produção de texto escrito, oralidade e análise linguística, incluindo a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). (BRASIL, 2012). Ponto de relevante destaque no PNAIC é a ênfase para a formação continuada do professor alfabetizador, (constituindo um dos eixos desse pacto) e, segundo o referido documento, essa formação continuada deve fortalecer o entendimento de que a escola é espaço de aprendizagem (BRASIL, 2012).

Embasadas nessas reflexões e questionamentos acerca da prática da leitura como interação social do letramento e de sua importância na formação leitora do professor, apresentaremos no item a seguir os procedimentos metodológicos que adotaremos nesta pesquisa, em que a contribuição das pesquisadas em participar desse trabalho é de grande importância.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois, como afirma Creswell (2010, p. 26), “a pesquisa qualitativa é um meio para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano”. Esse significado se reporta aqui à concepção de leitura do grupo pesquisado e a influência desta concepção na vida profissional. No tocante a esta pesquisa, procura-se compreender as concepções de leitura e as histórias de letramento do grupo pesquisado e a contribuição dessas histórias na formação leitora dessas acadêmicas.

Cinco alunas do 5º período do curso de Pedagogia participaram desta pesquisa. O incentivo para se desenvolver o referido tema foi o trabalho realizado por esta pesquisadora junto às acadêmicas com a disciplina Fundamentos da Alfabetização no curso de Pedagogia, no ano de 2014.

Visando a uma forma de melhor selecionar as participantes, foram estabelecidos os seguintes critérios: ser estudante do curso de Pedagogia; estar cursando o 5º período e estar matriculada na disciplina Fundamentos de Alfabetização; ser, ao mesmo tempo, professor em exercício dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, ciclo de alfabetização; trabalhar em escola pública; por último, foi estabelecido que a participante precisaria estar disposta a colaborar com esta pesquisa.

Para a seleção das cinco acadêmicas entrevistadas, foram seguidos procedimentos exigidos pelo Comitê de Ética em pesquisa da UNISINOS, cuja resolução é de nº 676.195 de 2014. Ficou esclarecido para essas acadêmicas selecionadas que as mesmas teriam suas identidades preservadas, e ainda, estariam livres para desistir de participarem da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para elas.

A fim de desenvolver o trabalho, dentro dos padrões de cientificidade, o instrumento utilizado para geração de dados foi a entrevista semiestruturada. Tratou-se de um roteiro de entrevista com questões básicas que puderam permitir alterações, mas as respostas têm características de aberta. As entrevistas foram compostas de narrativas sobre histórias de letramento das acadêmicas e as influências destas experiências na vida de leitoras e alfabetizadoras, bem como suas concepções de leitura, pois:

[...] narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo (GALVÃO, 2005, p.330).

Essas narrativas possibilitam ao indivíduo uma reflexão e fazem com que ele entenda melhor a importância de tais experiências para a interação com o mundo ao seu redor em busca de inovação, construção e reconstrução de saberes. “[...] É através das narrativas que o ser humano organiza suas experiências, organiza sua história e se identifica como pertencente a um grupo”. ZILLES (2012, p.163)

A pesquisa aqui em pauta teve início a partir de convite feito às acadêmicas de Pedagogia, como já foi mencionado anteriormente. Em seguida, foram realizadas as entrevistas, que tiveram como objetivo a obtenção de informações e dados sobre a concepção de leitura e a história de letramento do grupo pesquisado. Essas entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

### 3.1 Caracterização das entrevistadas

Para iniciar, situamos as acadêmicas, dando ênfase às características que as identificaram. As alunas pesquisadas têm entre vinte e seis e trinta e cinco anos de idade, possuindo uma experiência como professoras entre quatro a oito anos de magistério, na rede pública de ensino. Todas cursavam, no momento da pesquisa, o 5º período de Pedagogia. Elas atuavam na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cujo foco do ensino e aprendizagem envolve a alfabetização dos alunos na faixa-etária de quatro a oito anos de idade. No quadro abaixo apresentamos algumas características das acadêmicas entrevistadas.

Quadro 1: Características das Entrevistadas

<b>Orquídea</b>	Magistério	4 anos	Educação Infantil
<b>Violeta</b>	Magistério	8 anos	Ensino Fundamental e Educação infantil

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, destacamos que as entrevistadas iniciaram sua prática docente mesmo antes de ingressarem no curso de pedagogia. Como podemos perceber no quadro, o tempo de experiência na docência foi iniciado somente com a formação de nível médio.

As entrevistadas encontraram dificuldades no processo de letramento no que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, alfabetização, quando eram alunas dos anos iniciais da escola. No tocante ao acompanhamento da realização das tarefas escolares enviadas para casa, não tinham muita ajuda dos pais, pois os mesmos não sabiam ler e nem escrever. Por isso, procuram no curso superior mais competência técnica e embasamentos teóricos para enfrentar os dilemas pedagógicos da profissão, procurando, assim, uma consolidação pedagógica nessa caminhada. A esse respeito, Guimarães (2004, p.27) enfatiza que:

O investimento na formação é um ponto de partida que apresenta possibilidades de melhoria da profissionalidade e de um significado diferente para a profissionalização e o profissionalismo docentes, bem como possibilidade para ressignificação da sua identidade profissional nesse contexto pródigo em mudanças de natureza modificada.

A formação inicial para a vida do professor é a oportunidade de ressignificação do fazer educacional. Uma vez qualificado, esse professor poderá, através da sua prática mais fundamentada, ser um agente de mudança social. Destaca-se que o professor alfabetizador precisa interagir com o aluno, para tanto deve estar atento para suas necessidades e particularidades, pois, do [...] ponto de vista sociointeracionista, a alfabetização como processo individual, [...] está em contínuo processo de mudança e a atualização individual para acompanhar essas mudanças é constante (TFOUNI, 2005, p.15). Aqui o indivíduo é entendido como ser inacabado em busca constante de mudança, e isso é possível na interação com o outro. Essa atualização no processo de alfabetização orientada pelo alfabetizador levará o aluno a tornar-se um usuário da língua materna com segurança e possibilidade de interagir com o mundo numa relação dialógica.

As alunas entrevistadas têm origem nas classes populares. Quanto ao local que situa as suas experiências, a maioria é oriunda da zona rural e passaram pelo processo de êxodo, trazendo sua forma de ver o mundo fortemente influenciado pela cultura rural, somente uma das cinco entrevistadas sempre residiu na zona urbana.

Vale destacar que desse grupo de cinco entrevistadas somente uma delas já tem alguém da família frequentando um curso superior, enquanto as outras quatro são as primeiras da família a chegar a estudar em uma universidade. Para essas famílias, isso representou um

marco nas suas histórias de lutas pela cultura escolar e, conseqüentemente, uma oportunidade para a ascensão social.

Do percurso das suas vivências, trouxeram na memória as suas experiências de escolarização, saberes produzidos nas suas experiências familiar e escolar. São formas de letramentos que servirão como base para aquisição do saber sistematizado como bem afirma Tardif (2010, p.69), “O que foi retido das experiências familiares ou escolares dimensiona, ou pelo menos orienta, os investimentos e as ações durante a formação inicial universitária”.

A partir das entrevistas, procurou-se analisar suas concepções de leitura, como também suas histórias e experiências de letramento. E ainda, interessou-nos saber se essas experiências influenciaram a escolha do curso que estão fazendo, e qual contribuição da sua história de letramento para o desenvolvimento do seu trabalho como alfabetizadoras, já que, ao mesmo tempo, são formadoras de leitores e usuários da língua materna.

Para sistematização do que foi colhido de informações nas já referidas entrevistas, como mencionado anteriormente, as participantes tiveram suas identidades preservadas e para tanto serão chamadas por nomes fictícios. Para escolha desses nomes, houve um diálogo entre a pesquisadora e as entrevistadas. Por orientação da pesquisadora deveriam escolher nomes que as identificassem.

E, considerando que todas estão em processo de construção da docência, estabelecendo novas experiências, desabrochando para a profissão docente, decidiram juntas, pesquisadora e entrevistadas, que seriam chamadas na pesquisa pelo nome de flores para sua denominação na pesquisa, assim teremos: a Orquídea, a Rosa, a Tulipa, a Violeta e a Hortência.

Nesse sentido, nossa análise compreendeu as seguintes categorias: concepções de leitura das entrevistadas; aquisição do processo de alfabetização e compreensão das suas histórias do letramento; participação da família no processo de alfabetização e formação leitora; importância das experiências de leitura no cotidiano e a na vida profissional; influência na escolha do curso de Pedagogia.

O espaço da investigação foi uma Universidade pública do Nordeste brasileiro. A Instituição aludida está situada numa cidade da região nordeste no Estado do Maranhão. Essa cidade faz parte da microrregião do Vale do Pindaré, com uma área de 381.157 Km<sup>2</sup>, distante 243 km da capital do Estado, São Luís. Tem uma população de 82.106 habitantes. É considerada “nó” rodoviário, pois é cortada pelas BR 316 e 222, o que possibilita o acesso de várias cidades circunvizinhas, como também se deslocar da região Norte para o Nordeste e vice-versa, além do acesso que dá à via ferroviária, através da Ferrovia Carajás.

A Universidade atende, além do próprio município em que está localizada, a mais dez municípios circunvizinhos. Essa instituição procura desenvolver um trabalho pautado no tripé o ensino, a pesquisa e extensão, que é a sustentação de uma instituição de Ensino Superior, e, assim, contribui para o desenvolvimento dessa região do Vale do Pindaré.

A compreensão de indissociabilidade do tripé que forma a universidade é um princípio orientador do lugar que ocupa a universidade no seio da sociedade, sendo que, dentro dessa concepção, a instituição produz saberes a partir da inter-relação dos três pilares (ensino, pesquisa e extensão). Na formação de professores, o tripé citado tem que estar presente e bem estruturado.

Compreender a melhoria e avanços do curso de Pedagogia nos remete a destacar a aprovação das Diretrizes Curriculares, para o referido curso, através da Resolução 1/ 2006, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que define Pedagogia como licenciatura para docência, unificando a formação do professor que vai atuar na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Scheibe (2009, p.60) assevera que:

O desafio consiste em estabelecer uma formação teórica sólida com base no conhecimento científico e na pesquisa consolidada, e não ceder à incorporação da racionalidade técnica ou do praticismo pedagógico.

Dentro desse parâmetro é que se pretendeu discutir a condição de leitor das acadêmicas do referido curso a partir da sua concepção de leitura.

O curso de Pedagogia propõe-se não apenas a trabalhar a formação de educadores competentes, como também a melhorar a qualidade de vida das populações local e regional com a realização de pesquisas voltadas para as suas necessidades. Propõe ainda a “educação com vistas à totalidade do ser humano, [...] educação para o desenvolvimento regional e preparação de mão de obra qualificada” (MARANHÃO, 2010, p. 9).

O objetivo do curso é

Propiciar uma formação que possibilite trabalhar com o educando a compreensão da função política e social da educação da escola a partir da relação homem/sociedade, tendo em vista uma prática pedagógica que contribua para transformação social, a partir de uma atuação consciente, crítica, ética e verdadeiramente autônoma desse profissional, além de fomentar a produção do conhecimento na área da educação (MARANHÃO, 2010, p.1).

A elaboração do currículo do curso de pedagogia apoia-se nos princípios e determinações estabelecidos nos instrumentos legais, dentre eles, a Lei de Diretrizes e Bases

da Educação (LDB) nº 9394/96. Tem uma função precípua dentro da instituição de ensino superior, respondendo a necessidade da sociedade.

O interesse da pesquisa pela temática escolhida se consolidou a partir da compreensão da importância dos conhecimentos linguísticos necessários para proporcionar aos acadêmicos de Pedagogia a compreensão dos conceitos básicos necessários ao processo didático das práticas alfabetizadoras. Esses conhecimentos linguísticos estão contemplados no conteúdo da disciplina Fundamentos da Alfabetização, que trata desde a importância da escrita, destacando as contribuições da Linguística, até o papel exercido pelo professor alfabetizador, conforme explicita a ementa:

A alfabetização como questão nacional: relações históricas entre escola e alfabetização. Contribuições da Linguística, da Psicolinguística e da Sociolinguística. Analfabetismo e Letramento: concepções de aprendizagem de língua escrita como representação gráfica da linguagem e desenvolvimento de habilidades de utilização desses sistemas para a interação social. Projetos e propostas de trabalho envolvendo a leitura e a escrita. O papel do/a professor/a alfabetizador/a: conhecimentos e habilidades. Estudo e análise de recursos didáticos e procedimentos de avaliação no campo da alfabetização (MARANHÃO, 2010).

A disciplina é de fundamental importância no currículo de Pedagogia por proporcionar às acadêmicas reflexões a respeito da importância da escrita e da leitura como instrumentos de interação social. Para tanto, essa compreensão perpassa o entendimento das vivências de leitura e de letramento necessárias para a formação do professor-alfabetizador. Convém destacar que o interesse para pesquisar o letramento na perspectiva linguística surgiu a partir das aulas que ministra a pesquisadora nessa disciplina.

No próximo capítulo, serão discutidos os resultados da pesquisa a partir da compreensão das categorias estabelecidas para análise. A perspectiva é entender que esse profissional que é produtor e usuário da língua e ao mesmo tempo um ser humano que interage com seu tempo, é influenciado por sua cultura e tem a sua forma peculiar de fazer história.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Concepção de leitura das acadêmicas

Para produzir esta seção, partimos do relato das acadêmicas sobre sua trajetória escolar, dando ênfase às histórias de letramento e às concepções de leitura percebidas nas entrevistas. A perspectiva é compreender, em linhas gerais, o que as acadêmicas entendiam sobre leitura. Neste ponto, os relatos feitos pelas alunas pesquisadas alternam entre as concepções redutora e interacionista, superando a superficialidade que, por vezes, permeia a temática leitura.

É importante destacar que a compreensão de leitura adotada nesta pesquisa é a interacionista, visto que a vemos como um processo interativo, em que o conhecimento do leitor dialoga com o que se lê, ocorrendo o diálogo entre os textos e as experiências do leitor. Este fato acontece pela própria natureza da leitura na concepção interacionista que, segundo Silva (1999, p16), [...] ler é sempre uma prática social de interação [...], interação leitor e texto, contextualizando o que foi lido e utilizando esse conhecimento no cotidiano profissional e social.

Compreendendo-se que existem diferentes concepções de leitura, identificar a concepção de leitura das acadêmicas é um ponto fundamental para este trabalho. E para que se realize a análise mencionada, torna-se importante destacar os depoimentos no que se refere à concepção que possui cada uma das entrevistadas, o que deixa evidente que essas concepções foram sendo construídas a partir das vivências e experiências culturais de leitura e que por isso

Leitura é o meio pelo qual entendemos melhor as informações e conhecimentos apresentados pela escola como conteúdos orientadores da aprendizagem da nossa língua e juntamente com a escrita são fatores primordiais a nossa vivência para a inserção na sociedade atual. (Rosa).

O discurso de Rosa, ao conceituar leitura, deixa transparecer a sua concepção redutora, pois trata a leitura como decodificação. O relato traz marcas da forma como a entrevistada concebe a leitura como uma prática relacionada à escola. Mas será que a leitura é atividade desenvolvida exclusivamente pela escola? A leitura é prática não somente de uma única instituição, ela é utilizada por toda sociedade letrada, isto é, por todos aqueles que se utilizam do sistema gráfico como interação, pois “ [...] a aprendizagem da leitura significa

uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento[...] (MARTINS,2012, p.20), portanto, compreender leitura como função somente da escola é uma concepção redutora dessa prática social. Sobre a aprendizagem da leitura em outros espaços além da escola, Cagliari afirma que “[...] a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.” (CAGLIARI, 2009, p.130).

Rosa destaca que “[...] a leitura é fundamental para vivência e inserção na sociedade”. Embora esse fragmento da sua fala apresente aqui uma visão de interação sobre a leitura, no geral, sua concepção de leitura é redutora, pois remete ao entendimento de leitura como imposição ou necessidade, o que já foi destacado por Brito (2003), quando fala dos mitos sobre a leitura.

Outra participante, Orquídea, afirma que

A leitura é decodificar a escrita, entender a mensagem escrita, por isso ela é de fundamental importância porque, através dela é que vamos poder compreender melhor a questão do conhecimento e procurar fazer uso desse conhecimento no dia-a-dia. A escrita deve ser a forma pela qual eu posso expressar meu entendimento, opinião sobre aquilo que foi lido e que aprendi [...] (Orquídea).

A entrevistada Orquídea, ao se expressar, deixa transparecer sua concepção redutora de leitura ao afirmar que “leitura é decodificar a escrita,”. Essa concepção de Orquídea, já citada por Silva (1999), “ler é decodificar mensagens”, coloca o leitor numa posição de ser passivo na compreensão, uma vez que, de acordo com essa concepção, não é levada em conta a contextualização do que está sendo lido, como também é ignorado o sentido atribuído pelo leitor ao texto.

A acadêmica reforça a concepção redutora, que envolve emissor, receptor e mensagem, quando menciona que leitura é “entender a mensagem escrita”. A entrevistada reduz a leitura a uma única concepção (redutora) e assim ignora a leitura de mundo, tão importante e defendida por Freire (2006), que afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. E reafirma a mesma concepção ao limitar leitura exclusivamente à mensagem escrita, esquecendo-se das diversas formas de se realizar leitura, leitura de olhar, do tempo (Martins, 1994), leitura de imagem e dos diversos signos necessários à interação e ao convívio social, ou mesmo a leitura de mundo defendida por Freire. É preciso que seja oportunizada à entrevistada a possibilidade de ampliar essa concepção de leitura, uma vez que será formadora de leitores (os alunos), e a universidade tem um papel fundamental nesse processo.

Já Tulipa diz que “A leitura é de extrema importância para a formação crítica da pessoa”. (Tulipa)

Tulipa, quando enfatiza “[...] a formação crítica da pessoa”, destaca a criticidade necessária ao ato de ler para a devida compreensão do texto. Percebe-se que Tulipa avançou no que diz respeito à concepção de leitura, passando da concepção redutora para interacionista. Nesse sentido é que se vê a importância dos incessantes momentos de pós-alfabetização mencionados por Silva (1998) para que se rompa com a concepção redutora de leitura, proporcionando uma nova visão a esse leitor. A esse respeito Silva (1999, p.17) lembra:

E no meu modo de entender, a sociedade brasileira não está solicitando o leitor ingênuo e reprodutor de significados, mas sim cidadãos leitores que produzam novos sentidos para a vida social através da criatividade, do posicionamento crítico e da cidadania.

A mudança de mentalidade ou das formas de pensar não é uma tarefa das mais fáceis, mas, por professar a esperança, acredito que todos os seres humanos têm condições de superar visões e comportamentos não-condizentes com o momento histórico.

O que a sociedade precisa é de cidadãos que sejam sujeitos da sua história, que tenham posicionamento crítico diante da realidade que os cerca. Daí a importância da escola e do professor alfabetizador em não permitir a formação de um leitor que se limita a reproduzir aquilo que lê de maneira ingênua, ou seja, sem utilizar a criatividade e criticidade. Essa falta de criticidade caracteriza a concepção redutora de leitura, concepção esta que está presente nas falas das acadêmicas. Percebe-se que essa concepção que demonstram é fruto de uma educação tradicional, reflexo das práticas desenvolvidas na escola (Kleiman, 2012).

Sabendo que a Universidade é um espaço, por excelência, para aprofundar o ensino, formar formadores, desenvolver a cientificidade do conhecimento e socializar os conhecimentos construídos no seu interior com a sociedade, é preciso que ela esteja mais atenta às necessidades dos alunos que a frequentam para poder proporcionar embasamento teórico e científico, como também compensar ou complementar aquilo que falta a esses alunos que são egressos da educação básica e oriundos de classes sociais variadas, porém todos com potencial para aprender.

Violeta considera a leitura fundamental: “Leitura na vida de uma pessoa é indispensável, ela está em todas as nossas ações do dia a dia”. (Violeta)

No fragmento dessa fala, Violeta destaca que a leitura “[...] na vida de uma pessoa é indispensável, ela está em todas as nossas ações do dia a dia” **demonstra o seu modo de conceber a leitura embora em outros momentos da entrevista (ver anexos) ela deixa claro que**

o convívio e aprendizagem da leitura na escola foram embasados em uma concepção tradicional e, portanto, redutora de leitura. Apesar de traços interacionistas, a fala de Violeta é construída a partir da experiência em um contexto escolar impregnado de mitos de leitura, como destacado pelos estudos de Brito (2003).

Também Hortência acha a leitura fundamental:

A leitura na vida da pessoa é primordial, quando a pessoa não sabe ler ela possui uma visão mais limitada da realidade. A leitura serve para uma ampliação de conhecimento do mundo, a leitura é algo que faz parte de nossa vida. Quem não sabe ler as palavras, isto é, não foi alfabetizado, sente muitas dificuldades para conviver numa sociedade letrada como a nossa. (Hortência)

Quando Hortência afirma que “a leitura serve para a ampliação do conhecimento de mundo”, essa concepção nos remete aos estudos de Freire (2006), quando ele afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, a compreensão do texto implica a percepção das relações existentes entre leitor e texto na dinâmica do contexto. Dinâmica essa que é imprescindível para a formação do leitor. Embora Hortência faça a relação da leitura com o conhecimento de mundo, a entrevistada apresenta também uma visão utilitarista quando afirma que a pessoa que não sabe ler possui visão limitada da realidade

Na percepção das entrevistadas, um dos pontos que percebemos é que, a princípio, as acadêmicas Orquídea e Rosa destacam a leitura numa concepção redutora, quando afirmam: “[...] a leitura é o meio pelo qual entendemos melhor as informações e conhecimentos” (Rosa). “[...] A leitura é decodificar a escrita, entender a mensagem escrita” (Orquídea). Tais construtos coincidem com os estudos de Silva (1999). A leitura, nessa concepção, é concebida como um processo de decodificar e dar respostas a sinais gráficos, fato que caracteriza o papel passivo do leitor.

Como formar um cidadão reflexivo se está arraigada na prática desse docente a concepção decodificadora de leitura? Como esse professor poderá formar o aluno leitor se durante todo histórico de vida foi decodificador? Por essa razão, a disciplina Fundamentos da alfabetização, oferecida pelo curso de Pedagogia precisa abordar, na relação professor e leitura, quais as questões imbricadas nesse processo, quais as concepções de leitura subjazem às falas dos docentes, que novos caminhos o educador precisa percorrer para que o aluno tenha aquisição da leitura e saiba utilizá-la criticamente.

Nessa perspectiva, a Universidade, através da disciplina Fundamentos da Alfabetização, deve proporcionar uma discussão que leve os acadêmicos a refletir sobre a importância de conhecer a língua e sua utilidade na sociedade atual. Parece-nos que a referida

disciplina, que ministramos, não está atendendo às necessidades e anseios dos futuros docentes que procuram na formação inicial subsídios para embasar sua prática pedagógica no que se refere aos conceitos linguísticos e demais saberes docentes.

Nos depoimentos das entrevistadas, percebe-se que as concepções de leitura que possuem se alternam, sendo que em alguns momentos se apresentam como redutoras e em outros como traços interacionistas. Vale destacar que as entrevistadas, ao se pronunciarem, demonstraram ser contraditórias pelo fato de estar arraigada em suas práticas a concepção redutora, porém os seus discursos se configuram como interacionistas (talvez até mesmo porque quem as entrevistou foi sua professora da disciplina de Fundamentos da Alfabetização). Acredita-se que a forma como concebem a leitura é o eixo norteador do trabalho pedagógico que realizam no contexto atual e nas práticas futuras, daí a necessidade do apoio da universidade na formação desse profissional para que possa amadurecer seus conhecimentos a respeito da leitura.

Violeta, ao relacionar a prática de leitura ao seu trabalho, afirma “Quando estou ensinando os alunos do ensino fundamental eu sempre incentivo a prática a leitura, é a melhor coisa que existe, quando a gente lê a gente viaja [...]”, esse discurso nos remete aos mitos de Brito (2003) sobre leitura. É claro que essa concepção é marcada pela inculcação do mercado, pela ditadura da produção de texto e se reflete, segundo Zilles (2005), nos estudantes leitores.

Os conteúdos que compõem a ementa da disciplina Fundamentos da Alfabetização, no curso de Pedagogia, embora contemplem temas necessários para compreensão da língua e do processo de alfabetização e letramento, não estão sendo trabalhados na perspectiva de levar o aluno à reflexão sobre a prática docente e à formação do leitor crítico, entendimento que também não foi desenvolvido nos níveis de ensino anteriores à universidade. É preciso desenvolver a criticidade que permita um olhar mais apurado sobre as práticas de leitura, entendendo-as como processo de interação.

A concepção de leitura que um professor possui, construída desde o seu processo de alfabetização, pode refletir diretamente na sua vida social e profissional. Isso significa que o que foi construído na formação leitora é tão arraigado que vai se refletir durante toda a prática docente.

O professor alfabetizador precisa ter na leitura o apoio para seu trabalho, pois toda a atividade escolar tem como ponto de partida a leitura. É preciso, então, que esse alfabetizador tenha contato com os diversos gêneros textuais para assim ajudar os alunos e também valorizar os conhecimentos linguísticos que eles já possuem.

Na perspectiva da entrevistada Tulipa, o conceito de leitura apresenta-se de forma ampla, em que é destacada a característica da leitura no contexto da sociedade letrada. No entanto, vale ressaltar que a amplitude da definição da entrevistada parece não deixar clara a concepção que possui.

Tulipa afirma que “A leitura é de extrema importância para a formação crítica da pessoa”. Na sua visão, a leitura funciona como instrumento formador do homem crítico, numa concepção interacionista. Vale ressaltar que na fala dessa entrevistada, embora com a impressão de um posicionamento crítico, no decorrer da entrevista (ver anexo), ela não faz menção qualquer a uma de suas práticas de leitura que ratifique sua fala sobre a interação.

Silva (1998) destaca que leitura é uma via de participação do homem na sociedade. Essa concepção está presente nas falas das entrevistadas. Neste ponto, Rosa afirma que “o domínio da leitura e escrita fica bem mais fácil, é a possibilidade para você se engajar nos diversos espaços sociais e adquirir outros conhecimentos [...] A aquisição de conhecimento tem início com a aprendizagem e uso da nossa língua”. Essa é a concepção que transita pela leitura como canal de aquisição de conhecimento, como meio de troca de ideias, que oferece suporte às relações interacionais que acontecem entre os homens, possibilitando o diálogo entre os pares, um encontro entre leitor e o texto (DALLA ZEN, 2011).

É fundamental não cair na armadilha de que a leitura desvinculada do contexto real vai oportunizar as soluções da vida social. Esse entendimento, segundo Brito (2003), pode produzir uma concepção ingênua de leitura.

O leitor, na condição de inacabado, tem a possibilidade de ir além, de não ficar determinado. “Significa reconhecer que somos condicionados, mas não determinados” (FREIRE, 2000, p. 21). A construção da própria presença no mundo não se faz independente das forças sociais, das concepções que vamos construindo na nossa história. Neste ponto, todas as entrevistadas transitam por concepções de leitura redutora e interacionista. Nesse embate, que vão se construindo enquanto leitoras, o importante é não perder autonomia enquanto ser que busca a sua história.

Outro ponto percebido no fragmento de Rosa é que, no seu entendimento, a leitura proporciona a aproximação entre os indivíduos de um determinado grupo, deixando claro que, na sua concepção de leitura, há interferência da leitura como interação social, traço de concepção presente em Orquídea quando mencionou que “[...] a leitura não anda sozinha, ela está apoiando e dando sentido à nossa escrita, melhorando o uso da língua materna.” No entanto, apesar de as entrevistadas reconhecerem que a leitura tem suporte na concepção interacionista, atrelam esta leitura a dar resposta a sinais gráficos, que é uma das

características da concepção redutora, deixando clara a interferência de como a sociedade dá importância à leitura, o que caracteriza uma visão utilitarista.

Brito (2009) adverte o perigo da formação do leitor na concepção redutora<sup>2</sup> e individual de leitura cuja postura perpassa pelo entendimento de que o sucesso ou fracasso (insucesso) de um indivíduo é responsabilidade particular. O autor critica ainda o posicionamento dessa concepção de que o indivíduo, mesmo não tendo o “hábito de ler”, possa ser um leitor apenas por ter acesso a textos de todas as formas.

Através da leitura e escrita, os homens se apropriam mais facilmente dos conhecimentos do uso da língua no convívio social. Essa compreensão apresentada nesse trabalho é ratificada por Silva (1999 p.16) quando afirma que:

[...] o leitor, através do seu repertório prévio de experiências (conceituais, linguísticas, afetivas, atitudinais, etc.), dialoga com um tecido verbal, que, articulando ideais dentro de uma organização específica, possibilita a produção ideacional de determinados referenciais de realidade. Ao longo dessa interação, o sujeito *recria* esses referenciais pela dinamização do seu repertório. Nestes termos, o texto age sobre o leitor e, retrodinamicamente, o leitor age sobre o texto.

As concepções de leitura elucidadas nas falas das entrevistadas podem influenciar de forma significativa a sua prática leitora e a organização do seu trabalho de alfabetizadoras, e, sobre essa influência, afirma Guedes-Pinto (2002. P.81) que “[...] os sentidos que construímos das leituras que fazemos são marcados pela circunstância, pelo contexto vivido, pela história que nos referencia”. Tal perspectiva permite destacar que os incentivos que tiveram através dos eventos de letramento que presenciaram e de que participaram tanto no seio familiar, quanto na escola nos anos iniciais de alfabetização foram relevantes para a vida de leitor como também para sua atuação profissional.

Por essa razão, é fundamental destacar o depoimento das entrevistadas no que se refere ao início do seu percurso de alfabetização, pontos que discutiremos na seção a seguir.

---

<sup>2</sup> Concepção discutida a partir da contribuição de Brito na apresentação do livro *Criticidade e Leitura* de Ezequiel Theodoro da Silva da Global editora.

## 4.2. O processo de alfabetização e a compreensão das histórias de letramento das participantes da pesquisa

As questões que norteiam a análise desta seção passam pela descrição da história de letramento e trajetória escolar das acadêmicas no que se refere à aquisição da leitura e escrita, destacando-se a idade com que iniciaram sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativos desse processo, as principais influências na história do seu letramento.

Nessa perspectiva, a cada fragmento das entrevistadas, destacamos os principais pontos da análise. Iniciaremos pelo relato de Rosa:

Eu tinha cinco anos de idade quando começaram a me alfabetizar. Primeiramente não foi na escola porque na época eu era nova[...] na minha casa as únicas leituras disponíveis eram os cordéis que meu pai comprava, mesmo sem saber ler, pois sempre pedia para que alguém lesse para ele. (Rosa)

O que se percebe no depoimento de Rosa é que ela estava cercada de pessoas da família, porém no que refere à ajuda para a alfabetização, ou seja, para a aprendizagem da leitura e escrita, encontrou dificuldades, pois seus pais não sabiam ler nem escrever e também não havia material de leitura em sua casa que lhe chamasse atenção ou que ela pudesse manusear (à exceção dos cordéis). Isso nos remete aos estudos de Kleiman (2012), que destaca que, na formação de leitores pela escola, existem pontos que são externos à sala de aula, mas que influenciam de forma significativa o leitor ou dificultam a formação de leitor, que é “a pobreza no seu ambiente de letramento”. Essa pobreza do ambiente de letramento a que se refere Kleiman (2012) fica evidente em relação à casa da pesquisada. Pela sua fala, cordéis não lhe despertavam interesse e, por essa razão, não contribuíam para sua formação leitora.

Ainda na fala da entrevistada, pode-se perceber como se sentem aqueles que não dominam a prática da leitura, no caso, seu pai, pois o fato de sempre pedir para outros que lessem, demonstra, por um lado, a situação de humilhação e dependência daquele que não domina o código linguístico escrito, e, por outro lado, o empoderamento daquele que domina os códigos.

A relação de poder é construída pela condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, ao se apropriar da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade (SOARES, 2012). A relação de poder é uma condição proporcionada pelo letramento, e esse estatuto que ocupa a cultura letrada faz

com que se estabeleçam relações em que a posição de alguns é privilegiada naquele contexto e naquela comunidade. O relato de Orquídea demonstra a importância da leitura e da escrita na sua história:

[...] para ser alfabetizada eu fui para a escolinha de reforço [...] somente consegui ser alfabetizada aos oito anos, pois quando chegava em casa não tinha quem me ajudasse nas tarefas escolares, uma vez que meus pais eram analfabetos e meu irmão, mesmo estando na escola, não se esforçava, portanto não sabia ler nem escrever. (Orquídea)

No relato de Orquídea, fica evidente a dificuldade que sentia por não poder contar com o apoio no lar para a aprendizagem da leitura e da escrita pelo fato de a família, assim como ela, não dominar os códigos linguísticos. Ela se encontrava cercada de pessoas analfabetas e, por essa razão, era inviável contar com ajuda para, no seio familiar, cumprir suas tarefas escolares. Além de seus pais serem analfabetos, o irmão, assim como ela, frequentava a escola, porém não sabia “ler nem escrever”. Mas será que o fato desse irmão da entrevistada não saber ler nem escrever é realmente falta de esforço da parte dele ou será a inadequação do trabalho de alfabetização desenvolvido na instituição escola que, muitas vezes, não cumpre seu papel de formadora de leitores competentes?

A escola, imersa nessa realidade, não pode desejar uma relação família e escola em que a família assuma toda a responsabilidade no que diz respeito ao acompanhamento escolar dos filhos. A escola tem que orientar as famílias no que diz respeito à parceria, e essas duas instituições precisam assumir, cada uma a seu modo, o compromisso com a educação das crianças. E quando a família não cumpre sua parte, a escola precisa utilizar estratégias de ensino e aprendizagem junto aos alunos para compensar a falta da família, pois o mais importante é o desenvolvimento integral das crianças. Neste ponto, a escola precisa incentivar o estudo dos conteúdos como também orientar os alunos no que diz respeito aos valores sociais e cidadania, que são esquecidos por muitas famílias na sociedade. Por esse motivo, muitas crianças não têm a família como referência da sua aprendizagem escolar, tal realidade é confirmada nos estudos de Terzi, que diz que “[...] as crianças dos meios não letrados não aprenderam a ler na interação com o adulto nos anos pré-escolares, elas têm como única opção a incorporação do conceito de leitura expresso pelas práticas didáticas dos professores,” (TERZI 2001, p.35).

Segundo Magalhães (2011), a formação do professor alfabetizador precisa contemplar os conhecimentos linguísticos imprescindíveis ao desenvolvimento do seu trabalho. Visto que esse educador precisa ser um linguista, pois irá orientar acerca do

conhecimento da língua e demais saberes necessários ao processo de ensino/aprendizagem. E, por estar em um contexto histórico-social, ele será influenciado pelas práticas ali desenvolvidas. Além disso, esse professor precisa compreender as particularidades e necessidades de cada aluno.

Kleiman (2012), ao discorrer sobre a leitura desenvolvida na instituição escolar, afirma que ela está pautada nas concepções seguintes: na decodificação, avaliação e na relação autoritária. Esse modelo autoritário de leitura valoriza a ação didática em que a orientação escolar deve ser assimilada como verdadeira pelo aluno leitor, sendo que essa forma de conceber leitura não proporciona a interação leitor/texto.

No fragmento de Violeta a seguir, há uma marca do espaço da residência, que não é comum para a realidade maranhense, até onde a conhecemos, que foi fundamental para a história de leitura dessa acadêmica:

Eu comecei a manusear em livros na escola, mas em casa eu tinha contato com a leitura da seguinte forma: minha casa era de assoalho e para que nós lêssemos e escrevêssemos, meu irmão que já frequentava a escola sempre trazia uns pedacinhos de giz da escola aí mandava eu escrever no chão que era de tábua, eu escrevia as letras do alfabeto, depois ele mandava eu ler. E em seguida, após as letras, foi me ensinando sílabas, palavras simples e assim meu irmão mais velho iniciou minha alfabetização. (Violeta)

Os eventos de letramento têm características próprias do espaço onde acontecem. No depoimento de Violeta, há uma referência ao espaço geográfico em que se desenvolviam as práticas de leitura e escrita, tendo o caráter de brincadeira que imita o modelo da escola. O irmão faz o papel de mediador. Na teoria de Vygotsky (1996), é na interação face a face que acontece a aprendizagem.

Os discursos trazem os conceitos de leitura e as concepções das acadêmicas. No fragmento da fala de Tulipa, ela destaca essas particularidades:

Com cinco anos de idade entrei para a escola, mas não concluí a educação infantil porque meus pais se mudaram de cidade. Chegando aqui nesta cidade, minha mãe me matriculou somente aos sete em uma escola de ensino fundamental, nessa escola o ensino era bastante tradicional. Eu não sabia ler ainda, apenas por imagens e as primeiras letras e a professora, porém não era tão rígida comigo e foi lá que eu aprendi a ler. Depois de um tempo eu já lia bem rápido, soletrava corretamente, mas isso porque em minha família eu recebi incentivo para aprender e desenvolver a leitura. (Tulipa)

Na fala de Tulipa, fica expresso, de forma bem evidente, que a escola que ela frequentava tinha postura tradicional e não levava em conta os letramentos trazidos pelos

alunos, ou seja, o conhecimento de mundo construído no convívio em outros espaços sociais, como a família, e que servirão de base para a formação do leitor, não eram reconhecidos pela escola. O aluno que está chegando à escola possui, já antes de chegar a ela, as leituras de outros contextos sociais que muitas vezes não são aceitas pela escola. A escola pode, além de trabalhar com seus alunos os conteúdos sistematizados, orientá-los no que diz respeito à leitura de mundo, em outras palavras, contextualizar o ensino escolar com suas experiências adquiridas em outros espaços, tornando a aprendizagem significativa, valorizando seu contexto social

Pelo seu posicionamento, a concepção de leitura que a entrevistada possui é redutora e tradicional, quando ela faz menção ao texto escrito como a única forma de se conceber leitura, deixando transparecer que não estava levando em conta as outras formas de se ler. Isso fica nítido no seguinte trecho “eu não sabia ler ainda, apenas por imagem”. Na verdade, ela não dominava os signos linguísticos relacionados à escrita, mas possuía outras leituras. Quando cita “apenas por imagem”, nos remete aos conhecimentos da semiótica que estuda os diversos tipos de signos. A leitura imagética é uma das diversas formas existentes de desenvolver a leitura, principalmente com alunos no início da alfabetização como era o caso da entrevistada. Importa lembrar que essa visão da entrevistada é ultrapassada e não contribuirá para sua formação de leitora, nem de professora formadora de leitores.

A postura da entrevistada, ao se referir à leitura, deixa perceber uma visão tradicional, redutora. Tal posicionamento leva-nos a questionar: qual será o papel da universidade na formação do aluno leitor, visto que chegam à instituição com posturas e experiências sobre leitura que já não se sustentam? E como as disciplinas oferecidas para fornecer embasamento teórico, como a de Fundamentos da Alfabetização, podem e devem ajudar esses acadêmicos na sua formação profissional?

Outro fato que convém destacar nesse relato é a postura da professora em deixar, segundo a entrevistada, transparecer sua preferência por determinados alunos. Essa postura é entendida também como tradicional, pois, pelo que se entende, essa preferência pela aluna entrevistada pode ser porque ela já conhecia algumas letras, isto é, se configurava como a aluna mais interessada ou mais inteligente da sala. É somente hipótese, porém isso é muito recorrente numa educação tradicional, portanto a professora de Tulipa tem tendência tradicional, que entende a aprendizagem como resultado do esforço individual e ainda o bom aluno é aquele que reproduz os ensinamentos do professor, sem alterar ou questionar. Outra possibilidade para explicar a facilidade de aprendizagem de Tulipa é a relação de confiança entre professor e aluno que foi construída, e isso pode ter contribuído para que se interessasse

pela leitura. Violeta, no fragmento, destaca a sua experiência de leitura, menciona os eventos de letramento de que participava no seio familiar. O seu letramento, segundo ela, teve início com o incentivo do irmão mais velho, que utilizava como material de apoio didático os pedaços de giz trazidos da escola em que ele estudava e como quadro para desenvolver a escrita era usado o chão da sua casa, que tinha o piso madeira, também chamado pela entrevistada de assoalho. Essa prática, embora não tivesse o caráter sistemático da escola, mas sim uma brincadeira, foi decisiva para o início da alfabetização da entrevistada. Ali que ela iniciou sua prática de leitura no convívio da família, tendo como principal mediador o irmão mais velho.

Nos seus relatos, as entrevistadas apresentam ainda a vontade para a movimentação de uma mudança social. O depoimento de Hortência caracteriza esse movimento:

Por conta da minha vontade de ler, e insistência para estudar, antes de iniciar na escola regular, minha mãe me colocou em uma escolinha particular, onde eu aprendi as primeiras letras do alfabeto para mim tudo aquilo era novidade e muito interessante. Nessa escolinha eu comecei a fazer a relação entre o nome e a imagem ou gravura, claro que de algumas palavras, mas isso me ajudou, pois quando eu fui para a escola regular já sabia ler um pouquinho. (Hortência)

Para a entrevistada, a sua história de letramento parte da concepção de escola e do suporte da família nas primeiras providências, que, no seu discurso, refere-se à escolinha que permitiu uma entrada na escola regular com um caminho já percorrido. Hortência, pelo fato de se sentir motivada para frequentar a escola e não ser compreendida, teve que se posicionar com insistência diante da família para que seu desejo fosse atendido.

Ela não tinha ainda a compreensão da importância da instituição escola, mas era levada pela representação que tinha sobre o local para aprender a ler como também pela fantasia sobre o mundo da leitura e escrita que tanto lhe fascinava. Esse espaço também lhe proporcionou eventos de letramento, entendidos por Goulart (2012) como “atividades humanas em que a escrita está presente e exerce papel efetivo”. De acordo com os relatos de Hortência, esse espaço de letramento foi para ela significativo por funcionar como uma espécie de preparação para a escola, ou seja, a experiência que teve equivaleu à pré-escola ou à educação infantil, nível que antecede o ensino fundamental e que funciona como espaço de aprendizagem e preparação para iniciar a criança na educação escolar.

Percebe-se, nos relatos, que as acadêmicas Hortência, Rosa e Violeta tiveram contato com a leitura em outro espaço social, antes de chegar à escola. Esse contato foi

iniciado no ambiente familiar, em escolinhas particulares da comunidade, e foram significativos nas construções das histórias das acadêmicas e das suas referências, como se percebe no depoimento de Rosa “[...] na minha casa as únicas leituras disponíveis eram os cordéis que meu pai comprava, mesmo sem saber ler, pois sempre pedia para que alguém lesse para ele”.

O interessante é que Orquídea, apesar de ter irmão na escola, não teve contato com a leitura no seu contexto familiar. O tom da fala de Orquídea é de lamentação, “[...] e meu irmão, mesmo estando na escola, não se esforçava, portanto não sabia ler nem escrever”. No fragmento, pela própria inculcação do modelo de leitura, a entrevistada coloca a culpa da não aprendizagem na falta de esforço individual do irmão. Esse depoimento vem confirmar a fragilidade da concepção de leitura que trilha pela concepção ingênua de compreender o processo de leitura do ponto de vista individual e não coletivo.

O risco dessa concepção é que o aluno é avaliado pela alfabetizadora na perspectiva do esforço individual, isto é, que aluno aprende dependendo da vontade pessoal. Esse modelo de letramento que não leva em conta a efetivação das interações e toma a escrita como algo determinista, se configura como modelo autônomo de letramento (Street, 2003). Dentro de um olhar crítico, é importante observar o papel da escola, que deve ser de conciliadora das questões sociais, mas, muitas vezes, não cumpre seu papel perante a família quando não leva em consideração o contexto do educando, que possui suas particularidades.

A universidade tem a função de preparar o egresso para atuar na sociedade, no sentido de oferecer conhecimento científico e garantir sua proliferação, mas não pode deixar de aceitar o conhecimento culturalmente construído, que, muitas vezes, é o ponto de partida para o entendimento dos conhecimentos ali construídos como também para realização e implementação das pesquisas. Portanto, o conhecimento popular ou cultural não pode ser ignorado ou valorado de forma inferior. Já os professores precisam entender que suas práticas precisam estar voltadas para proporcionar a formação intelectual e cultural do aluno.

Um fato interessante na fala de Tulipa é a relação com a professora alfabetizadora em que, apesar da prática tradicional conservadora, acentua o seu lado menos rígido, o que implicou aprendizagem, deixando clara a sintonia com a família. Embora a professora tenha respeitado o tempo de Tulipa, a sua ação não descaracteriza o modelo de leitura produzido pela escola. Um fato relevante é que, das cinco entrevistadas, somente uma, Tulipa, fez menção à mediação da professora no processo inicial de alfabetização, confirmando o que Zilles (2005) constatou, quando afirma que, nas histórias de leitura, poucas vezes o professor é referência como mediador.

As acadêmicas acentuam, no seu discurso, o momento de entrada na escola como marca fundamental no seu processo de letramento, caracterizando, assim, que cada instituição social possui seu jeito próprio de educar seus membros e, conseqüentemente, a forma de conceber a leitura e a escrita. No caso da família, os eventos de letramento não acontecem de forma sistematizada como na escola, porém esse letramento familiar que pode acontecer com a prática da leitura de textos escritos e de relatos orais é de fundamental importância e indispensável para a formação do leitor, como aconteceu com a literatura de cordel que Rosa relatou (apesar de ela não gostar). Além disso, os eventos que acontecem fora da escola, muitas vezes, são mais colaborativos e interativos. Sobre essa questão, recorreremos aos estudos de Kleiman (2012), quando afirma que as agências de letramento (no caso a família) possuem maneiras próprias e diferentes formas de orientar a construção da leitura e escrita do indivíduo. Portanto, essas orientações recebidas na família servirão de base para o ensino da leitura e escrita trabalhados na escola.

O letramento familiar constitui um conjunto de práticas sociais que envolvem leitura e escrita e demais eventos que pressupõem o uso da escrita. A participação familiar é um vínculo importante para que se compreenda o desenvolvimento das crianças e os eventos de letramento de que fizeram parte. Schnack (2014) evidencia a interação existente entre família e escola por meio de textos escritos. A autora se refere à importância do evento de letramento com bilhete escolar e destaca sua extrema importância na relação entre essas instituições. [...] Na comunicação entre escola e família, observa-se que o mandato institucional projeta sobre a família a atividade de tomar conhecimento dos fatos [...] e a posterior tomada de decisão [...] (Schnack, 2014 p.91).

O letramento familiar possui seu próprio jeito de promover a interação do indivíduo com o mundo que o cerca, valorizando as diversas leituras ali desenvolvidas que servirão de base para os demais letramentos necessários para o indivíduo participar na vida em sociedade. É fundamental acrescentar que, para a formação integral, o letramento familiar é suporte inicial para a participação do indivíduo em outros eventos que envolvam o letramento.

As diferentes experiências de leitura com que o homem se defronta desde a sua entrada no mundo social partem da sociedade, da instituição família, em que, desde pequenos, evidenciam-se práticas de letramento próprias da condição social que o indivíduo vivencia. Por este fato, as entrevistas na sua memória trazem referência negativa ou positiva das pessoas que estiveram mais próximas. Na nossa investigação, encontramos avô, pais e irmão como figuras fortes que interferiram no processo e deixaram marcas.

Essa postura de se pronunciarem, ora concebendo a leitura de forma redutora e ora de forma interacionista, deve-se ao fato de que durante grande parte de suas experiências com a leitura, seja no seio da família ou na escola, tiveram como referência de leitura a prática tradicional, e após contato com outra forma de concebê-la (a leitura), cria-se em seus discursos o paradoxo sobre o tema. As acadêmicas constroem as suas vivências e, por essa razão, na seção seguinte, abordaremos as referências familiares que as entrevistadas têm nas suas histórias de leitura e escrita.

Todas as experiências de letramento são de grande relevância na vida de uma pessoa, pois contribuirão para sua formação de leitor. Assim, as histórias de letramento das entrevistadas estão repletas de traços culturais que são relatados com satisfação pelas participantes desta pesquisa, e isso influenciou e continua a exercer influências significativas tanto na vida pessoal quanto na escolha da profissão.

#### **4.3 Práticas de leituras no contexto familiar e sua influência na formação docente**

Fundamentada na análise da seção anterior, que destaca a aquisição do processo de alfabetização e a compreensão das histórias de letramento das participantes da pesquisa, discorreremos, a partir das falas das acadêmicas, a categoria que trata da participação da família no processo de alfabetização e formação leitora.

É importante destacar que letramento familiar consiste em todas as práticas de leitura que acontecem no espaço doméstico. Tais práticas envolvem diversos gêneros que são diferentes dos praticados na instituição escola. Essas diferenças ocorrem pelo fato de os eventos serem mais significativos para os membros daquele grupo e por acontecerem de forma natural assistemática. Além disso, os eventos de letramento familiar despertam maior interesse nos participantes. Esses eventos são conduzidos de forma interativa em que todos participantes se envolvem de forma espontânea tornando a aprendizagem e troca de experiências dinâmicas.

Para tanto, iniciaremos as discussões com o fragmento a seguir em que podemos observar como o exemplo do pai de Rosa a influenciou, despertando-lhe o interesse pela leitura. Isto é confirmado quando ela se refere primeiramente à leitura dos cordéis “[...] meu pai pedia para alguém ler para ele ouvir e aprender aquelas histórias”. E sobre sua experiência de leitura com os “gibis”: “[...] eu fazia leitura das imagens e figuras das revistas, mas meu sonho era ler realmente o que estava escrito ali”. A memória da entrevistada situa-se dentro de um contexto social específico, no caso da análise, a presença viva de uma manifestação da

cultura popular. A leitura de gibis se configurava como evento de letramento que influenciou a entrevistada a aprimorar a leitura que, naquele momento, se restringia à leitura de imagem.

As aquisições de conhecimento e saberes oferecidos pela escola representavam uma possibilidade de ascensão social para as famílias dessas alunas, sentimento presente nas suas falas. A entrevistada Violeta, ao falar do motivo de a sua mãe incentivá-la a ir à escola, destaca que era o fato de não ser usuária da leitura e da escrita e não ter frequentado a escola que pesava na decisão de insistir que sua filha fosse alfabetizada. Assim, explica “[...] essas lembranças é que levavam a minha mãe a querer que eu e meus irmãos fôssemos para a escola”.

As vivências da mãe da entrevistada fazem menção à valorização que a sociedade destaca em relação à cultura “erudita”. Está claro que, nas interações sociais, a ausência da capacidade de ler e escrever, conforme a ideologia escolar, limitou a ação desses sujeitos no contexto considerado letrado.

A condição de analfabeta da mãe de Violeta levanta um equivocado pensamento de que ela não tem condições de ser a referência para processo de escolarização da filha, no entanto, pelo próprio fragmento da entrevistada, podemos afirmar que esse pensamento é equivocado. Dentro desse prisma, desvela a forma particular de vivência com o processo da escola, com a sua importância social na construção do caminho que direciona à ascensão social, pensamento enfatizado por Schnack (2014), ao destacar a comunicação entre escola e família. Para a autora, esse processo é

[...] entendido como uma construção social que revela a maneira como cada uma se posiciona em relação à escola, se de maneira mais empoderada ou menos, considerando a escola um direito ou um dever da criança, se compartilhando as práticas da escola, ou dividindo com a instituição os fazeres vinculados à educação e ao desenvolvimento dos filhos. (2014, 86)

Fato semelhante aconteceu na história de vida da Hortência, que traz no relato a forma particular da família ajudar na escolarização dos filhos:

Minha mãe trabalhava lavando roupa pra fora para ajudar no sustento da família, mas tinha um tempinho para ficar com os filhos e nos dá conselhos e orientações, além de que sempre nos incentivou a estudar. Meus pais não liam textos escritos para nós (filhos), mas contavam histórias que aprenderam com seus pais, histórias que continham lições de incentivos ou orientações para a nossa vida. E minha mãe sempre tinha uma canção para cantar para os filhos dormirem, eu achava muito interessante. Eles (pais) também tinham conhecimento sobre o tempo, por exemplo, posição geográfica, noção de horário sem utilizar-se do relógio.

Analisando os depoimentos da Violeta e da Hortência, é possível afirmar que o legado da família é um ponto forte na formação dessas professoras, e essa herança social é construído produzido a partir das experiências vivenciadas nos eventos de letramento, que, segundo Goulart (2012), baseado nos estudos de Barton (1994), são atividades desenvolvidas pelos seres humanos em que se utiliza a escrita e essa exerce papel efetivo. Está claro que, independentemente da posição social, os homens se relacionam a partir das suas vivências que, no caso da pesquisa, as famílias têm como referência a sua cultura que difere de outras famílias e de outros contextos sociais. Significa dizer que a cultura de cada grupo é peculiar, mas é preciso que exista a interação com outros grupos ou espaços sociais em que seja oportuna a troca de experiências com o objetivo de fortalecer os laços culturais.

Por esse fato, Orquídea relata que a mãe, apesar de ser analfabeta, tinha o discurso de incentivo. Nas palavras da entrevistada, a mãe expressava: “Você vai estudar, vai aprender, porque eu não sei nada, mas quero que você aprenda”. Essa atitude é ratificada por Freire (2006), quando retrata que, nas relações familiares, vão sendo transmitidos marcas e sinais das gerações mais velhas para os mais novos, todo este fato acontece dentro do processo de interação. *As práticas sociais desenvolvidas no seio familiar e na comunidade favorecem a construção de significado para a leitura e escrita que se encontra estreitamente relacionado a letramento familiar. Essas práticas servirão de embasamento para a aquisição de conhecimento, principalmente o escolar. Dentro dessa dimensão, é falso o discurso de que a família não colabora na escolarização dos filhos. Isso confirma o que diz Kersch e Silva, (2012) “[...] nenhuma prática social é neutra”.*

*Nas experiências de Violeta, como já foi ressaltado, a sua referência encontrava-se na ação do irmão de brincar de aprender ler e escrever, semelhante a Hortência, que recebia livros de presente da irmã mais velha: “[...] minha irmã mais velha era apaixonada por leitura e isso incentivou e contribuiu para o meu gosto pelos textos escritos. [...] meu gosto pela leitura foi reforçado por essa minha irmã, pois ela sempre me deu livros de presente”. Por um lado, a fala de Violeta pode demonstrar o seu desejo pelos textos, como ela afirma, mas, por outro lado, o depoimento pode estar influenciado pelo mito, destacado por Brito (2003), de que a leitura é fonte inesgotável de prazer.*

*Na fala das entrevistadas, fica evidente o quanto é importante a influência familiar no que se refere ao processo do ensino da leitura, mesmo que esse exemplo seja na forma oral, pois Kleiman (2012b, p.29) nos lembra que “[...] a oralidade e a escrita podem ser investigadas não apenas da perspectiva da diferença mas também da perspectiva da semelhança, do compartilhado.[...]”. Isso significa dizer que os relatos orais estão presentes*

dentro do grupo social a que pertence o indivíduo, e possuem sua importância, pois podem contribuir para a interação do grupo, através da transmissão de informações e de saberes culturalmente transmitidos. Sobre esse tema, Guedes-Pinto (2005 p.85) afirma que “[...] a prática de leitura pode ser também mediada pelas experiências orais vividas pelos sujeitos”.

A importância do incentivo da família para a prática da leitura e escrita é algo percebido nos depoimentos das entrevistadas, demonstrando que o percurso de aquisição da leitura acontece num processo de interação do homem com seu contexto, o que deixa claro que a família contribui na formação leitora.

Vale ressaltar que nem sempre a família, do ponto de vista da escola, consegue cumprir com o seu compromisso de desenvolver no indivíduo a prática da leitura, isto é, ser agência formadora do leitor. E quando a família não realiza essa função, ela precisa ficar a cargo da escola, que é a principal agência de letramento e tem como papel principal preparar o indivíduo para a cidadania, destacando a construção e socialização do saber sistematizado, dentre eles, a formação leitora.

Mas o que se percebe é que a escola, muitas vezes, não está cumprindo o seu papel agência de letramento. Podemos perceber nos relatos das entrevistadas que, em nenhum momento, elas evidenciam o papel da escola no cumprimento de ser espaço incentivador na formação de leitores, com exceção de Tulipa, que se refere à relação pedagógica da professora, mas admite que a postura pedagógica é tradicional.

Nos depoimentos das entrevistadas, é possível perceber o incentivo familiar para que se tornem leitoras, confirmado no depoimento de Rosa, cujo pai lhe pediu: “Minha filha, aprende a ler para você me dizer o que está escrito nesses romances”. Aqui, com essa fala do pai, Rosa deixa claro que a família projeta na filha a possibilidade de ter acesso àquilo que lhe foi negado, que é a oportunidade de aprender a ler. Essa vontade fez com que a acadêmica entendesse o seu papel de tornar-se leitora, ratificando o seu compromisso com a família.

Quando dialogamos sobre as marcas da história de leitura na infância, Rosa lembra com muito carinho que ganhou do seu pai de presente o livro “O Gato de Botas” (conto de fadas). Esse fato marcou muito sua trajetória de vida de leitora. Esse ponto permitiu que a entrevistada relacionasse os acontecimentos da sua infância na família, no que diz respeito ao incentivo à leitura, com o seu trabalho atual de educadora e formadora de leitores, como podemos verificar no enunciado abaixo:

[...] naquele tempo eu nem sabia que aquele texto era um conto, pois as professoras da escola não se preocupavam em nos esclarecer sobre os gêneros textuais (só diziam que livrinhos infantis). Hoje eu tenho essa preocupação de fazer com que

meus alunos entendam a importância de identificar os gêneros textuais em suas leituras (Rosa).

A entrevistada faz referência ao trabalho com gêneros textuais, definidos por Marcuschi (2008) como fenômenos históricos relacionados à vida social e cultural, que funcionam como recursos que estabilizam as atividades comunicativas do dia a dia. A entrevistada anuncia a preocupação de conhecer a natureza do que está lendo, e de permitir que seus alunos identifiquem o gênero que é usado nas práticas da escola e ainda a sua utilização dessas leituras no convívio social, tendo claro que essas práticas são materializadas por gênero.

Todos esses fatos confirmam o entendimento de Oliveira (2008) em relação ao letramento. Para a autora, as ações de linguagem são produzidas por um sujeito cognoscitivo que recebe interferência do contexto em que vive e em que ocorrem essas ações, por isso é válido afirmar que não existe prática de letramento isolada do contexto social, que é lócus do sujeito, o que justifica as referências de mundo presentes no discurso das entrevistadas.

Goulart (2012) afirma que o letramento se apresenta de formas diferentes, de acordo com o contexto em que se desenvolve, assim a leitura e a escrita são marcadas pela particularidade de cada contexto, por isso é importante entender que letramento escolar tem suas características próprias, mas recebe influência de outras agências.

Quanto a Orquídea, no seu enunciado, lembra que seus pais não tinham costume de presentear os filhos com livros ou revistinhas, pois vários fatores contribuíram para isso, como a cultura da não leitura e a dificuldade financeira. No entanto, recorda da referência do avô, quando afirma:

[...] meu avô paterno, que acreditava no meu potencial, uma vez me deu como presente juntamente com uma pequena boneca, um livrinho de história infantil que eu tanto gostava que era A Branca de Neve. Então eu lia para as colegas da vizinhança, com dificuldade de pontuação e entonação, mas lia...(Orquídea)

Assim, a fala de Orquídea marca a importância da leitura não só para família, mas para quem estava em torno da entrevistada, visto que, de acordo com Kleiman (2012), a leitura é uma prática social que remete a outras leituras. É necessário ao cidadão, além de entender a leitura, interagir com esse conhecimento, o que vem a se confirmar na fala de Soares quando diz que:

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas

relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 2000, p. 18).

Para autora, tanto o leitor como autor têm presença viva nas práticas de letramento. O texto não é resultado de um pensamento individual, mas uma construção coletiva, que envolve diversas ideias e concepções. Outro ponto marcado no discurso das entrevistadas são as referências que influenciaram o seu percurso de escolarização. Tal fato observou-se nos relatos que destacam a figura das mães. Apesar de não serem alfabetizadas, impulsionaram-nas na busca de realização pessoal. Dessa maneira, poder-se-ia concretizar o sonho da mãe em ver a filha formada. Rosa destacou: “*eu sou o orgulho dela*”, referindo-se à mãe. Orquídea citou que a mãe incentivava a leitura na família, embora não soubesse ler,

[...] mesmo assim, pelo fato dela, não conhecer direito o alfabeto (já a Matemática ela sabia de cabeça), ela tentava sempre me incentivar dizendo: você vai estudar, você vai aprender porque eu não sei nada, mas eu quero que você aprenda[...] (Orquídea).

Na postura da família, está implícita uma ascensão social, de que a escolarização poderia quebrar o ciclo da condição social da família. Essa atitude está ratificada na ideia utilitarista de que o conhecimento escolar poderia ser uma via de acesso às classes mais favorecidas.

Reportando-nos às perguntas dirigidas às entrevistadas com relação ao apoio e incentivo para a formação do leitor, é importante ressaltar que a relevância da participação familiar no processo de alfabetização é relatada com muita emoção por todas elas. Com as questões desenvolvidas nas entrevistas, pretendeu-se compreender as condições objetivas que levaram os pais a incentivar a escolarização dos filhos. Por vezes, as famílias, por não terem um grau de ensino mais elevado, ou muitas nem terem frequentado a escola, apostam no sucesso dos filhos que, para esses pais, farão a diferença no que se refere à formação escolar naquela família a partir da aquisição da instrução escolar, além de perceber a educação como canal para inserção (e ascensão) social. Assim, incentivar os filhos a valorizar a oportunidade que eles (os pais) não puderam ter na sua infância e juventude é algo presente nos depoimentos, mesmo que para ajudar nas tarefas escolares dos filhos tivessem de recorrer à colaboração e apoio de vizinhos ou parentes já alfabetizados. Isso reitera a relevância das palavras de Freire ao destacar suas experiências (2006 [1985], p. 21):

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto [familiar] – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade

de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

As principais ideias discutidas a partir dos enunciados das entrevistas mostram que a leitura não está relacionada somente à escola. O homem constrói suas práticas a partir das suas vivências, trazendo marcas, traços e concepções de outras agências que também promovem eventos de letramento.

No item de análise seguinte, discutiremos as principais experiências relatadas pelas entrevistadas que foram significativas para a formação e para as vivências do cotidiano e da vida profissional.

#### **4.4 Importância das experiências de leitura para o cotidiano e para a vida profissional**

É incontestável o papel da leitura na formação docente, porém isso requer constantemente uma reflexão de como essa prática é realizada pelos futuros professores. Nesse parâmetro, é fundamental ter clareza das dificuldades que eles encontram na leitura acadêmica, dificuldades essas causadas pela falta de leitura no ensino básico, e, muitas vezes, não trabalhada sistematicamente na universidade. Aqui, analisaremos as seguintes questões: como as experiências de leitura e escrita que adquiriu lhe são úteis no cotidiano? E na vida profissional? As entrevistadas da investigação caracterizaram as marcas das suas histórias de leitura que estão presentes na construção da docência.

De acordo com os dados desta pesquisa, as respostas das entrevistadas denotam que, embora tenham uma concepção redutora de leitura, elas entendem que a melhor concepção é a interacionista, pois as práticas de letramento passam pela compreensão da leitura como uma prática social presente na vida dessas professoras. Essa perspectiva, para Soares (2012), encontra-se presente no letramento, conceito que traz implícitas as consequências sociais da leitura para aqueles que utilizam a leitura e a escrita.

Tendo como parâmetro o discutido, destacamos fragmentos das falas das entrevistadas e buscamos analisá-los conforme o referencial teórico deste trabalho. Para início, na fala de Orquídea, “[...] a prática da leitura amplia meus conhecimentos como também ajuda na vida profissional, isso significa que ser uma boa profissional é incentivar a formação de novos leitores”, ela faz uma relação entre o desempenho na profissão docente com a prática da leitura e continua a relacionar que ser bom profissional, no caso professor, é incentivar a formação de leitores, os alunos. Esse é o entendimento da entrevistada, mas será

que é prioridade na sua prática? Sabemos que isso é primordial na profissão docente, pois não é possível ao aluno compreender os conteúdos de um componente curricular na escola sem que tenha o pleno domínio da leitura. A escola, portanto, como principal agência de letramento, por meio dos professores, precisa desenvolver práticas que incentivem a formação de leitores. Kleiman (2005) destaca a importância da condição de letrado de que o professor deve se apropriar. A formação de leitor encontra-se articulada com essa condição.

Dentro dessa perspectiva, Rosa afirma: “[...] acredito que é essencial ser um bom leitor para ser um bom professor, porque o professor é um formador e seu exemplo e prática de leitura vai incentivar o aluno para leitura prazerosa”. O fragmento afirma que existe uma relação entre ser bom professor e bom leitor. Entretanto, em seguida, ao fazer referência ao exemplo da prática do professor, ela deixa transparecer sua concepção sobre a leitura, ao se referir à leitura como fonte de prazer, que supõe uma concepção redutora de leitura que entende a leitura como “fonte inesgotável de prazer” que se configura como mito de leitura. Isso não se confirma, pois nem toda leitura tem a função de proporcionar ao leitor esse prazer ilimitado. O que não se pode negar é que, para ser bom o professor, também tem que ser um bom leitor.

Dentro de essa abordagem, Tulipa diz:

Na minha concepção o professor também tem que ser um leitor crítico, a universidade precisa contribuir na formação desse profissional que possa fazer análise do que ele está lendo, ou seja, tenha compreensão e poder de interpretação das leituras realizadas e não simplesmente ler por ler, tem que utilizar leitura na sua vida profissional como na vida social.

Tulipa destaca a necessidade de o professor ter o posicionamento crítico a respeito daquilo que lê. A entrevistada levanta também uma questão muito pertinente: como a universidade tem contribuído para a formação do cidadão com postura crítica diante da realidade? Através do ensino dos diversos conteúdos científicos, a universidade precisa preparar o acadêmico não apenas para decifrar códigos, mas para compreender as leituras realizadas e utilizá-las para construção de conhecimentos. Assim, a universidade cumprirá as funções de instituição superior no que se refere ao ensino e pesquisa. Nessa visão, o grande desafio é uma formação teórica de conhecimento científico fundamentado na pesquisa, conforme Scheibe (2009), função que tem como pressuposto a condição de leitor. Sabendo que é função da universidade formar seus alunos, fundamentada no tripé ensino, pesquisa e extensão, percebemos que nem sempre os professores cumprem o seu papel de formadores de novos leitores, pois trabalham o ensino desvinculado da pesquisa e da extensão

comprometendo a formação de qualidade. Constatando a necessidade de investigar essa temática, afirmamos que esse assunto precisará ser investigado em estudos posteriores, dada a sua relevância para a universidade.

Quanto à ideia de que o professor tem que ter uma prática consolidada de leitura, Violeta comenta: “[...] acredito que o professor precisa ser um leitor assíduo para assim despertar no aluno o gosto pela leitura, não basta somente mandar o aluno ler, ele precisa de uma referência de leitor e o professor precisa ser essa referência e modelo para o aluno”.

Na fala de Violeta, ela deixa claro que acredita que o professor deve ser referência para seu aluno. E no caso do professor alfabetizador, essa vivência com a leitura precisa ser melhorada, pois o aluno dos anos iniciais ou ciclo de alfabetização está iniciando seu contato com a leitura. Embora esse aluno já possua suas experiências de leitura a partir dos eventos de letramento de que participou na família antes de chegar à escola, ele precisa encontrar na pessoa do professor o mediador na sua aprendizagem. Freire (2000) coloca que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina. Isso significa que o professor tem que criar situações que envolvam o aluno na condição de leitor, por este fato “a capacidade do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica” (FREIRE, 1996, p.124).

Tendo claro que a condição de leitor tem que estar presente na formação do professor, Hortência afirma:

A pedagogia precisa contribuir para a formação de docente que valorize a leitura, se for analisar você perceberá que a pedagogia possui um leque enorme de conhecimento que nós podemos trabalhar na sala de aula, podemos trabalhar com diversas coisas que a pedagogia nos oferece, ela nos dá uma visão ampla para que possamos trabalhar e botar em prática aquilo que aprendemos na sala de aula.

Hortência faz referência ao curso de pedagogia do qual ela é aluna, afirmando que é preciso que os ensinamentos que compõem o currículo do curso contemplem os saberes necessários ao desempenho do trabalho do professor. Mas, será que o curso está atendendo esses anseios? Será que a universidade está atenta às necessidades da sociedade? O que pode esperar a sociedade da universidade e do curso de pedagogia que se propõe a formar professores? A universidade, como espaço de formação, tem a função de formar esse profissional? Neste caso, as disciplinas que discutem os fundamentos, as metodologias, os conhecimentos específicos da docência, estabelecendo relação com a própria produção acadêmica, suas leituras e sua produção escrita são indispensáveis, mas não estão sendo

trabalhadas. Por isso, há a necessidade do curso de pedagogia, na pessoa do professor, repensar a prática na perspectiva de atender os anseios dos alunos.

Analisando as falas das entrevistadas, observa-se que elas estabelecem uma estreita relação com a prática de leitura e atuação dos professores. Para as acadêmicas, a leitura dá suporte para as práticas docentes, como afirma Orquídea: “[...] ser uma boa profissional é incentivar a formação de novos leitores”; ou “[...] acredito que é essencial ser um bom leitor para ser um bom professor”, mediante o que afirma Rosa. Já nas palavras de Tulipa, “[...] o professor também tem que ser um leitor crítico”; Violeta acredita que: “[...] professor precisa ser um leitor assíduo” e “[...] docente que valorize a leitura. (Hortência).

Outro ponto a ser destacado é que elas destacam a leitura com traços interacionistas, como condição de tornar-se crítico. O fragmento de Tulipa deixa isso claro quando destaca: “[...] fazer análise do que ele está lendo, ou seja, tenha compreensão e poder de interpretação das leituras realizadas e não simplesmente ler por ler, tem que utilizar leitura na sua vida profissional como na vida social”. Entretanto é importante destacar que o ato de ler não deve se resumir somente ao texto escrito e sim valorizar diversas formas de ler a realidade, que se encontra relacionada a outras práticas de leituras que estão além da escola (MARTINS, 2004).

Dentro do contexto da escola, é claro que professores e alunos são protagonistas da história, são autores. No entanto é fundamental assinalar que se precisa avançar em relação ao simples fato de destacar leitura dentro da concepção de “bom” ou “mau”, que, segundo os estudos de Brito (2003), é um conceito fragmentado que se caracteriza em mitos sobre leitura. Expressões como “bom leitor”, “gosto pela leitura” nas falas das interlocutoras, trazem traços dessa concepção redutora.

Um fato analisado nas entrevistas é que, apesar do reconhecimento da importância da prática de leitura, somente uma das entrevistadas destaca outra modalidade de leitura além das acadêmicas, quando comenta: “[...] as experiências de leitura que tenho, principalmente de obras literárias, me ajudou na questão da leitura como da escrita” (Orquídea).

A ausência de referência da diversidade de leitura nos relatos das acadêmicas, limitando a leitura própria utilizada no trabalho pedagógico da universidade, pode sinalizar que é uma prática redutora de leitura, o que responde a uma questão político-social, que vai muito além do gosto é do prazer, como destaca Brito (2003, p.109) em relação a essa prática: “Produzem-se e vendem-se objetos de leitura, assim como se produzem e se vendem outros objetos da cultura de massa”. Essa prática faz com que o acadêmico tenha confronto principalmente no início do percurso da universidade, como afirma Rosa: “A maior

dificuldade que eu me deparei aqui na universidade, foi no primeiro período, até porque eu não estava acostumada com o nível dos trabalhos acadêmicos, das leituras, do ritmo”.

Orquídea, a esse respeito, destaca que:

[...] enfrentei dificuldades principalmente com relação à interpretação do que foi lido. Os temas discutidos exigem essa prática, e no período que eu estudei educação básica não foi bem trabalhado, por isso encontrei bastante dificuldade. Não foi questão de ler, de decodificar, mas a questão de interpretar, de entendimento que curso universitário exige da gente.

O destaque da entrevistada enfatiza a forma como aconteceram as práticas de leitura, confirmando o que caracteriza Silva (1999) quando discute que o problema da leitura está vinculado à estrutura social, às contradições próprias do processo de formação, principalmente do acadêmico. É perceptível uma carência na formação dessas universitárias devido a diversos fatores, dentre eles as falhas na educação básica no que se refere à leitura e à escrita. Por a universidade ser um espaço de formação por excelência, seu papel é proporcionar a construção do conhecimento a partir do ensino para desenvolver a pesquisa científica necessária à formação dos profissionais para atuarem na sociedade.

Para as entrevistadas, o professor tem que fazer o papel de orientador de novos leitores, mas em suas falas estão implícitos os preconceitos, as ideias formadas a partir das interações com a sociedade. A fala de Violeta explicita esta discussão:

Eu falo para meus alunos e também para os meus filhos todos os dias. É que a melhor forma de viver é fazendo aquilo que é certo, estudar. Minha dica é que leiam, leiam bastante, pois a leitura contribui para a interação entre as pessoas ou interação entre o leitor e a mensagem do texto que foi lido e assim a ter melhor entendimento do mundo.

A fala de Violeta é de incentivo para que seus alunos aprendam a gostar da leitura, mas será que ela exerce na prática esse hábito de ler? O professor precisa incentivar o aluno a partir do seu exemplo de bom leitor.

E, neste contexto, é necessário que esse professor tenha a posse da capacidade de leitura, entretanto é fundamental desenvolver o olhar crítico desse profissional e que esteja além do contexto da escola. Nessa perspectiva, a leitura precisa ser entendida como prática social que possibilite compreender o passado, o presente e estabeleça prognóstico para futuro (SILVA, 1998). É necessário que a universidade ofereça condições para a construção de conhecimentos consolidados necessários ao exercício da profissão de alfabetizadora. Mas nem sempre a universidade atende aos anseios do seu público. É preciso que os professores tenham

domínio do conhecimento científico, como também dos conhecimentos construídos socialmente que perpassam pelo domínio e uso da língua. Nos discursos das entrevistadas, estão claros a superação e o reconhecimento do percurso de formação das acadêmicas. Rosa, no fragmento a seguir, destaca:

[...] a gente sempre vai se superando. [...] acredito que já evolui bastante, porque a cada período que passa a gente aprende mais, sempre a gente está aprendendo um pouco mais e sempre aprendendo e levando as experiências adquiridas aqui na universidade para o meio social que a gente está inserido.

A posição da acadêmica permite compreender que a prática acontece numa luta de ideias na qual a linguagem é caracterizada como ato social. Portanto, a fala está situada em um tempo e em um espaço, ratificando a língua não simplesmente como um conjunto de normas, mas o seu caráter interacional que tem uma regra própria.

Na seção seguinte, discutiremos, a partir das entrevistas, como as acadêmicas compreendem o seu encaminhamento para o curso de Pedagogia, estabelecendo relação com sua história de leitura.

#### **4.5 Histórias de letramento e as vivências de leitura que influenciaram a escolha do curso de Pedagogia**

A formação do pedagogo se dá pelo diálogo com diversas áreas, principalmente com a condição de ser leitora, que faz parte da natureza desse trabalho. Em razão disso, por meio das entrevistas, foi possível conversar com as entrevistadas sobre a história de letramento e a interferência na escolha do curso. Para a discussão desse item, recorreremos às seguintes questões:

- ✓ O que levou você a escolher o curso de Pedagogia? As experiências de leitura e escrita influenciaram esta escolha, como?
- ✓ Você enfrenta alguma dificuldade, na universidade com relação às práticas de leitura e de escrita? E quais são elas? Descreva.

As entrevistadas, como já foi ressaltado nos itens anteriores, recebem a influência do contexto de formação vivenciada dentro da universidade e reportam aos próprios conflitos na escolha do curso. Os fragmentos a seguir denotam os anseios, os sonhos e a realidade vivenciada pelas acadêmicas:

[...] pelo fato de eu gostar de estudar, diziam pra eu ser professora diziam – tu vais ser professor, e aquilo me deixava muito empolgada e hoje me vejo não mais sonhando, mas realizando o sonho. Se bem que até tentei passar no vestibular na área da saúde (enfermagem), não consegui, mas depois percebi que minha vocação era mesmo a área da educação e hoje gosto muito dessa experiência de fazer pedagogia [...] (Orquídea)

O fragmento da fala de Orquídea externa seu desejo para trabalhar na educação, porém essa escolha, segundo seu depoimento, somente aconteceu por não ter conseguido adentrar no curso de enfermagem. Fica implícito que a opção da entrevistada pelo curso de pedagogia aconteceu pela possibilidade de visibilidade e ascensão social, não sendo sua principal opção de formação e porque não conseguiu aprovação para outro curso. É possível perceber que a entrevistada deixa dúvida quanto à sua real opção pela docência através do curso de pedagogia no seu discurso, pois, segundo ela, só está cursando pedagogia porque não conseguiu a aprovação para o curso de enfermagem. Tal pressuposto tem sua raiz na concepção de que, na escala de importância de formação superior, o curso de pedagogia está na posição inferior. Esta ideia está explícita no fragmento quando a entrevistada afirma: “Se bem que até tentei passar no vestibular na área da saúde (enfermagem) [...]”.

No discurso de Rosa, ela diz que: “Minhas experiências de letramento ajudaram, sim, na escolha do curso de pedagogia, e eu acredito que o curso já vem também desde muito tempo, me influenciando e eu acredito que só contribuiu”. Ao fazer referência à escolha do curso de pedagogia, procura externar que suas experiências de letramento contribuíram para chegar a essa decisão. Ela afirma que as experiências a influenciaram, e, continuando, fala sobre a influência para cursar pedagogia, dizendo que o próprio curso também a influenciou. Ou seja, já havia interesse pelo curso e os incentivos só vieram reforçar essa escolha.

Um dos pontos presentes nas falas da professora é a aproximação com a prática pedagógica. A partir desse pressuposto, descreve sua opção da seguinte forma:

Eu já gostava de pedagogia mesmo antes de cursá-la, também porque eu ensinei em uma creche com o magistério. Via que eu já tinha o dom de ensinar para as crianças, então só me faltava o curso superior, por isso fui a busca de realizar esse sonho de ser pedagoga. (Tulipa)

Na fala de Tulipa, é possível perceber o entusiasmo que sente ao se reportar ao curso de pedagogia, especialmente quando se refere ao “dom”. Ser professor requer qualificação profissional, por isso, falar em “dom” é um equívoco. Tulipa relata que mesmo antes de frequentar o referido curso já exercia a profissão de professora alfabetizadora. Afirma que vê no curso superior a oportunidade de melhorar conhecimento que ajude a

exercer a profissão docente. Vale ressaltar que, dentre as entrevistadas, somente Tulipa declarou que sua *vocação* sempre foi cursar pedagogia. Ela deixa a entender que, mesmo já sendo professora alfabetizadora, procura no curso superior a realização de um sonho. Mas será que essa escolha foi motivada somente pelo desejo de ser educadora ou também pela posição social e econômica que o curso superior proporciona?

Outro discurso que se encontra presente é o conflito da escolha de curso no fragmento de Violeta:

Quando eu me inscrevi no vestibular, meu sonho sempre foi fazer matemática, mas como a faculdade não oferecia esse curso fiz pedagogia pois era compatível com meus horários, podia deixar meus filhos para assistir as aulas. Com o passar do tempo eu me apaixonei [...]

A entrevistada Violeta, mesmo tendo declarado sua paixão pelo curso de pedagogia, aparenta ter tido preferência pelo curso de matemática. Ela afirma que, pelo fato de a universidade não oferecer o curso pretendido, ela foi levada a escolher um curso que não era de seu interesse, por motivos de conveniência (horário, localização). O discurso denota uma realidade do exercício da docência, de o magistério ser a segunda opção. Tais ideias marcam o profissional, o que interfere na realização como professor e o que direciona a questionar se ela será, de fato, uma profissional realizada.

Dentro desse contexto, Hortência descreve:

No primeiro momento eu tive vontade de fazer nutrição e não tinha a noção de que o curso de pedagogia era tão maravilhoso, depois que eu me engajei nas escolas e comecei a trabalhar, antes mesmo de entrar para a faculdade, eu percebi que aquela era minha paixão [...]

Hortência, da mesma forma que a entrevistada anterior, declara sua paixão pelo curso de pedagogia, mas, segundo seu depoimento, o que a motivou a escolher o curso foi a necessidade de se qualificar para continuar atuando como educadora já que era professora antes de entrar no curso. Isto porque ela afirma que sua pretensão era o curso de nutrição.

Pelos discursos das entrevistadas é possível perceber que a escolha do curso não responde somente a um anseio pessoal, mas também a uma oportunidade de ascensão social. Dentre as entrevistadas, somente Tulipa afirma que, desde o início, tinha inclinação para docência. As demais deixam explícito ou implícito o desejo de ter trilhado outro campo de conhecimento. Os fragmentos a seguir elucidam esse fato: [...] até tentei passar no vestibular na área da saúde (enfermagem), não consegui [...](Orquídea); [...] meu sonho sempre foi fazer

matemática[...] (Violeta); [...] tive vontade de fazer nutrição [...] (Hortência). Também deixa claro que a escolha está relacionada ao caráter utilitário da profissão e às oportunidades do contexto social.

Os fragmentos de Violeta vêm confirmar a visão utilitarista que foi comentada no parágrafo anterior, quando afirma: “[...] como a universidade não oferecia esse curso fiz pedagogia, pois era compatível com meus horários, podia deixar meus filhos para assistir as aulas”. A escolha do curso foi motivada por diversos fatores, dentre eles a paixão que sentia pelo curso, como também pela compatibilidade com outras atividades dela.

A docência tem vários desafios que perpassam o trabalho específico de apropriação de conhecimento. Para tanto, a prática da leitura é o orientador desse trabalho. Dentro da perspectiva discutida, conforme estudo de Lerner (2002), é fundamental a formação de leitores críticos que consigam ler o texto em todas as dimensões. Por essa razão, compreender as práticas de leitura das acadêmicas influenciará de forma significativa a ação educadora, isto é, a forma como desenvolverão os seus trabalhos como professoras.

Todas as interações vivenciadas no percurso da formação são primordiais para a prática docente. As entrevistadas falam sobre as suas dificuldades principalmente em relação à condição de leitora. Vejamos o fragmento da Orquídea:

Aqui na universidade enfrentei dificuldades principalmente com relação a interpretação do que foi lido. Os temas discutidos exigem essa prática, e no período que eu estudei educação básica não foi bem trabalhado, por isso encontrei bastante dificuldade [...]

A entrevistada relata as dificuldades encontradas na universidade no que se refere às leituras e suas interpretações e atribui o problema à falta dessas práticas na educação básica, que se refletem agora na educação superior, visto que o domínio da leitura é fundamental para o desenvolvimento do trabalho científico na universidade, visto que a universidade é o espaço de formação e por isso deve ver o conhecimento numa perspectiva de oferecer ao cidadão uma formação integral, importante para que esse conhecimento seja útil à vida profissional e social. Essa ideia está fundamentada no que Kleiman (2005) destaca quando diz que formar leitores passa pelo professor que, além de ser plenamente letrado, precisa ter os conhecimentos necessários para agir como um agente social. Tulipa destaca: “Na minha concepção, o professor também tem que ser um leitor crítico, a universidade precisa contribuir na formação desse profissional [...]”. Tulipa destaca a necessidade da atuação da universidade como instituição responsável pela formação profissional, preparando

o indivíduo para que tenha postura crítica diante da realidade, atividade que se encontra estruturada no ensino, na pesquisa e na extensão.

Como destaca Geraldi (2006) a interação é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e de chegada, possibilitando o lócus de produção das relações sociais. A fala deixa clara a principal dificuldade dos acadêmicos: “[...]enfrentei dificuldades principalmente com relação à interpretação do que foi lido [...]” (Orquídea) e a necessidade de a universidade contribuir para esse trabalho: “[...] a universidade precisa contribuir na formação desse profissional [...]”(Tulipa). O fragmento aponta ao que Nóvoa (1997) afirma a respeito da formação docente, deixando claro que não se pode dissociá-la da produção do saber. A universidade tem que ter clareza sobre sua função, uma instituição que é um espaço de aprendizagem, um espaço formativo que tem que responder a um modelo de homem e de sociedade, a este respeito as entrevistadas deixam explícito o papel da instituição frente a sua formação.

Para as entrevistadas, o curso de Pedagogia contribuiu com a sua formação. E, pela forma como elas se pronunciam, parece que a presença da professora desta pesquisa influenciou suas respostas, pois a todo o momento aparece a ideia de que é o melhor curso, um achado, e que apesar da ideia utilitarista da escola, elas se encontraram no curso. Os fragmentos a seguir permitem essa análise:

O importante do curso de Pedagogia é que tive a oportunidade de conhecer disciplinas como filosofia, produção textual, fundamentos da alfabetização e outras que contribuem para o entendimento da leitura e também língua materna.  
(Orquídea)

A entrevistada aponta algumas disciplinas que, na sua visão, ajudam a melhorar os conhecimentos que servirão de suporte para que se entenda o funcionamento da língua e, conseqüentemente, a prática da leitura.

Em relação à contribuição teórica para o processo formativo do curso, Rosa destaca:

[...] o curso de pedagogia tem contribuído muito até porque aqui agente aprende sobre diversos assuntos, podemos destacar os temas que envolvem alfabetização e letramento, estudados na disciplina Fundamentos da alfabetização que muito contribuiu para entender e praticar o letramento. O que agente estuda aqui na universidade, e aprende agente leva pra o meio social e para no meio profissional também porque se hoje eu sou uma professora, e eu acredito que consigo exercer de forma correta a profissão, graças ao meu curso que ampliou totalmente a minha mente de aprendizagem e minha visão de mundo.

O fragmento de Rosa destaca que o curso de pedagogia vem contribuindo para melhorar sua prática de alfabetizadora, como também ajuda a ampliar a visão de mundo e aperfeiçoar os conhecimentos que já possuía. A entrevistada destacou a importância da universidade enquanto espaço de formação profissional que tem sido muito útil para a vida profissional e social da entrevistada.

Um outro ponto percebido no discurso das entrevistadas é a noção da importância do curso. Hortência, a esse respeito, comenta: “[...] hoje não me vejo sem que seja exercendo a profissão de professora, pois é gratificante você ajudar o outro a entender melhor o mundo através da leitura e interpretação dos textos”.

No seu depoimento, Hortência demonstra o seu contentamento em ser professora e destaca a importância da leitura e escrita, enfatizando a gratificação dessa prática. Fica subentendida também sua satisfação em ser alfabetizadora quando menciona que ela ajuda o aluno a entender o mundo.

Violeta destaca que:

O curso de pedagogia contribui principalmente para minha experiência profissional. A cada disciplina que a gente passa adquire um pouco daquilo que a gente vai utilizar na sala de aula e para ajudar na formação de alunos leitores a disciplina fundamentos da alfabetização muito tem contribuído para essa prática. (Violeta)

A entrevistada destaca nos seus relatos que o curso de pedagogia contribui para sua vida profissional. Ela enfatiza que os conteúdos oferecidos no referido curso dão embasamento para atuar na sala de aula especificamente como alfabetizadora. Destaca ainda a importância da disciplina Fundamentos da Alfabetização para a aprendizagem da leitura e escrita. O que se percebe é que o destaque dado à disciplina Fundamentos da Alfabetização pode estar motivado pelo fato da entrevistadora ministrar a referida disciplina no curso em pauta.

Um fato significativo das entrevistadas ao se referirem ao curso é que não mencionam suas falhas e somente tecem elogios, principalmente no que se refere à disciplina Fundamentos da Alfabetização. Essa postura pode ser motivada por estar na presença da entrevistadora que ministra a disciplina, como já comentado nos parágrafos anteriores. E, por este fato, encontramos depoimentos apaixonados, como por exemplo, a fala de Hortência e de Rosa, “[...] hoje não me vejo sem que seja exercendo a profissão de professora [...]”; “[...] se hoje eu sou uma professora, e eu acredito que consigo exercer de forma correta a profissão, graças ao meu curso [...]”.

Nos enunciados das acadêmicas, estão presentes as próprias características do curso de Pedagogia, em que no histórico da sua criação tem presente a indefinição do campo de atuação. Para Scheibe (2009), a grande questão que se torna um desafio é estabelecer uma formação teórica sólida de conhecimento científico, que dê suporte a uma prática crítica.

A concepção de ensino da língua, dentro de uma perspectiva interacionista, deve fazer parte da formação do acadêmico e orientar as práticas de leitura e a forma de interação com diversas linguagens. Além disso, procura-se, através dos dizeres das acadêmicas, identificar a concepção que possuem da língua como também das diversas leituras que realizam. Isso é fundamental para pensar o trabalho de formação das professoras, o que torna esta pesquisa essencial, confirmando que a linguagem envolve os campos físico, fisiológico e psíquico, ao mesmo tempo (BAKHTIN, 2006). Significa dizer que aqui a linguagem é entendida como interação.

Neste trabalho, optamos por dar voz às alunas de pedagogia, que, ao mesmo tempo, são professoras, para que narrassem suas histórias de letramento e, se possível, se pudesse identificar suas concepções de leitura. Concebemos as entrevistadas enquanto seres sociais que constroem sua história e para isso utilizam-se de diferentes saberes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura na sociedade atual é importantíssima por permitir a inserção do indivíduo em sua cultura e no contexto social, tendo como parâmetro o exercício da cidadania. A prática de leitura permite o acesso aos saberes anteriormente produzidos, o que é fundamental para a sociedade letrada. No entanto, as práticas de leitura e escrita devem valorizar um viés crítico, que permite ao leitor assumir-se como sujeito de sua própria educação e não apenas como objeto dela (FREIRE, 2006).

Fundamentado na capacidade de o leitor ser sujeito de sua história, nos propusemos a apresentar as considerações sobre os estudos concernentes às concepções de leitura e histórias de letramento de alunas do curso de pedagogia de uma universidade pública do nordeste brasileiro e como essas histórias influenciaram suas escolhas na vida profissional e social. O que se percebe nesta investigação é que os depoimentos relacionados às histórias de letramento fazem um resgate da trajetória que pode ser entendida para além do que foi relatado. Isso se confirma pela riqueza de detalhes contidos nos depoimentos de cada entrevistada, que desvelou um pouco sobre a realidade e particularidade de cada participante, descrevendo momentos emocionantes dos eventos de letramento que vivenciaram, o que nos leva a entender o letramento nas suas múltiplas facetas, como afirma Soares (2005).

Vale destacar que esta pesquisa, embora apresente uma temática já desenvolvida antes por outros pesquisadores, tem um contexto é ímpar, visto que não será repetida, pois o público participante da pesquisa e suas vivências são singulares. O grupo pesquisado deixou aqui sua contribuição ao socializar suas concepções de leitura e suas histórias de letramento que proporcionaram os dados necessários ao estudo que agora se apresenta. Importante lembrar que não se configura como conclusão do trabalho investigado, pois na ciência nada é acabado, tudo é passível de novas hipóteses e novas investigações e descobertas.

O grupo pesquisado é composto por cinco alunas do curso de Pedagogia de uma universidade do Nordeste brasileiro. Considerando fundamental a contribuição das entrevistadas, foi utilizada como instrumento para geração e coleta de dados a entrevista semiestruturada. As entrevistadas se pronunciaram sobre as experiências de leitura nos diversos eventos de letramento expondo suas experiências e construções sociais que transformaram suas realidades e também que contribuíram para as concepções que hoje possuem. Os relatos mostram a importância dessas histórias de leitura e experiências de letramento para esse grupo de acadêmicas.

Para discorrer sobre os resultados, um dos pontos principais foi situar um espaço, prólogo, em que escrevemos um pouco das experiências de vida desta pesquisadora, que contribuíram para ela tornar-se leitora, e também como essas experiências influenciaram na decisão pela profissão de educadora.

Definimos o objetivo geral que consistiu em identificar as histórias de letramentos e as concepções de leitura das cinco alunas de pedagogia a partir de suas declarações. As concepções de leitura que apresentam são fruto das experiências vivenciadas nos grupos que frequentam ou já frequentaram, com destaque para a instituição família, cujos ensinamentos e experiências têm sua forma específica de conceber a leitura e escrita, particulares em cada sociedade e essa experiência familiar serviu de base para efetivação do letramento em outros espaços sociais, principalmente a escola.

Um dos pontos singulares da pesquisa foi entender que a leitura é o ponto de partida (e de chegada) para o desenvolvimento das atividades humanas. Neste trabalho, concebemos leitura como interação. E o professor que tem o compromisso de formar leitores precisa estar apaixonado pela prática da leitura, como destaca Kleiman (2012). Essa paixão pela leitura proporciona ao alfabetizador êxito no trabalho de compreensão da língua como importante veículo para socialização dos saberes. Nas histórias de letramento das acadêmicas, deu para perceber como os eventos desenvolvidos na família contribuíram para incentivar a formação do leitor.

Outro ponto percebido em alguns momentos dos depoimentos foi o entendimento das entrevistadas de que a leitura se aprende somente na escola. Isso não se sustenta, pois a maioria do que se aprende na vida nós conseguimos através das leituras que realizamos fora da escola, conforme aponta Cagliari (2010). Essa postura de entender que a leitura é ação somente da escola é resultado das experiências de leitura numa concepção tradicional, transmitida culturalmente a essas alunas (que também são professoras). Tal entendimento não se configurou como correto, visto que existem várias formas de se praticar e se conceber a leitura, além do texto escrito, pois a leitura também pode ser de uma imagem, do tempo, do olhar (Martins (2004), e que essas formas de leitura podem acontecer nos diversos espaços sociais que frequentamos. O entendimento das entrevistadas em relacionar leitura somente ao ambiente escolar levou a incorrer na concepção redutora de leitura.

Embora sabendo que a leitura não acontece somente na escola, vale lembrar que essa instituição exerce um papel importante na formação do leitor, proporcionando reflexão e entendimento que são necessários ao leitor crítico. A forma como a instituição interage com a

leitura caracteriza a concepção de leitura valorizada e implantada nos sujeitos que vivenciaram essa escola.

Compreendendo a importância e a significação da formação acadêmica e relacionando-a com a leitura, partimos do pressuposto de que as histórias de leitura e experiência de letramento anterior à universidade exercem influência na formação do professor, principalmente nos que atuam nas séries iniciais. O que se percebeu foi que, embora existam outros fatores influenciadores na tomada de decisão no que se refere à formação de professor, as experiências de letramento que vivenciaram, principalmente na família e anos iniciais da escolarização, contribuíram para sua decisão quanto à formação. Elas relatam que o incentivo das famílias foi determinante para essa decisão.

Os relatos evidenciaram também a força que exerce o mediador sobre a formação do leitor. No exemplo das entrevistadas, um membro da família foi quem funcionou como mediador na formação leitora. Essa percepção nos remeteu à pesquisa de Zilles (2009) ao referir que, nos relatos de estudantes sobre leitura, os professores são pouco lembrados com papel de mediação, mas um membro da família é destacado como mediador na formação do leitor.

Procurando melhorar esse entendimento da leitura e a partir do abordado no parágrafo anterior, buscamos responder às questões que nortearam esta pesquisa. No que se refere à questão, “quais as concepções de leitura das entrevistadas?”, identificamos que suas concepções são resultantes das experiências nos diversos eventos de letramento de que participaram, que está relacionada aos questionamentos: Qual a história de letramento vivenciada por essas acadêmicas? Como as concepções de leitura que possuem podem contribuir para sua formação? Como a história de leitura e experiência de letramento vivenciadas antes do acesso à universidade contribuem na sua formação como professora? A análise desses pontos permitiu compreender que a história que aconteceu na família e na escola são marcas que influenciam suas vidas e suas aprendizagens, a sua condição de leitoras. Essas influências são percebidas ao desempenharem as funções de professoras alfabetizadoras.

Um ponto que percebemos foi que as entrevistadas, embora afirmando conceber leitura como interação, nos seus relatos e exemplos de práticas e entendimento sobre leitura, fica evidente que a concepção que possuem não se configura como interacionista, mas como tradicional, que reduz a leitura à decodificação de signos verbais.

Também traçamos considerações no que se refere aos objetivos específicos. Em relação ao primeiro objetivo, constatamos as dificuldades no início da alfabetização das

pesquisadas referentes às práticas de leitura, que foram motivadas por falta de apoio familiar, pois todas as entrevistadas são filhas de pais analfabetos. Entretanto, de modo contraditório, percebemos como fato interessante o incentivo familiar, que de forma significativa influenciou a escolha da docência.

As acadêmicas expressaram suas histórias sobre os eventos de letramento que fizeram parte de sua vida no entorno familiar, destaque para a literatura de cordel, que as famílias utilizam com grande frequência no interior do nordeste brasileiro. Muitas crianças têm nesses cordéis o único material de leitura a que têm acesso no convívio familiar, o que representa que cada contexto tem sua forma particular de interagir com as práticas de letramento.

O segundo, discorrer sobre as histórias de letramento vivenciadas pelas entrevistadas tendo como parâmetro sua formação docente, procurou falar sobre essas histórias de e a relação com a formação, destacando a aprendizagem e a alfabetização. Nos relatos das entrevistadas, foi possível ver a escola através do olhar das professoras que hoje buscam a formação que as qualifique para exercer a profissão docente.

O terceiro, identificar a relação das histórias de leitura e experiências de letramento no processo de contribuição de formação, nos levou a refletir como as histórias que foram vivenciadas pelas acadêmicas exerceram influência na sua decisão na escolha da profissão. Embora outros fatores também sejam determinantes, como, por exemplo, o entendimento de que a formação proporciona ascensão social, muito recorrente nos discursos das entrevistadas.

Um ponto que merece destaque no depoimento das entrevistadas é a riqueza de detalhes dos relatos apresentados, mostrando a importância das histórias de letramento e experiências dessas acadêmicas. Somente uma declarou ter tido preferência pelo curso que a qualificaria para atuar na docência. As demais, apesar do discurso de paixão pela formação em pedagogia, deixaram vir à tona que suas preferências eram, na verdade, por outras áreas ou profissões, e, não tendo possibilidade de realização, optaram pela Pedagogia. Mesmo assim, afirmam que estão envolvidas com a docência e são professoras alfabetizadoras.

Outro importante detalhe que destacamos aqui foi que revelam o entendimento e concepção de leitura das entrevistadas ao afirmarem que leitura é indispensável na formação do cidadão e do profissional, apresentam fragilidade pelo fato de não apontarem outras leituras além daquelas destinadas ao andamento dos conteúdos do curso. E ainda, todas declaram nos seus depoimentos que concebem a leitura como interação, porém, o que fica evidente nos depoimentos são as concepções que não proporcionam a interação apresentando

com clareza uma postura sobre leitura repleta de mitos da leitura (BRITO, 2003). Esses mitos levam à concepção redutora de leitura, que atrela a formação do leitor à decodificação de signos. Assim, descarta-se a concepção favorecedora da ação dialógica, ou interacionista.

As discussões aqui realizadas destacam a importância desse trabalho para o campo da Linguística Aplicada, visto que o entendimento da concepção de leitura de um grupo passa pela compreensão de linguagem que possui. Assim, pode-se chegar à compreensão da língua como interação. Essa pesquisa proporcionará, através da linguagem, a interação entre as áreas da educação e da Linguística Aplicada.

Por estudar a linguagem nas mais variadas áreas da vida humana, a Linguística Aplicada é interdisciplinar e também mediadora. Por essa razão, este trabalho é de fundamental importância para o campo da Linguística Aplicada, pois essa aproximação com o campo da educação, numa relação interdisciplinar, possibilita, através da mediação, a aprendizagem no contexto da escola, dos conhecimentos relacionados à leitura e escrita.

Este trabalho analisa o letramento e concepção de leitura de acadêmicas com vistas a preparar melhor essas estudantes que são professoras. Por isso, é de suma importância para Linguística Aplicada a visão de Moita Lopes (1996), por ela ser mediadora, interdisciplinar e estar voltada para resolução dos problemas de uso da linguagem. Então, volta-se para o campo da educação, visto que o domínio da língua é requisito para aprendizagem da leitura e escrita. Para isso, é necessária na escola a interação professor/aluno. Para Moita Lopes (1996), a Linguística Aplicada se preocupa com o uso da linguagem não somente no contexto escolar, mas em todos os “contextos institucionais”, ou contextos sociais. Daí a relação e importância deste trabalho para a Linguística Aplicada visto que a língua é um sistema “histórico e cultural”.

A universidade tem a função de preparar o indivíduo tanto para a profissão quanto para cidadania. Enquanto instituição promotora de saberes elaborados, ela precisa estar apoiada no tripé que lhe dá sustentação, o ensino dos conteúdos, a pesquisa que proporciona o desenvolvimento da ciência, e a extensão, que é o momento de interação com a comunidade. É nesse espaço que se encontra o curso de pedagogia, local de formação de nossas entrevistadas.

O trabalho aqui apresentado teve e tem sua importância para o curso de Pedagogia, visto que este curso é espaço de formação inicial para os alfabetizadores, sendo que eles precisam de uma formação mais solidificada dada a complexidade do seu trabalho (CAGLIARI, 2010).

A compreensão dos pontos discutidos, como conteúdo, metodologia e avaliação, permite contribuir na formação do pedagogo, que tem como responsabilidade a socialização de uma prática leitora. Dentro desse prisma, desde o primeiro momento de inserção do acadêmico, a organização curricular e as práticas pedagógicas devem estar alinhadas à concepção de leitor crítico e das práticas de leitura vivenciadas pelos alunos. Essas discussões sobre a investigação são importantes para esta pesquisadora, que faz parte da história de formação acadêmica dos pedagogos formados por essa instituição, o que permite mais cientificidade na sua atuação como professora dessa instituição.

A pesquisadora trabalha com as disciplinas voltadas para a compreensão do que é leitura, alfabetização e letramento. A partir da identificação das concepções que as acadêmicas possuem, deverá ser intensificado o trabalho desta pesquisadora (como professora) junto aos acadêmicos no sentido de melhorar suas práticas a partir de uma percepção ampliada da importância da leitura como interação e não mais na perspectiva redutora.

Em síntese, esperamos que as análises aqui desenvolvidas e as reflexões proporcionadas por este estudo possam contribuir para que se compreenda a importância que possui a Linguística Aplicada na formação do pedagogo, que também é alfabetizador, para que este possa valorizar as diversas formas de manifestação da linguagem, dentre elas a prática da leitura. Acreditamos que é possível melhorar a qualidade da formação do professor para que seja um leitor crítico e assim se melhore também o ensino da leitura e consequentemente da escrita na educação básica.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Márcia Ângela da S. et. al. Diretrizes curriculares do curso de pedagogia no Brasil: Disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 27, 819-842, 2006.
- AMORIM, Marília. **O Pesquisador e seu Outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTON, David. **Literacy** - an introduction to the ecology of written language. Cambridge/USA: Brackwell, 1994.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOCH, Françoise; CORRÊA, Manoel L. G. (orgs.). **Ensino de língua**: representação e letramento. BARRÉ-DE-MINIAC. Christine. Campinas-SP : Mercado de Letras, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. et.al.(Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Lei Federal nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p. ( V. 2)
- BRITO, Luiz P. L. **Contra o Consenso**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Inquietudes e desacordos**: a leitura além do óbvio. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre: Artmed, 2010. (Tradução Magda Lopes).
- CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-30.
- DALLA ZEN, Maria Isabel Habeckost. **Histórias de leitura na vida e na escola**: uma abordagem linguística, pedagógica e sociocultural. Porto Alegre: Mediação, 2011.

DURAN, Guilherme Rocha. **As concepções de leitura e a produção do sentido no texto.** *Revista Prolíngua*, v. 2, n. 2, jul./dez. 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem Escrita e Alfabetização.** São Paulo: Contexto, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANA, Beatriz. **Interações em aulas de inglês de uma escola pública:** disputas de poder e subversão do mandato institucional. *Calidoscópio*, Vol. 4, n.2, p.107 – 114, maio/agosto 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Em três artigos que se completam. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em Educação.** *Revista Ciência e Educação*, v.11, n. 2, p.230, maio/agosto. 2005.

GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006.

GIMENO SACRISTAN, José. **A Educação que ainda é Possível:** Ensaio Sobre uma Cultura para educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GOULART, Anderson Jair. **Letramento familiar:** práticas e eventos de leitura em segmento genealógico familiar com progenitores analfabetos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora:** a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação de professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

GUIMARÃES, V. S. **Formação de Professores - Saberes, Identidade e Profissão.** Campinas-SP: Papirus, 2004.

KERSCH, Dorotea Frank; SILVA, Michele Otto da. **Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim:** Quando o letramento é desenvolvido fora do contexto escolar. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(51.2): 389-408, jul./dez. 2012

KERN, Jeferson R.; ZILLES, Ana Maria S. **concepções de professores sobre contar histórias na escola.** *Revista Ecos* vol. 13, Ano IX, nº02 (2012).

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ação e mudança na sala de aula:** uma perspectiva sobre letramento e interação. In: ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento:** perspectivas linguísticas. Campinas-SP, 1998

\_\_\_\_\_. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna.** Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32, n.53, p. 1-25, dez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Leitura:** ensino e pesquisa. 4. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. **Oficina de Leitura:** Teoria e prática. Campinas-SP. Pontes Editores, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Concepções de escola, ensino e aprendizagem.** Disponível em: <<http://autoresdoensino.blogspot.com.br/2011/12/proposta-didatica-concepcoes-de-escola.html>>. Acesso em: 28 de out.2013.

MARANHÃO. **Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia.** UEMA/CESSIN Santa Inês: 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio, Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo-SP: editora e livraria brasileira, 2012.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola:** reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; KLEIMAN, Ângela B. (orgs.). **Letramento e formação do professor:** práticas discursivas, representação e construção do saber. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2005.

MOITA, FILOMENA M. G. da S. C; ANDRADE, Fernando C. B. de. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 41 maio/ago. 2009.

MOITA LOPES, L. P. da. Oficina de Linguística Aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOURA, Ana Aparecida Vieira, MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura. In.: BORTONI- RICARDO, Stella Maris et.al.(Org.)**Leitura e mediação pedagógica.** São Paulo: Parábola, 2012.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os Professores e a sua Formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Projetos: uma prática de letramento no cotidiano do professor de língua materna. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Ângela. **Letramentos múltiplos.** Natal/RN: UDUFRN, 2008, p.93-118.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

SAVIANE, Dermerval. Disponível em: <<http://escola-ensino-aprendizagem.blogspot.com.br/p/dermeval-saviani.html>>. Acesso em: 12 de nov. 2013.

SCHNACK, Cristiane M. Comunicação entre escola e família: uma análise interacional de eventos de letramento familiar. In: BICALHO, Delaine C.; GUIMARÃES, Ana Maria de M.;

SCHNACK (orgs). **Práticas de letramento: caminhos e olhares inovadores.** Porto Alegre - RS: Editora Mediação, 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. PERSPECTIVA. Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun. 1999.

\_\_\_\_\_. **Criticidade e Leitura: Ensaio.** São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Maria Diomara; MAGALHÃES, Luciane Manera. A (não) formação linguística do professor alfabetizador. **Cadernos do CNLF**, v.XV, n.5, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2011.p. 1362-1372. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_2/108.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/108.pdf). Acesso em: 21 jun. 2015.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theo. (orgs). 1991. **Leitura – Perspectivas Interdisciplinares.** Ática Editora.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados.** Campinas-SP, 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura: perspectivas disciplinares.** São Paulo: Ática, 2000. P.18-29.

ZILLES, Ana M. S. **Leitura e mediação nos relatos de estudantes de letras.** Polifonia, Cuiabá, nº 19, p. 130-136, 2009.

## APÊNDICES

## Apêndice A- Roteiro de entrevista aplicada

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Identificação pessoal:

Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Termino do Ensino Médio \_\_\_\_\_ Modalidade do E, M. \_\_\_\_\_

Ingresso no Ensino Superior: \_\_\_\_\_

Tem outro curso superior: ( ) Sim ( ) Não Qual \_\_\_\_\_

#### Identificação familiar:

Grau de instrução: pais \_\_\_\_\_ Mãe: \_\_\_\_\_

Quantidade membros da família \_\_\_\_\_

Situação sócio- econômica: \_\_\_\_\_

Local de origem da família \_\_\_\_\_

#### Questões básicas:

1. Descreva a sua trajetória escolar no que se refere aquisição da leitura e escrita, destacando a idade que iniciou sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativo desse processo e a sua concepção de leitura?
2. O contato com a escrita e leitura teve início onde? Na família ou somente na escola? Destaque fatos.
3. Você recebeu influência, de quem, no percurso da sua história de leitura e escrita. Comente?
4. Considerando seu grupo familiar, como é a relação desses com a leitura e a escrita?
5. Qual a participação de sua família no seu processo de alfabetização? Dos familiares, quem mais participou desse processo?
6. Como as experiências de leitura e escrita, que adquiriu, lhe são úteis no cotidiano? E na vida profissional?
7. O que levou você a escolher o curso de Pedagogia? As experiências de leitura e escrita influenciaram esta escolha, como?

8. Você enfrenta alguma dificuldade, na universidade com relação às práticas de leitura e de escrita? E quais são elas? descreva
9. Considerando que você já realizou metade do curso, como você compreendem a leitura e a escrita na perspectiva de letramento?
10. Na sua concepção comente como deve acontecer o processo de aquisição da leitura e da escrita tendo como parâmetro a relação professor e aluno?

## **ANEXOS**

ANEXO 1



## ANEXO 2

### ENTREVISTA DA ALUNA ORQUIDEA

Descreva a sua trajetória escolar no que se refere aquisição da leitura e escrita, destacando a idade que iniciou sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativos desse processo e a sua concepção de leitura.

Entrevistada: A leitura é de suma importância, entendo que leitura é decodificar a escrita, é entender a mensagem escrita, por isso ela é de fundamental importância, porque através dela é que vamos poder compreender melhor a questão do conhecimento e procurar fazer uso desse conhecimento no dia-a-dia e a escrita deve ser a forma pela qual eu posso expressar meu entendimento, opinião sobre aquilo que foi lido e que aprendi.

A questão da alfabetização, no início quando comecei a aprender a ler eu tive dificuldades pelo fato dos meus pais não serem alfabetizados, e porque eu fui já tarde para a escola. Eu já tinha sete anos de idade quando comecei frequentar a escola e com isso não passei pela educação infantil, fui direto para o ensino fundamental.

Como meus pais não sabiam ler, por isso pra ser alfabetizada eu fui pra uma escolinha de reforço e somente consegui ser alfabetizada aos oito anos de idade, pois quando chegava em casa não tinha quem me ajudasse nas tarefas da escola, embora eu tendo um irmão mais velho do que eu e ele já estava frequentando a escola, ele não tinha nenhum interesse em estudar e portanto também não sabia ler, nem escrever. Na escolinha de reforço, eu fui aprender o alfabeto, só depois que eu fui aprender a questão da leitura das palavras e das frases. Então eu já estava com oito anos e aí eu fazia minhas tarefas tentando ao máximo aprender. Eu passei muita dificuldade pra aprender a ler. E minha mãe por não saber ler nenhuma letra, não podia me ajudar. Mas me incentivava a aprender.

No início da minha alfabetização destaco alguns pontos positivos, o primeiro foi o apoio da minha mãe que mesmo sem saber ler me dava maior força e incentivo e isso despertou muito meu interesse para aprender ler. E assim, pelo fato dela não conhecer direito o alfabeto (já a matemática ela sabia de cabeça) ela tentava sempre me incentivar dizendo: você vai estudar, você vai aprender porque eu não sei nada, mas eu quero que você aprenda.

Lembro também minha tia, que mesmo não sabendo tanto, mas ela procurava o máximo me ajudar ensinando a ler e escrever o "a", o "b", o "c", ou seja o alfabeto.

O contato com a escrita e leitura teve início onde? Na família ou somente na escola?

Mesmo com meus pais analfabetos, o meu primeiro contato com os livros foi em casa e teve início antes mesmo que eu frequentasse a escola, mas era pouco material escrito, pois meus pais não tinham o costume de presentear os filhos com livros ou revistinhas. E vários fatores contribuía para isso, como a cultura de não praticar a leitura e a dificuldade financeira. Mas me lembro que meu avô paterno que acreditava no meu potencial, uma vez me deu como presente juntamente com uma pequena boneca um livrinho de história infantil que eu tanto gostava que era A Branca de Neve. Então eu lia para as colegas da minha vizinhança, com dificuldade de pontuação e entonação, mas lia.

O que ajuda a despertar a vontade de aprender ler, de ser leitor é o contato com o material escrito com gravuras, eu era assim, eu pelo fato de a minha mãe não saber dizer o que estava escrito. Então eu tinha aquela curiosidade de pegar as vezes a revista e ficar olhando as figuras. Quando eu olhava assim um cartaz eu queria saber que letra era aquela ali. Então esse contato com o texto ajuda a despertar a formação de leitor.

Você recebeu influência, de quem, no percurso da sua história de leitura e escrita?

No meu caso quem mais colaborou e me incentivou a me aproximar dos textos sempre com objetivo que fosse uma leitora, foi minha mãe.

Meu pai também foi um grande incentivador para que eu chegasse até ao curso superior. Ele também não frequentou escola, embora tivesse vontade de estudar, não foi possível, pois precisava ajudar seu pai que é meu avô no trabalho da roça e por isso não conseguiu aprender ler e nem escrever enquanto era jovem. Já atualmente ele se matriculou na EJA (Educação e Jovens e Adultos), aí inverteu, pois fui eu que incentivei ele a se matricular, e hoje ele sabe ler pouquinho mas sabe mais que minha mãe, pois ela não aprendeu mesmo a questão da escrita, a minha mãe escreve o nome dela mal assim, porém não sabe lê-lo, ou seja ela desenha os sinais gráficos mas não compreende, já meu pai escreve e ler bem ruim.

Como as experiências de leitura e escrita, que adquiriu, lhe são úteis no cotidiano? E na vida profissional?

Entrevistada: as experiências de leitura que eu adquiri durante esse tempo desde a entrada no mundo da leitura e escrita até agora tem me ajudado bastante porque é a questão de relacionar a teórico à prática do seu dia a dia, por isso eu sempre fui apaixonada por leitura porque quando você faz uma leitura você procura um sentido da realidade com a leitura feita, isto é, ações do cotidiano que tem relação com aquela leitura. Ai nesse caso nós temos o letramento que para mim é a relação do conteúdo dos textos com o nosso convívio social.

Ser leitor contribui bastante, para a vida profissional porque é a partir das leituras que você faz que proporcionará a construir suporte teórico para agir principalmente como professor.

E para o aluno é importante que ele tenha o professor como referência de leitor, é preciso que o aluno tenha a leitura, e também a questão da escrita.

No que o curso de Pedagogia tem se mostrado útil?

Entrevistada: O curso de Pedagogia tem contribuindo bastante, porque eu tinha até uma visão que de alfabetização e letramento era sinônimo, mas hoje entendo que na verdade andam juntos, isto é, a alfabetização está dentro do letramento que é bem mais abrangente. Esse entendimento foi ampliado após estudar a disciplina Fundamentos da Alfabetização, que esclareceu muitas dúvidas sobre a temática letramento.

Letramento é você se apropriar da leitura, letramento é a questão de você saber não somente ler, mas também utilizar essas leituras no dia a dia, pois tem pessoas que não são alfabetizadas mas usam uma pratica de conhecimentos sociais que podemos chamar de letramento.

A prática da leitura do professor ajuda sim o no seu trabalho, porque quando você tem o conhecimento de várias leituras, você vai passando o conhecimento melhor para o seu aluno.

Então o professor que é envolvido com a leitura, ele incentiva o aluno a ser um bom leitor.

Hoje eu vejo como é importante os conhecimentos adquiridos nas aulas da universidade, pois eles são utilizados na nossa prática de professor, esse conhecimento aqui adquirido é o suporte para a profissão..

Hoje eu vejo o quanto foi importante o incentivo da família fez com que eu tivesse essa vontade de estar buscando aprender e superar a dificuldade que eu sentia no inicio de minha alfabetização. Hoje eu vejo bem isso, hoje estando dentro da academia, depois de superar algumas dificuldades de todo o processo que eu passei. A começar pelo fato de eu ter chegado tarde (só aos sete anos) pra escola. Ai tem a parte positiva que foi o incentivo dos meus pais sendo de grande importância. Destaco também o incentivo do meu avó que sempre pedia para que eu estudasse e que ele iria me ajudar no que fosse possível, pois ele queria muito me ver formada para ser professora, então isso me ajudou a optar pelo curso de Pedagogia. Esse incentivo do meu avô era também para meus irmão e meus primos .Então eu

prometi para mim mesma e falava para as colegas do curso fundamental: eu vou me formar, embora demore mas vou fazer um curso superior.

Esse incentivo do meu avô me ajudou a melhorar e buscar cada dia mais a aprofundar meus conhecimentos.

E a prática da leitura amplia meus conhecimentos como também ajuda na vida profissional, isso significa que ser uma boa profissional é incentivar a formação de novos leitores que são seus alunos.

E o interessante com relação a ser um bom profissional, no meu caso ser bom professor, contei também com o incentivo de meus professores, pelo fato de eu gostar de estudar, diziam pra eu ser professora diziam – tu vais ser professora, e aquilo me deixava muito empolgada e hoje me vejo não mais sonhando, mas realizando o sonho. Se bem que até tentei passar no vestibular na área da saúde (enfermagem), não consegui, mas depois percebi que minha vocação era mesmo a área da educação e hoje gosto muito dessa experiência de fazer pedagogia, como também de ser professora, pois o curso de Pedagogia oferece fundamentos necessários para prática de professor.

Hoje de tanto eu gostar de ler, quando meus colegas me trazem presente é sempre um livro e isso me deixa muito feliz. Parece um peixe na água quando eu vejo um livro.

E as experiências de leitura que tenho, principalmente de obras literárias me ajudou na questão da leitura como da escrita.

Orquídea: com relação ao letramento entendo que existe pessoas que não sabendo ler, não frequentou escola e certa forma ela tem a experiência de leitura de mundo é a questão do relatos orais. Aqui na universidade debatemos esses questionamentos. Letramento é a prática do cotidiano com vários tipos de leitura.

Você enfrenta alguma dificuldade na universidade com relação a parte de leitura e escrita que não foi... teve deficiência que você hoje sente a dificuldade do entendimento dos conteúdos da universidade?

Aqui na universidade enfrentei dificuldades principalmente com relação a interpretação do que foi lido. Os temas discutidos exigem essa prática, e no período que eu estudei educação básica não foi bem trabalhado, por isso encontrei bastante dificuldade. Não foi questão de ler, de decodificar, mas a questão de interpretar, de entendimento que curso universitário exige da gente.

O importante do curso de Pedagogia é que tive a oportunidade de conhecer disciplinas como filosofia, produção textual, fundamentos da alfabetização e outras que contribuem para o entendimento da leitura e também língua materna.

Considerando que você já realizou mais da metade do curso, como você compreende hoje a leitura e escrita na perspectiva de letramento enquanto um aluno de pedagogia e daqui a alguns dias já formado pedagogo? Como você compreende a perspectiva de letramento já agora na visão de um futuro pedagogo, daqui a alguns dias?

Orquídea: Como estou já na metade do curso de Pedagogia vejo como melhorou minha compreensão tanto do conhecimento científico como a experiência na escola. No momento em que eu entrei aqui eu tinha uma visão muito limitada sobre vários temas inclusive sobre alfabetização e letramento...

Hoje entendo e valorizo o que meu aluno traz para a sala, que são experiências que teve antes dele ingressar na escola, então de certa forma ele vai querer mostrar e temos que valorizar, relacionar o conteúdo ao cotidiano do aluno e isso vai ajudar a aprender. Eu procuro reforçar que esse elo de entendimento forma o letramento.

Na sua concepção, comente como deve acontecer o processo de adquirir essa leitura e escrita tendo como parâmetro essencial para isso a relação harmoniosa de professor-aluno? Como se dá na sua concepção, com se deve ser essa relação professor aluno, para que

o aluno adquira com mais propriedade o entendimento de leitura e escrita na perspectiva de utilizar no dia a dia que é o letramento, como você vê essa relação professor-aluno?

Eu vejo que para acontecer a aprendizagem, principalmente da leitura é preciso uma relação muito boa professor e aluno então vai haver uma troca de conhecimento de ambos os envolvidos nesse processo, da alfabetização. O aluno traz a questão da realidade, do cotidiano dele a para a escola.

Então essa relação professor-aluno no seu entendimento, na sua concepção deve ser o que? De aproximação ou de poder do professor sobre o aluno?

A relação professor /aluno tem que ser de aproximação porque o professor tem um papel sim de educar, mas o educando de certa forma ele já traz experiência da vida familiar dele que o professor só vai ajudar que esse aluno adquira o conhecimento escolar e que deverá ser útil para vida social. .

É indispensável hoje que o professor seja um bom leitor para que seu exemplo desperte no aluno o interesse pela leitura. Não adianta só dizer para o aluno que ele leia, é preciso realizar juntamente com ele essa prática, é preciso ler diversos tipos e gêneros textuais e também não só o livro didático, vamos ler textos .E isso eu não tive muito na minha educação básica.

Quer deixar uma mensagem pros professores, pras pessoas que buscam o letramento? Qual a tua mensagem?

Orquídea: Eu aconselho que o professor deve estar sempre buscando conhecer coisas novas, a questão de estar adquirindo conhecimentos novos, é indispensável para quem quer ser formador de leitores, pois o conhecimento, não se esgota, sempre há o que aprender.

### ANEXO 3

#### ENTREVISTA ALUNA ROSA

Rosa: A leitura é o meio pelo qual entendemos melhor as informações e conhecimentos apresentados pela escola como conteúdos orientadores da aprendizagem da nossa língua e juntamente com a escrita é fator primordial à nossa vivência e inserção na sociedade atual.

Então se esse é fator primordial para a inserção social a leitura, essa é a minha concepção. Para você ser inserido não sociedade precisa ter esse entendimento de leitura.

Rosa: a leitura contribui para melhor apropriação da língua e o domínio da leitura e escrita fica bem mais fácil, é a possibilidade para você se engajar nos diversos espaços sociais e adquirir outros conhecimentos porque parte daí, isto é, a aquisição de conhecimento tem início com a aprendizagem e uso de nossa língua. Entendo que o letramento é isso, o uso da leitura e escrita no cotidiano ou no dia a dia da vida social.

O contato com a escrita e leitura teve início onde? Na família ou somente na escola?

Rosa: com relação ao início do contato com a leitura, o meu primeiro contato com a leitura foi na família pois meu pai tinha livrinho de cordel e desde de muito cedo eu gostava de olhar as figurinhas de livros e me interessar pelo que estava escrito.

Por isso meu processo de alfabetização teve início cedo. E eu tinha cinco anos de idade quando começaram a me alfabetizar, não foi na escola porque na época com cinco anos de idade eu era nova pra frequentar a escola, então comecei em casa, mas como meus pais não sabiam ler minha mãe conseguiu me colocar em uma escolinha como ouvinte, pois eu tinha muito interesse para estudar. E sempre contando com o incentivo da minha família, acho que pelo fato da minha mãe não ser alfabetizada ela sentia se realizar em mim a aprendizagem da leitura que ela não teve oportunidade de realizar.

Na minha casa não tinha muito material de leitura como já falei, mas o pouco que tinha me despertava o interesse. Recordo-me que meu pai comprava os livrinhos de cordel, mesmo ele não sabendo ler, mas ele sempre encontrava alguém na vizinhança que lia para ele ouvir aquelas histórias. E por não saber ler meus pais decoravam as histórias.

E esse exemplo do gosto pela leitura foi me despertando e eu, mesmo não sabendo ler pedia emprestado para as colegas revistinhas infantis (tio patinhas e outras), e eu tinha interesse em aprender a ler para saber o que diziam as revistinhas “gibis” e como ainda não sabia, eu fazia a leitura das imagens e das figuras das revistas, mas meu sonho naquele momento era ler realmente o que estava escrito ali.

Rosa: A dificuldade e o negativo na alfabetização foi com relação ao acompanhamento das atividades aconteceu quando já na escola. Ter que estar pedindo pra os vizinhos me ensinar as tarefas de casa. Os que sabiam ler e escrever não tinha tempo. E mesmo eu sendo a mais nova eu era a frente dos meus irmãos...Eles ainda não sabiam ler.

Descreva a sua trajetória escolar no que se refere aquisição da leitura e escrita, destacando a idade que iniciou sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativo desse processo e a sua concepção de leitura.

Rosa: Os pontos positivos é que desde cedo com cinco anos eu já era o orgulho da família pois ajudava minha mãe a sair na rua, no comércio, a ler o nome das lojas, a olhar preço, desde muito cedo eu ajudo minha mãe nesses pontos.

Rosa: Muito, muito, muito incentivo desde os cinco anos de idade.

Rosa: minha mãe propôs se realizar em mim, com relação a aprender ler, porque ela não foi alfabetizada, não porque ela não quis, mas porque ela não teve oportunidade porque teve que trabalhar muito cedo. Então foi uma forma ela se realizar em mim, então até hoje ela aposta todas as fichas dela em mim.

Rosa: Ela não foi alfabetizada porque a mãe dela morreu, que é a minha avó, e ela tinha sete anos e pai dela deu pra adoção Pra pessoas adotarem que não eram da família, e ai então desde de muito cedo ela não podia estudar porque tinha que trabalhar nas casas. o sonho dela foi colocado para realizar nos filhos ( por exemplo em mim). E eu sou o orgulho dela.

Rosa: A alfabetização na escola acho que não foi muito difícil pelo fato de eu já ter tido aquele contato, antes de chegar à escola, então não foi tão difícil.

Sobre o que mais marcou e despertou o gosto pela leitura foi o apoio de minha família meus pais e até meus irmãos, que são mais velhos do que eu, e que eram denominados danadinhos na escola por não se interessar para aprender a ler, apostavam todas as fichas em mim. quero dizer que mesmo sendo de grande importância esse apoio dos meus irmãos para que eu aprendesse a ler, mas o incentivo do meu pai e de minha mãe foi algo primordial. A prova disso é que me lembro com carinho que ganhei do meu pai de presente o livro O Gato de Botas (conto) e isso marcou muito minha trajetória de leitora. Naquele tempo eu nem sabia que aquele texto era um conto, pois as professoras da escola não se preocupavam em nos esclarecer sobre gêneros textuais, só diziam que era livrinhos infantis. O importante é que eu tinha um livro novo para ler. Hoje eu tenho essa preocupação de fazer com que meus alunos entendam a importância de identificar os gêneros textuais em suas leituras.

Qual a participação de sua família no seu processo de alfabetização? Dos familiares, quem mais participou desse processo?

Com relação à participação familiar hoje reconheço que todos da minha família contribuíram para que eu aprendesse ler e escrever, isto é, entrar para o mundo da leitura e da escrita. Pois como já falei, me lembro que meu pai mesmo não sabendo ler comprava com frequência aqueles livrinhos de cordel e à noite pedia para um vizinho nosso que lia com muita dificuldade, mas tentava relatar aquelas histórias que geralmente eram ligadas a coisas do sertão nordestino, ou de coragem ou ainda coisas engraçadas como me lembro muito bem do título de um que era: “a chegada de lampião no inferno”, meu pai e minha mãe depois sabiam dizer (de cor) parte daquilo que foi lido pelo vizinho, eu achava aquilo muito importante.

Ao presenciar aqueles momentos de leitura, lembro com carinho que meu pai dizia minha filha aprenda logo a ler para você mesmo me dizer o que tem nesses romances, pois assim era denominado o cordel para meus pais. E isso me impulsionou a prender a ler mesmo antes de ser matriculada em uma escola, pois sentia o quanto seria importante para mim como também para minha família. Continuo correspondendo.

Como as experiências de leitura e escrita, que adquiriu, lhe são úteis no cotidiano? E na vida profissional?

Rosa: a experiência de leitura que tive e o incentivo que recebi na família são uteis na minha vida social e profissional e eu conto na minha sala de aula como forma de incentivar o interesses dos alunos pela leitura não só decifrar os códigos linguísticos, mas como interação. E eu acredito que alguns dos alunos vão tirar de lição da minha história de vida.

Essas suas experiências de letramento são uteis na sua vida social e na tua vida profissional também, não é isso?

Essas experiências que relato são de grande valor, pois foi o apoio e incentivo da família que mais contribui para a minha formação de leitora mas a união dessa com a escola também. Pois minha mãe mesmo não sendo alfabetizada ela estava sempre presente na sala de aula, interagindo com a professora, e por isso eu acho que a escola contribuiu muito.

Rosa: como referência da escola me lembro da professora Rosângela, ela contribuiu muito, e a professora Rosidélia, foram as que iniciaram minha alfabetização escolar e que eu tenho boas lembranças delas, inclusive das fábulas que elas liam para os alunos, isso foi na primeira série do ensino fundamental, eu leio para os meus alunos.

E do mesmo jeito que eu acredito que me chamou atenção que eu não esqueci até hoje, marcará também meus alunos.

O que de negativo me marcou na escola foi uma professora que eu tive que não gostava do meu irmão, porque meu irmão era muito rebelde e ela não conseguia bater de frente com ele, porque acho que ela tinha um pouco de receio apesar de ele ser pequeno, e ela tentou descontar em mim. Só, o resto foi só alegria.

O que levou você a escolher o curso de Pedagogia?

Rosa: o que me levou a escolher o curso de pedagogia envolve a minha mãe de novo. Desde criança isso foi um sonho da minha mãe, que ela dizia que o sonho dela era ser professora e eu desde criança nas brincadeiras eu sempre queria ser professora; hoje eu faço questão de relatar esses fatos. Apesar de ter professores meus dizendo pra escolher outra profissão, contando os pontos negativos da profissão, mas mesmo assim para a minha mãe essa era a melhor profissão e eu peguei o gosto também. Não foi por falta de opção, foi por gosto mesmo.

Eu queria...eu quero e gosto muito da profissão, gosto de ser professora. me identifico

As suas experiências de letramento ajudaram na escolha do curso de pedagogia?

Rosa: Minhas experiências de letramento ajudaram sim na escolha do curso de pedagogia e eu acredito que o curso já vem também desde muito tempo me influenciando e eu acredito que só contribuiu.

Rosa: o curso de pedagogia tem contribuído muito até porque aqui agente aprende sobre diversos assuntos, podemos destacar os temas que envolvem alfabetização e letramento, estudados na disciplina Fundamentos da alfabetização que muito contribuiu para entender e praticar o letramento. O que agente estuda aqui na universidade, e aprende agente leva pra o meio social e para no meio profissional também porque se hoje eu sou uma professora, e eu acredito que consigo exercer de forma correta a profissão, graças ao meu curso que ampliou totalmente a minha mente de aprendizagem e minha visão de mundo

Eu acredito que é essencial ser um bom leitor para ser um bom professor, porque o professor é um formador e seu exemplo e prática de leitura vai incentivar o aluno para leitura prazerosa. Eu enfatizo bastante isso, que todas as outras profissões passam pelo professor, então se hoje você ensina uma criança, mais na frente ela vai ser um médico, um advogado ou outra profissão, então isso só vai funcionar de fato se o professor for um professor leitor, pois assim ele terá acesso ao conhecimento e assim incentivará seus alunos a novas descobertas, porque a leitura é um dos mais importantes meio para o homem interagir com seu meio. Então acredito que parte muito do professor, é preciso que esse professor da

universidade seja realmente um formador de profissionais e isso exige que ele tenha um conhecimento mais aprofundado e isso requer inúmeras leituras que leve o acadêmico a adquirir muito mais conhecimento.

Qual foi a maior dificuldade encontrada na universidade?

Rosa: A maior dificuldade que eu me deparei aqui na universidade foi no primeiro período, até porque eu não estava acostumada com o nível dos trabalhos acadêmicos, das leituras, do ritmo. No primeiro período eu confesso que tive dificuldade, mas do segundo até hoje não.

Como estou na metade do curso de Pedagogia, acredito que já evolui bastante, porque a cada período que passa agente aprende mais, sempre agente está aprendendo um pouco mais e sempre aprendendo e levando as experiências adquiridas aqui na universidade para o meio social que agente está inserido.

Como deve ser a relação professor e aluno?

Rosa: Acho que a relação professor aluno deve ser bem interativa, que o professor se aproxime do aluno e esse aluno possa vê no professor um modelo positivo de leitor, de forma alguma o aluno tem que ter medo do professor. Um exemplo foi no primeiro dia de aula, quando eu cheguei, eu comecei a falar baixo na sala para meus alunos e querendo escutar o que eu estava falando pediram silêncio para os próprio colegas, e eu comecei a contar a fábula que minha professora contou na primeira série, que falei antes, que foi a do ratinho e o leão, e eles se engajaram tão gostoso que depois foi muito comentado. Eu acho que a relação do professor tem que ser de diálogo, ele deve ser amigo do aluno. E para formar o leitor é preciso que o professor se aproxime do aluno. Para que o professor seja um leitor, que ele busque leituras, porque ele só será um bom leitor se praticá-la, buscando leitura ele vai estar bem informado para incentivar seus alunos a se tornarem leitores,

## ANEXO 4

### ENTREVISTA ALUNA TULIPA

Qual foi seu primeiro contato com a leitura?

Bom, o meu contato com a leitura começou quando eu era pequena, acho com uns quatro anos de idade na minha casa, pois além do material escolar dos meus irmãos mais velhos, meu pai comprava revistinhas e livros infantis para os filhos. Meus irmãos mais velhos já estudavam em uma escolinha do nosso bairro. A minha mãe levava meus irmãos e eu ia junto, eu chorava para ficar na escola, mas na época eu ainda não tinha idade. Em determinado momento a professora disse que eu poderia ficar como ouvinte, se eu já gostava de manusear os livros criando história com base nas figuras, para mim já era uma leitura, mas ainda só das imagens, então foi nessa escolinha que eu comecei a me apaixonar pelos os livros. Para alegria minha, meu pai comprava vários gibis pra mim e pra meus irmãos. Um dia ele até levou um susto quando viu meu irmão sozinho no quarto lendo. Eu pegava os gibis e ficava vendo as imagens, criava, contava uma história, imaginando o que estava escrito ali, e o engraçado é que o que eu falava na “minha historia” às vezes até se aproximava daquilo que estava realmente escrita no balãozinho.

Com cinco anos de idade entrei para a escola infantil, mas não concluí a educação infantil porque meus pais se mudaram de cidade. Chegando aqui nesta cidade minha mãe me matriculou somente aos sete em uma escola de ensino fundamental, nessa escola o ensino era bastante tradicional. Eu não sabia ler ainda, apenas por imagens e as primeiras letras e a professora, porém não era tão rígida comigo e foi lá que eu aprendi a ler. Depois de um

tempo eu já lia bem rápido, soletrava corretamente, mas isso porque em minha família eu recebi incentivo para aprender e desenvolver a leitura.

Descreva a sua trajetória escolar no que se refere aquisição da leitura e escrita, destacando a idade que iniciou sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativo desse processo e a sua concepção de leitura.

O que foi positivo para mim no início da minha alfabetização foi o incentivo dos meus pais que mesmo não tendo a oportunidade frequentar a escola, me deram a maior força para que eu estudasse e chegasse até aqui onde estou; o carinho das professoras das séries iniciais, que por mais que fosse uma educação tradicional, daquelas de botar crianças de castigo, usar da palmatória, mas também havia umas professoras que tinham um carinho muito grande e não fazia o uso dessa palmatória, mas eu ficava muito chateada quando a professora pegava a caneta e riscava meu material explicando, era engraçado porque eu não gostava que riscassem de vermelho aquilo que estava errado, porém era a prática pedagógica daquele momento. E a parte chata, negativo foi o uso de castigos, palmatória e outras formas de punição e de pressão utilizada pela escola para levar o aluno a aprender a ler. E ainda trabalhar a leitura do texto totalmente sem considerar as experiências anteriores do aluno, no meu caso, quando fui para a escola já utilizava o meu jeito de fazer leitura que era observando as imagens, eu não sabia as letras, mas aquilo era a minha forma de fazer leitura. Entendo que essa preocupação em levar o aluno somente a decifrar os códigos não ajuda muito a aprendizagem, principalmente quando se trata do ensino e prática da leitura, que deve ser trabalhada de forma contextualizada e como momentos de interação.

Você recebeu influência, de quem, no percurso da sua história de leitura e escrita?

Minha mãe, ela incentivou muito tanto para questão da leitura como da aprendizagem em geral. Eu me lembro que quando eu saía com ela na rua ela fica pedindo para eu ler as placas e os escritos nos muros por onde passávamos e quando ela levava eu e minha irmã era legal pois nós ficávamos competindo quem lia mais placas, nome das empresas, então isso era uma forma de me incentivar a cada vez gostar da leitura.

Minha mãe me incentivava muito para o gosto pela leitura, que além de comprar as revistinhas “gibi” comprou também para casa uma lousa, para que nós (eu e meus irmãos) pudéssemos escrever e fazer a respectiva leitura.

Ela falava que era importante porque um dia eu ia crescer e ela ia me ver formada na universidade e eu dizia que sim. Minha mãe via em mim a possibilidade de crescer nos estudos, coisa que para ela não foi possível, primeiro que na infância não estudou e casou-se muito jovem e meu pai não permitiu que ela estudasse então ela virou dona de casa.

Tanto minha mãe como também meu pai me incentivaram e deram maior apoio para que eu desenvolvesse minha prática de leitura. Meu pai sempre pedia para que nós os filhos lessem algum texto para ele, às vezes era notícia de jornal que ele comprava, com destaque para a parte de esporte e outras formas de leitura, mas sempre estava presente em nossa casa a leitura.

Alguma leitura foi marcante para você?

Uma leitura que me marcou muito, que eu sempre gostava de ler, era a da bela adormecida, porque foi um dos livros que eu ganhei de minha mãe e eu achava a história muito bonita.

Minha mãe me deu de presente esse livro que já citei. E ela me presenteou com revistinhas dos personagens da Disney, pois ela revendia produtos avon e catálogos de pedido também tinha para comprar revistas e ela comprava com frequência e até hoje eu tenho várias dessas revistas comigo, vou guardá-las e um dia entregar pra minha filha, quando ela crescer mais. E outro livro que até hoje eu guardo comigo, já dei até aula com ele, foi um livro da primeira série o livro “é riquíssimo”, ele tem o que na época era chamado de cópia, umas leituras muito bonitas e boas para trabalhar com as crianças, são histórias amorosas,

principalmente uma que fala dos dias das mães, e sempre que eu estou em algum lugar que eu sou convidada eu leio a história do dia das mães e as pessoas que ouvem se emocionam.

Essas formas de incentivo para leitura muito contribuiu para meu crescimento como leitor, em primeiro lugar, eu desenvolvi o gosto para ler e escrever poesias, reflexões, esse exemplo de ler e escrever poesias aprendi com meu irmão. Lembro quando nós éramos mais jovens eu pedi para ele um livro, ele me perguntou se eu preferia um vidro de perfume ou o livro, até hoje eu me lembro desse momento e eu preferi o livro pois analisei: o perfume acaba e um livro mesmo depois de se rasgar vai deixar os ensinamentos e conteúdos nele existente com aqueles que tiveram acesso a esse escrito, lembro ainda que esse livro que ganhei era de Cecília Meireles, mas não me recordo do título. Esse meu irmão hoje é também graduado em pedagogia.

Eu já gostava de pedagogia mesmo antes de cursá-la, também porque eu ensinei em uma creche com o magistério que eu tenho e também Eu via que eu já tinha o dom de ensinar para as crianças, então só me faltava o curso superior, por isso fui em busca de realizar esse sonho de ser pedagoga. Na sua concepção comente como deve acontecer o processo de aquisição da leitura e da escrita tendo como parâmetro a relação professor e aluno?

Na minha concepção o professor também tem que ser um leitor crítico, a universidade precisa contribuir na formação desse profissional que possa fazer análise do que ele está lendo, ou seja, tenha compreensão e poder de interpretação das leituras realizadas e não simplesmente ler por ler, tem que utilizar leitura na sua vida profissional como na vida social.

Esse professor para formar novos leitores tem que primeiramente gostar de ler, colocar em sua profissão e na vida social essa prática e só depois disso ele pode transmitir para seus alunos e ainda tem que se empenhar para formar novos leitores.

O momento mais emocionante na minha experiência como professora foi quando eu fui trabalhar na escola Neuza de Carvalho Bastos, onde estudei as primeiras séries e também aprendi a ler. No dia que eu entrei na escola eu revivi os tempos que eu era pequena, quando me deparei com a porta da biblioteca foi uma emoção ainda maior, falei para a professora que aquela sala na qual hoje funciona a biblioteca, já foi minha sala de aula, a sala que aprendi a ler, foi uma emoção muito grande e foi uma sensação muito gratificante.

A leitura é de extrema importância para a formação crítica da pessoa. Todo dia falo para meus alunos a importância desse contato com os livros, a emoção que a leitura proporciona ao leitor. Eu levo com frequência meus alunos à biblioteca, pois o que se percebe é que essa prática não é muito utilizada por vários professores. Hoje em dia é muito comum os alunos baixarem livros da internet e apesar de ser uma forma prática e moderna de ler, eu ainda acredito e defendo que o contato com o livro em papel é indispensável. Hoje, com esse meu trabalho na escola eu me sinto realizada.

## **ANEXO 5**

### **ENTREVISTA DA ALUNA VIOLETA**

Qual a importância da leitura para você?

Leitura na vida de uma pessoa é indispensável, ela está em todas as nossas ações do dia a dia. Eu venho de uma família em que meus pais são analfabetos, mas tinha suas histórias narradas de forma oral, com exemplo as orientações de textos bíblicos, alguns acontecimentos históricos. Meus pais não sabiam ler os textos escritos, mas meu pai conhecia um pouco da matemática de forma elementar. Mesmo não conhecendo a leitura dos textos escritos, tinha uma leitura da realidade que os cercava.

Quando foi seu primeiro contato com a leitura?

Meu primeiro contato mais direto com os livros foi na escola. Das várias leituras que realizei na escola me lembro, de um texto que tinha no livro e o autor era Monteiro

Lobato. O título do texto era “o sapato ferrado e a sandália de veludo”. Os dois discutiam porque a sandália dizia que pisava nos melhores tapetes enquanto o sapato pisava na sujeira, sendo que no fim os dois foram parar na lata de lixo. Foi uma história linda que eu nunca esqueci. Essa leitura foi a que mais me marcou. Ela me mostrou que por mais que os dois fossem diferentes tiveram o mesmo destino. Trazendo para a educação significa dizer que as diferenças entre as pessoas existem e as possibilidades de acesso ao saber podem ser diferentes mas o objetivo é o mesmo: aprender. E no caso da leitura cada pessoa tem sua forma de entender um texto, por isso se deve valorizar as leituras do cotidiano, principalmente as experiências na família e na comunidade que são a base para entender as leituras posteriores como na escola, igreja e outros espaços que participamos desse pratica de ler e entender aquilo que foi lido.

Eu comecei a manusear em livros na escola, mas em casa eu tinha contato com a leitura da seguinte forma: minha casa era de assoalho e para que nós lêssemos e escrevêssemos, meu irmão que já frequentava a escola sempre trazia uns pedacinhos de giz da escola aí mandava eu escrever no chão que era de tábuas, eu escrevia as letras do alfabeto, depois ele mandava eu ler. E em seguida, após as letras, foi me ensinando sílabas, palavras simples e assim meu irmão mais velho iniciou minha alfabetização ainda na família, tudo isso com o apoio e incentivo da minha mãe que não sabendo ler, queria ver seus filhos todos alfabetizados e posteriormente prosseguindo nos estudos.

Meu processo de alfabetização teve início na minha casa, em família, eu tinha nesse época entre cinco e seis anos de idade. Como já falei, essa pratica do meu irmão me ensinando as primeiras letras foi gratificante pois quando completei sete anos e minha mãe me matriculou na escola para cursar o primeiro ano (1ª série) eu já conhecia o alfabeto e sabia ler algumas palavras

Descreva a sua trajetória escolar no que se refere aquisição da leitura e escrita, destacando a idade que iniciou sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativo desse processo e a sua concepção de leitura.

No início da minha alfabetização dentre os pontos positivos em aprender a ler destaco a dedicação do meu irmão em me ensinar e me incentivar a aprender ler e escrever. Da escola também recorro de momentos gratificantes de apoio, mas quem marcou esse avanço na aprendizagem da leitura foi mesmo o meu irmão. Ele tinha delicadeza pra ensinar, ele nunca brigava com a gente. Eu tive muita facilidade pra aprender a ler, mas a minha outra irmã que também aprendeu com ele, era mais lenta para aprender. O que eu aprendia rápido ela passava um mês pra aprender. Depois de um tempo, eu já ensinava ela mesmo ela sendo mais velha, uma vez que ela tinha muita dificuldade de aprender. Em relação aos professores, eu me considero do mesmo jeito do meu filho Moisés. Ele está no 4º ano e nunca deu trabalho aos professores para ler e escrever. Ele gosta muito de ler, tanto é que ele aprendeu a ler com 5 anos, Eu fui parecida com ele, eu tive o incentivo que ele teve da família, só que minha mãe não sabia ler. Além dos meus pais incentivarem agente para aprender a ler também quem tinha muito interesse na nossa educação, ajudando a mim e minha irmã a aprender a ler era o meu irmão. Até porque ele pensava que se a gente chegasse à escola sem saber ler a professora nos castigaria porque naquele tempo castigos físicos eram comuns, principalmente para os alunos que não aprendiam a leitura e as operações matemáticas.

Considerando seu grupo familiar, como é a relação desses com a leitura e a escrita?

A nossa mãe sempre nos falava que não queria que nós fôssemos como ela era. Ela não sabia ler e por isso tinha vergonha de chegar aos lugares e alguém lhe perguntar “qual é o nome disso aqui?” Ela só sabia assinar o nome dela. Ela não lia mas sabia assinar seu nome. Ela dizia assim, “não é porque eu não estudei que eu não quero que vocês estudem” e ainda hoje ela diz que se ela não estudou e não aprendeu a ler e escrever a culpa não foi dela pois ela pedia muito para ir estudar, mas era tudo muito mais difícil, pois a preocupação dos

pais, segundo a minha mãe, era mais com o sustento da família, não tinha nenhum interesse pelo estudo e também eram poucas escolas públicas e poucas vagas. Essas lembranças é que levavam minha mãe a querer que eu e meus irmãos fossemos para escola.

Como minha mãe nasceu na roça, sem estudo casou-se muito jovem com meu pai, e o marido achava que ela deveria fazer só o que ele queria, pois achava que ela por não saber ler e escrever não entendia de nada (o interessante é que ele também não sabia ler) e ele entendia e é quem tomava as decisões na casa. Então ela não queria que isto acontecesse com a gente. Ela sempre orientava “estudem, porque sem o estudo as coisas ficam mais difíceis principalmente para conseguir emprego. Então ela sempre dizia isto pra gente, para que estudássemos, porque a melhor herança que ela podia nos dar era a nossa educação, era o conhecimento.

Entendo que Hoje em dia não é suficiente ser bom, é preciso sim ser o melhor, pois o mundo globalizado exige profissionais competentes e entendo que essa competência profissional perpassa pelo conhecimento escolar e principalmente pelo domínio da leitura e escrita. Eu despertei esse entendimento da necessidade da leitura para melhoria da profissão, principalmente quando eu entrei na universidade. Comecei a ter contato com os textos científicos relacionados ao meu curso, comecei a ler mais, assistir jornais, me informar, pois tudo isso serve como aperfeiçoamento. Não adianta ler sem ter as informações atuais, ou seja, é preciso contextualizar o conhecimento e assim contribua para o entendimento e aprendizagem.

Se eu não tivesse essa influência, da família, principalmente da minha mãe talvez eu tivesse pouco interesse. Pois ela dizia que nós tínhamos que aprender a ler e se interessar por estudar para não sermos submissas, mas sim ter posicionamento. Isso me ajudou bastante a ter garra, a lutar, a buscar conhecimento.

O que levou você a escolher o curso de Pedagogia?

Quando eu me inscrevi no vestibular meu sonho sempre foi fazer matemática mas como a faculdade não oferecia esse curso fiz pedagogia pois era compatível com meus horários, podia deixar meus filhos para assistir as aulas. Com o passar do tempo eu me apaixonei também pelo curso de pedagogia, que hoje não me vejo sem que seja exercendo a profissão de professora, pois é gratificante você ajudar o outro a entender melhor o mundo através da leitura e interpretação dos textos. E essa leitura a que me refiro não se limita somente aos textos impressos, pode ser também uma imagem, uma gravura, o olhar do seu semelhante e outras formas de desenvolver a leitura no meio social.

No que o curso de pedagogia contribui na sua vida?

O curso de pedagogia contribui principalmente para minha experiência profissional. A cada disciplina que a gente passa adquire um pouco daquilo que a gente vai utilizar na sala de aula e para ajudar na formação de alunos leitores a disciplina fundamentos da alfabetização muito tem contribuído para essa prática.

Quando eu estou ensinando os alunos das séries do fundamental, eu sempre incentivo eles a praticar a leitura é a melhor coisa que existe, que quando a gente lê, a gente viaja. Na educação infantil, eu incentivava meus alunos através de brincadeiras, dos desenhos e rabiscos. Ensina-los a ler através de brincadeiras.

Eu acredito que o professor precisa ser um leitor assíduo para assim despertar no aluno o gosto pela leitura, não basta somente mandar o aluno ler, ele precisa de uma referência de leitor e o professor precisa ser essa referência e modelo para o aluno.

Eu falo para meus alunos e também para os meus filhos todos os dias. É que a melhor forma de viver é fazendo aquilo que é certo, estudar. Minha dica é que leiam, leiam bastante, pois a leitura contribui para a interação entre as pessoas ou interação entre o leitor e a mensagem do texto que foi lido e assim a ter melhor entendimento do mundo.



## ANEXO 6

### ENTREVISTA DA ALUNA HORTÊNCIA

Qual foi seu primeiro contato com a leitura?

O meu primeiro contato com os livros foi com a família. Apesar de meus pais serem analfabetos mas queriam muito que os filhos aprendessem a ler. Esse incentivo da minha família não foi somente comigo, a exemplo é que minha irmã mais velha era apaixonada por leitura e isso contribuiu e incentivou para o meu gosto pelos textos escritos. O importante é que esse meu gosto pela leitura foi reforçado por essa minha irmã, pois ela sempre me deu livros de presente e quando eu ainda não sabia ler, eu gostava de olhar as imagens. Eu me interessava por essa leitura de imagens não somente nos livros mas também em embalagens de objetos que eu tinha acesso como exemplo, as caixas de creme dental, de sabonete, saco de biscoito e outros...

Por conta da minha vontade de ler, e insistência para estudar; antes de iniciar na escola regular, minha mãe me colocou em uma escolinha particular, onde eu aprendi as primeiras letras do alfabeto para mim tudo aquilo era novidade e muito interessante. Nessa escolinha eu comecei a fazer a relação entre o nome e a imagem ou gravura, claro que de algumas palavras, mas isso me ajudou, pois quando eu fui para a escola regular já sabia ler um pouquinho.

Quando foi o início da sua alfabetização?

O início de minha alfabetização foi na minha família quando eu tinha cinco ou seis anos, mesmo tendo pais analfabetos eles me incentivam a aprender ler, como também tive o apoio de minha irmã que já sabia ler.

Fato importante e marcante do início da alfabetização foi que eu já fui para a escola com entendimento do que seria leitura, o que seria estudar como já falei antes, através daquilo que eu já havia presenciado no meu lar. Eu ganhei de presente da minha irmã mais velha uma cartilha onde eu olhava as gravuras e as letras; mesmo não sabendo o que estava escrito eu criava a história com base nas figuras existentes na cartilha. Para mim ali era leitura..., aí eu viajava naquelas histórias que eu mesma criava.

Descreva a sua trajetória escolar no que se refere aquisição da leitura e escrita, destacando a idade que iniciou sua alfabetização, os pontos positivos e/ou negativo desse processo e a sua concepção de leitura.

Após ganhar da minha irmã a cartilha além de gostar de ver as imagens, passei também a gostar de ler, isso foi positivo no início da minha alfabetização.

Só que também teve o lado que ficou marcado como negativo, é que a professora da escolinha que eu frequentei antes dos sete anos de idade usava métodos tradicionais no processo de alfabetização e principalmente relativo às quatro operações matemáticas como também para a avaliar a leitura realizada pelos alunos. Esses métodos incluíam castigos e o instrumento palmatória. Essa palmatória era utilizada para bater nos alunos que não sabiam ou erravam. No início da minha alfabetização eu trocava o “b” e o “c” e por isso eu apanhei bastante, e o inusitado é que depois que eu comecei a apanhar da palmatória eu parei de trocar, mas por medo, então hoje eu faço diferente com meus alunos, pois entendo que uma aprendizagem não evolui sobre pressão, principalmente relacionada à leitura, para isso o professor não deve desenvolver no aluno o sentimento de medo e obrigatoriedade, e sim gosto e prazer em aprender a ler e realizar as demais atividades da sala de aula.

Considerando seu grupo familiar, como é a relação desses com a leitura e a escrita?

Os meus pais, como eu falei no início, são analfabetos, a minha mãe sempre trabalhou lavando roupa pra fora para ajudar no sustento da família, mas tinha um tempinho

para ficar com os filhos e nos dá conselhos e orientações, além de que sempre nos incentivou a estudar. Meus pais não liam textos escritos para nós (filhos), mas contavam histórias que aprenderam com seus pais, histórias que continham lições de incentivos ou orientações para a nossa vida. E minha mãe sempre tinha uma canção para cantar para os filhos dormirem, eu achava muito interessante. Eles (pais) também tinham conhecimento sobre o tempo, por exemplo, posição geográfica, noção de horário sem utilizar-se do relógio. E por ter interesse em aprender ler, o meu pai até se matriculou (depois de adulto) no “mobral” que era um programa naquela época voltado para a alfabetização de adultos. Ele não aprendeu a ler, mas sabia agora escrever o seu próprio nome, e ele sempre nos dizia que ele queria ensinar para a gente o que ele não tinha aprendido no passado, então ele queria nos ver formados e ele falava muito da questão das quatro operações em que ele aprendeu na época, ele não sabia ler mas ele conhecia as quatro operações e fazia contas de cabeça e sempre falava que o sonho dele era nos ver formados e sendo doutores, então é um incentivo muito grande, minha mãe sempre falava que tinha vontade de nos ver formados, então todos os dois incentivaram e a minha irmã, por ser a mais velha, sempre nos incentivou muito, nos deu livros, sempre tentou nos ensinar antes mesmo de nós começarmos a estudar.

Como nós não sabíamos ler, o que ela aprendia com minha outra irmã, irmã de criação, ela tentava nos passar, ela montava um quadro de giz na parede e tentava nos ensinar, o que estava escrito no livro ela queria que repassássemos para a lousa e depois falássemos, na época eu não sabia ler mas tentava fazer relações com o que eu já conhecia. Ela sempre tinha o cuidado de nos divertir enquanto aprendíamos, ela sempre falava que na hora que iria nos ensinar que nós iríamos brincar de escolinha e isso foi um incentivo muito grande e fez com que eu me apaixonasse pela leitura.

Qual a importância que a leitura tem na sua vida?

A leitura na vida da pessoa é primordial, quando a pessoa não sabe ler ela não possui uma visão mais limitada da realidade. A leitura serve para uma ampliação de conhecimento do mundo, a leitura é algo que faz parte de nossa vida. Quem não sabe ler as palavras, isto é, não foi alfabetizado, sente muitas dificuldades para conviver numa sociedade letrada como a nossa. Já no caso dos meus pais, essas pessoas, mesmo não conhecendo as letras do alfabeto, fazem leitura do mundo como afirmava Paulo Freire, portanto essa leitura também tem o seu valor. E hoje é percebido que há uma mudança na mentalidade das pessoas, antes diversas crianças ficavam fora das escolas porque faltava interesse ou entendimento dos pais quanto à importância da escola, além também do problema do limite de vagas nas escolas, pessoas que viviam em zonas rurais enfrentavam dificuldades para chegar na escola mais próxima, tinham que andar quilômetros e quilômetros, hoje em dia esse problema foi amenizado, várias escolas foram abertas, e diversas creches que auxiliam no aprendizado da criança foram construídas.

Algo ficou marcado durante sua alfabetização?

O que mais ficou marcado para mim de positivo no início da minha alfabetização foi quando eu aprendi a ler, uma pessoa muito legal na minha vida, que é a professora Fátima, que me ensinou as primeiras letras do alfabeto e me ensinou as palavrinhas básicas. Quando uma criança aprende a ler as primeiras palavras, toda vez que ela olha aquela palavra é emocionante pra ela, e foi o que aconteceu comigo, eu ficava maravilhada, quando eu li as primeiras palavras, para mim foi como se tivesse conquistado o mundo, eu devo muito isso as minhas professoras do ensino fundamental, mas tem uma professora que marcou que foi a professora Fátima.

O que foi determinante para a escolha do curso?

Para escolher o meu curso superior, no primeiro momento eu tive vontade de fazer nutrição e não tinha a noção de que o curso de pedagogia era tão maravilhoso, depois que eu me engajei nas escolas e comecei a trabalhar, antes mesmo de entrar para a faculdade, eu

percebi que aquela era minha paixão e percebi que se eu fizesse nutrição eu me afastaria do meu verdadeiro sonho, por isso optei por pedagogia, prestei vestibular, passei e depois eu fui observar que a pedagogia possui campos que nos fazem nos apaixonar a cada dia mais, conhecendo cada disciplina, conhecendo como cada professor ministra. Então isso fez com que eu me apaixonasse cada vez mais. A pedagogia também vai me ajudar a trabalhar com as crianças. O início, tanto o maternal e o fundamental menor são a base, e a pedagogia nos dá uma visão diferente para trabalharmos, também na formação de profissional que valorize a leitura como algo de interação entre os saberes.

A pedagogia precisa contribuir para a formação de docente que valorize a leitura. , se for analisar você perceberá que a pedagogia possui um leque enorme de conhecimento que nós podemos trabalhar na sala de aula, podemos trabalhar com diversas coisas que a pedagogia nos oferece, ela nos dá uma visão ampla para que possamos trabalhar e botar em prática aquilo que aprendemos na sala de aula.

Como eu trabalho com crianças de cinco anos, que ainda não sabem ler, eu trabalho muito com jogos, com cores, para que essa criança possa estar relacionando aquilo que ela tem em casa com a aula. Quando eu vou trabalhar com o quadrado, por exemplo, eu uso uma mesa quadrada para fazer uma relação com a forma para que a criança faça uma relação de imagens. Quando vou trabalhar leitura de um texto, eu procuro o máximo possível contextualizar o assunto do texto com cotidiano, para facilitar o entendimento e aumentar o interesse deles para a aprendizagem.

Na sua concepção comente como deve acontecer o processo de aquisição da leitura e da escrita tendo como parâmetro a relação professor e aluno?

Os professores têm de se utilizar de métodos que façam o aluno se interessar para que ele não apenas frequente as aulas como também que ele extraia o essencial dessa aula. A internet possui diversas funções que podem servir de auxílio para o professor na busca de uma maior interação com seus alunos, na formação do leitor, mas nunca vai substituir por completo um texto impresso. Não só pela internet, mas através de vídeos para complementar a leitura. Um exemplo disso é uma professora que nos passou uma leitura, e após essa leitura ela nos mostrou um vídeo baseado na história, isso serviu para que tivéssemos uma nova visão do livro que lemos, e essa relação chama muito a atenção dos alunos. Pois ser leitor é algo que sempre está em construção e se estiver alguém para incentivar e apoiar esse leitor ele será cada vez melhor.

Meu recado é para as pessoas possam mais valorizar a leitura e a educação. A leitura é apaixonante. Quando eu estava me preparando para o vestibular eu li uma obra de Clarisse Lispector que é o livro “a hora da estrela”, e apesar da tensão do vestibular, a leitura desse livro me acalmava e fazia com que meus estudos fossem mais produtivos. Toda leitura vai servir para você de alguma maneira.

Para ser um bom docente: Primeiro tem que ter um perfil profissional, tem que possuir responsabilidade, principalmente quem trabalha na base. Nós sabemos que a base que a educação infantil e o ensino fundamental é de extrema importância para a pessoa, uma base bem feita é o primeiro passo para formar um bom aluno e leitor, e esse aprendizado vai servir para o resto de sua vida. Além disso, é preciso ter carinho pelo seu aluno, para tornar o ambiente escolar propício para o aprendizado, fazendo da escola um local acolhedor e assim todo aluno possa desenvolver o gosto pela leitura, não somente dos conteúdos escolares, mas dos diversos gêneros. Pois quem ler bastante, amplia vocabulário, sabe se expressar melhor e tem melhor entendimento de mundo e de convívio sócia e ainda maior possibilidade no mundo do trabalho agora globalizado.